

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CAROLINE FINGER STRESSER

**LUTERANOS DE BERÇO:** o perfil dos pastores e pastoras da IECLB e a questão da  
etnicidade teuto-brasileira

Porto Alegre  
2021

**LUTERANOS DE BERÇO:** o perfil dos pastores e pastoras da IECLB e a questão da  
etnicidade teuto-brasileira

Dissertação apresentada como parte do requisito à obtenção do grau de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Karl Martin Monsma

Porto Alegre  
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Stresser, Caroline Finger  
LUTERANOS DE BERÇO: o perfil dos pastores e  
pastoras da IECLB e a questão da etnicidade  
teuto-brasileira / Caroline Finger Stresser. -- 2021.  
125 f.  
Orientador: Karl Martin Monsma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Sociologia. 2. Etnicidade. 3. Teuto-brasileiros.  
4. Luteranismo. 5. Pastores luteranos. I. Monsma, Karl  
Martin, orient. II. Título.

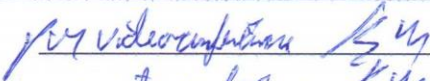
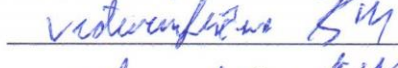

Caroline Finger Stresser

LUTERANOS DE BERÇO: o perfil dos pastores e pastoras da IECLB e a questão da  
etnicidade teuto-brasileira

Dissertação apresentada como parte do requisito à obtenção  
do grau de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Pós-  
Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia de  
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Porto Alegre, 28 de outubro de 2021

Banca Examinadora	Origem
Maria Catarina Chitolina Zanini	UFSM
Silvana Krause	UFRGS
Enio Passiani	UFRGS

Membros	Assinatura	Avaliação
Maria Catarina Chitolina Zanini		Aprovado
Silvana Krause		Aprovado
Enio Passiani		Aprovado
Conceito Geral da Banca: ( <i>Aprovado</i> )	Correções solicitadas: ( ) Sim ( <i>X</i> ) Não	

ção de mudanças, indicar se haverá

\_\_\_\_\_  
Aluno

  
\_\_\_\_\_  
Orientador

Porque um agradecimento não seria o suficiente,  
este trabalho é dedicado a Mariane Cristina Finger Stresser e a Loria Ligia Kleinubing  
(mesmo sabendo que uma dedicatória também não é o suficiente).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de aprendizagem única. Agradeço aos professores que tive nesse processo e ao meu orientador, Karl Monsma.

Também agradeço aos amigos que fiz no mestrado. Vocês me ajudaram muito a enfrentar o mestrado e a pandemia, ou o mestrado em meio à pandemia.

Agradeço ao apoio da minha família, seja financeiro, seja uma comida congelada, seja uma ligação, seja um apoio em palavras. Muito obrigada ao meu pai e aos meus avós. Também agradeço os meus amigos que já são família: Rachel, Natan e Maiara.

Quero agradecer imensamente aos pastores e pastoras que se dispuseram a participar da minha pesquisa. Muito obrigado por cederem seu precioso e ocupado tempo para responder as perguntas do questionário. Também muito obrigada por compartilharem comigo suas experiências de vida, muito obrigada por fazer este trabalho passar de um projeto ambicioso à realidade. Espero que ele também seja de serventia a vocês.

“Tudo já foi dito uma vez,  
mas como ninguém escuta  
é preciso dizer de novo”  
André Gide

## RESUMO

O trabalho tem como tema de pesquisa os pastores e pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), mais especificamente duas dimensões ligadas a esses agentes: a etnicidade teuto-brasileira e a relação entre origem social e trajetória profissional de tais agentes. O objetivo do presente trabalho é investigar a relação entre as escolhas subjetivas e a posição social (e de origem) dos agentes: identificar o perfil dos pastores e pastoras atuantes em comunidades luteranas no ano de 2020, analisando a relação entre dados de origem social e as trajetórias profissionais desses pastores e pastoras, com ênfase no aspecto da origem étnica teuto-brasileira. Para a obtenção dos dados foi realizado um survey interseccional exploratório. A coleta de dados foi realizada de forma padronizada por meio de um questionário online autoaplicável na plataforma “google forms”. O questionário foi enviado aos pastores e pastoras atuantes na IECLB no ano de 2020, resultando em uma amostra de 173 pastores e pastoras. Os principais resultados encontrados na pesquisa foram que quase 70% dos pastores e pastoras falavam alemão no ambiente familiar, 92% deles acreditam haver uma relação entre igreja e germanidade, 91% afirmam que saber ou não falar alemão influencia no seu trabalho como pastor, bem como 82% acreditam que sua origem étnica impacta no trabalho como pastor. Também 45,7% têm o hábito de comunicar-se em alemão com os membros. Para finalizar, praticamente metade deles (49%) afirmam conhecer casos de dificuldades relacionados à origem étnica enfrentados por pastores e pastoras no seu ambiente de trabalho.

**Palavras-chave:** Pastores Luteranos. IECLB. Teuto-brasileiros.



## **ABSTRACT**

The theme of this research is the pastors of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB), more specifically two dimensions linked to these agents: German-Brazilian ethnicity and the relationship between social origin and professional trajectory of such agents. The objective of the present work is to investigate the relationship between subjective choices and the social position (and origin) of the agents: to identify the profile of pastors working in Lutheran communities in the year of 2020, analyzing the relationship between social origin and the professional trajectories of these pastors, with emphasis on the aspect of German-Brazilian ethnic origin. To obtain the data, an exploratory intersectional survey was carried out. Data collection was carried out in a standardized way through a self-administered online questionnaire on the “google forms” platform. The questionnaire was sent to pastors working at IECLB in 2020, resulting in a sample of 173 pastors. The main results found in the research were that almost 70% of the pastors spoke German in the family environment, 92% of them believe there is a relationship between church and germanity, 91% said that knowing or not how to speak German influences their work as a pastor, as well as 82% believe that their ethnic origin impacts their work as a pastor. Also 45.7% of them have the habit of communicating in German with the members of the community. Finally, practically half of them (49%) claim to know cases of difficulties faced by pastors in their work environment related to ethnic origin.

Keywords: Lutheran Pastors. IECLB. German-Brazilians.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa dos sínodos da IECLB .....	19
Figura 2 - Sínodos da IECLB nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.....	19
Figura 3 - Cristianismo no Brasil .....	22
Figura 4 - Quadro comparativo dos elementos da etnicidade: Bibliográfica, agentes e IECLB.....	65

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Categorias utilizadas na autodeclaração de origem étnica .....	60
Gráfico 2 - Línguas faladas no ambiente familiar .....	60
Gráfico 3 - Trabalho durante a infância e adolescência.....	71
Gráfico 4 - Trabalho durante a graduação .....	83
Gráfico 5 - Dificuldades durante a graduação .....	84
Gráfico 6 – Em quais estados do país os pastores e pastoras já atuaram .....	87
Gráfico 7 - Opinião sobre a existência de uma relação entre a igreja luterana e germanidade.....	88
Gráfico 8 - Considera que a origem familiar e étnica, tem impacto no trabalho como pastor.....	94
Gráfico 9 - Considera que falar a língua alemã influencia no trabalho como pastor/a .....	97

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados de gênero da população total .....	51
Tabela 2 - Dados de gênero na amostra.....	51
Tabela 3 - Idade em faixas.....	52
Tabela 4 – Gênero dividido em diferentes faixas etária .....	53
Tabela 5 - Faixas etárias dividida em gênero .....	54
Tabela 6 - Onde morou na infância e adolescência: rural ou urbano.....	55
Tabela 7 - Profissão do pai .....	56
Tabela 8 - Profissão da mãe.....	57
Tabela 9 - Características apontadas que diferenciam os teuto-brasileiros .....	63
Tabela 10 - Pais são luteranos .....	67
Tabela 11 - Parentesco com outros pastores/pastoras luteranos .....	68
Tabela 12 - Tipo de instituição em que estudou no ensino básico.....	69
Tabela 13 - Turnos em que estudou durante o ensino básico .....	70
Tabela 14- Motivações que levaram a fazer o curso de teologia .....	72
Tabela 15 - Como ficou sabendo do curso de teologia.....	78
Tabela 16 - Instituição onde realizou o curso de teologia .....	80
Tabela 17 - Motivos da decisão de estudar em determinada instituição.....	80
Tabela 18 cursou, ou não, outro curso universitário / realizou, ou não, pós-graduação .....	82
Tabela 19 - Fatores de dificuldades durante a graduação .....	84
Tabela 20 - Porte da cidade em que trabalha atualmente .....	86
Tabela 21 - Tempo de atuação como pastor/pastora.....	87
Tabela 22 - Características da relação entre igreja e germanidade .....	89
Tabela 23 - Opinião dos agentes de como as pessoas de fora veem a IECLB .....	90
Tabela 24 - Exemplos de como a origem tem impacto no trabalho como pastor .....	94
Tabela 25 - Costuma comunicar-se em língua alemã com os membros .....	97
Tabela 26 - Língua utilizada nos cultos nas décadas de 1960 e 1970.....	98
Tabela 27 - Espaços e situações que costuma comunicar-se em língua alemã com membros .....	99
Tabela 28 - Culto em alemão.....	100
Tabela 29 - Opinião sobre a igreja luterana celebrar cultos e outras atividades em língua alemã .....	100
Tabela 30 – Conhecimento sobre algum caso de dificuldade enfrentada por pastores/pastoras que não são de origem alemã por causa da sua etnia .....	101
Tabela 31 - Relatos de casos de dificuldade relacionado à etnia.....	104
Tabela 32 - Diferenças percebidas em pastores/pastoras de outras origens.....	106
Tabela 33 - Diferenças percebidas entre pastores/pastoras de origem alemã comparando com de outras origens .....	109
Tabela 34 - Diferenças percebidas entre pastores/pastoras de origem alemã e pastores/pastoras de outras origens .....	110
Tabela 35 - Autodeclaração de origem familiar .....	124

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADL – Associação Diacônica Luterana

EMO - Estatuto do Ministério com Ordenação

EST – Escola Superior de Teologia - Faculdades EST

FATEV - Faculdade de Teologia Evangélica

FLT - Faculdade Luterana de Teologia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IELB - Igreja Evangélica Luterana do Brasil

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ME – Movimento Encontro

OASE - Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas

PPL - Pastoral Popular Luterana

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP - Universidade de São Paulo

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>24</b>
2.1 REVISÃO DA LITERATURA .....	24
2.1.1 Pierre Bourdieu e o estudo da religião .....	24
2.1.2 Estrutura, <i>habitus</i> e práticas .....	25
2.1.3 O estudo da etnicidade teuto-brasileira na sociologia brasileira .....	29
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	32
2.2.1 Profissão: pastor/pastora .....	32
2.2.2 Etnicidade.....	34
2.2.3 Os teuto-brasileiros .....	38
2.2.4 Uma igreja alemã no e do Brasil .....	44
<b>3 MÉTODO DE PESQUISA</b> .....	<b>46</b>
3.1 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO .....	46
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>50</b>
4.1 DADOS BÁSICOS .....	50
4.1.1 Gênero: um campo masculino, mas em transformação.....	50
4.1.2 Idade: uma minoria jovem .....	52
4.2 RECRUTAMENTO .....	54
4.2.1 Origem Social: vindos de áreas rurais com os pais e mães agricultores/agricultoras e trabalhadores da indústria.....	54
4.2.2 Etnia: a maioria teuto-brasileira.....	59
4.2.3 Luteranismo de berço.....	66
4.3 FORMAÇÃO .....	68
4.3.1 Educação básica: a escola pública e a escola confessional .....	68
4.3.2 Ensino superior: a importância do pastor local.....	71
4.4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL .....	85
4.5 IECLB: etnicidade e diferença .....	88
4.5.1 Luteranismo e etnicidade.....	88
4.5.2 Etnicidade e trabalho .....	93
4.5.3 Nós e os outros .....	101
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>112</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE A – Autodeclaração de origem familiar.....</b>	<b>124</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema de pesquisa os pastores e pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), mais especificamente duas dimensões ligadas a esses agentes: a etnicidade teuto-brasileira e a relação entre origem social e trajetória profissional de tais agentes.

A primeira dimensão, a da etnicidade teuto-brasileira, está ligado ao fato de a IECLB surgir com a massiva imigração de alemães para o Brasil no século XIX. Parte considerável dos alemães que migraram para o Brasil nesse período eram luteranos e trouxeram consigo a sua religião, já que a parcela de alemães católicos já encontrara sua igreja instituída em solo brasileiro. Assim sendo, as comunidades luteranas no Brasil que deram origem a IECLB possuíam uma com forte ligação com a etnicidade teuto-brasileira (GERTZ 2001; FRESTON, 1998). Nas palavras de Martin Dreher (1984, p. 8), nesse contexto histórico: “não se poderia ser evangélico (luterano) sem ser alemão”.

Quanto a este processo de imigração, Seyferth (1988) aponta para uma particularidade da imigração alemã se compararmos ela a outras migrações europeias no século XIX: essa migração (como parte da imigração italiana) foi uma colonização de espaços remotos, na maioria dos casos habitado apenas pelos povos nativos. Esta particularidade do isolamento étnico pode ser pensada também como particularidade do protestantismo luterano que acompanha estes imigrantes:

O que faz a imigração alemã importante enquanto fenômeno sociológico e histórico é o fato de ter-se constituído como colonização — isto é, a maioria dos imigrantes estabeleceu-se como colonos em áreas pioneiras, construindo uma sociedade inteiramente diversa da nacional. No contexto da imigração no Brasil, nenhuma outra etnia se concentrou tanto em áreas homogêneas e compactas, concorrendo para modificar a estrutura fundiária e a vida rural dos Estados onde se estabeleceu. Só a colonização italiana no Rio Grande do Sul e Santa Catarina teve características semelhantes, mas sem o longo isolamento étnico dos alemães (SEYFERTH, 1988, p. 4).

Portanto, a partir da argumentação da autora podemos perceber uma particularidade de tal grupo, que desperta interesse enquanto objeto de pesquisa na sociologia. Dentro de tal processo histórico abrangente, foi realizado um recorte de pesquisa, direcionando o olhar para uma parte específica do fenômeno: a igreja luterana, mais especificamente seus pastores e pastoras.

Quanto à história da igreja luterana no Brasil, é no ano de 1886 que ela começa a se organizar de forma mais sistemática e surge o primeiro sínodo<sup>1</sup> que obteve sucesso: o Sínodo Riograndense. Até então, as comunidades luteranas organizavam-se de forma independente. Esta característica do “independentismo das comunidades” se perpetuará através do período dos sínodos que posteriormente dará origem à Federação Sinodal, em 1949, que, em 1962, se tornará a IECLB (DREHER, 1984).

Além da IECLB, há outra igreja luterana organizada institucionalmente no Brasil: a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), que reúne um total de 250 mil membros, segundo as informações fornecidas pela própria instituição (IELB, 2019). Entretanto, esta experiência possui um número menor de membros, sua história e dinâmica são distintas da IECLB, não representando o mesmo movimento histórico-social. Segundo Spirandelli (2013):

Outra peculiaridade da Igreja Luterana no País é que, além da IECLB, há a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), fundada por missionários teuto-norte-americanos em 1847 e estabelecida em solo nacional em 1900, e cuja diferenciação, nessa época, era a realização dos cultos em português, diferentemente da anterior, rigidamente ligada à língua e cultura germânicas (SPIRANDELLI, 2013, p.5),

Como argumenta Gertz, o sínodo do Missouri que deu origem à IELB condenava a germanidade:

Na verdade, apenas uma instituição renegava expressamente o *Deutschtum* (germanidade), classificando-o inclusive como pecado [...] Trata-se da igreja luterana conhecida como Sínodo Missouri. [...] O Sínodo Missouri continuou na década de trinta sua tradição de condenar oficialmente o cultivo do *Deutschtum* dentro da igreja, tomando-se assim a única instituição de alguma representatividade das regiões de colonização alemã a assumir tal postura (GERTZ, 1991, p. 37).

Segundo os dados do IBGE (2011) referentes ao censo de 2010, no Brasil há um total de 999.498 luteranos, representando um total de 0,5% da população brasileira. A grande maioria deles, 751.432 autodeclarados luteranos, encontram-se na região Sul do país, seguido por 158.842 luteranos que residem na região Sudeste do Brasil. O estado com maior número de luteranos é o estado do Rio Grande do Sul, seguido por Santa Catarina e Paraná.

Já segundo as estatísticas mais recentes disponibilizadas pela IECLB por meio de uma pesquisa feita pela instituição (IECLB, 2017), hoje a igreja conta com um total de 643.693 membros pertencentes a 1808 comunidades, agrupadas em 483 paróquias, totalizando 18

---

<sup>1</sup> Sínodo é uma organização regional das comunidades da IECLB. A estrutura da igreja se organiza na seguinte hierarquia do micro para o macro: comunidade, paróquia, sínodo, direção central da igreja.

sínodos espalhados pelo país. Ou seja, guardadas as diferenças metodológicas entre os dados do IBGE e da pesquisa realizada pela IECLB, é possível afirmar que a maioria dos luteranos no Brasil pertence a tal instituição.

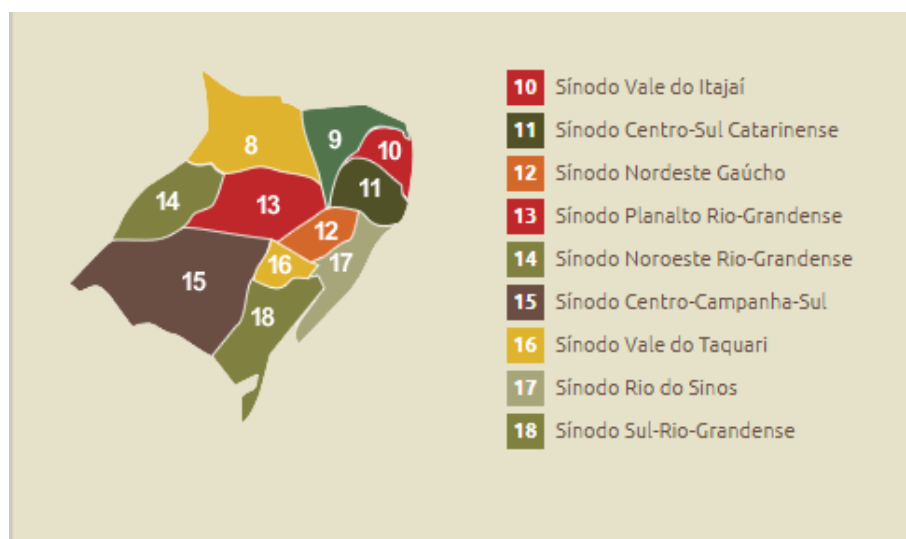
Os sínodos com maior número de membros são os do Vale do Itajaí/SC, com 80.677 membros, seguido pelo Sínodo Norte Catarinense, com 64.009 membros. Os menores sínodos são os do Brasil Central, com 3.034 membros e Sínodo da Amazônia, com 6.539 membros.

Figura 1 - Mapa dos sínodos da IECLB



Fonte: Portal Luteranos (2020)

Figura 2 - Sínodos da IECLB nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina



Fonte: Portal Luteranos (2020)

Não foi divulgado pela IECLB em suas estatísticas qual é o número total de ministros ordenados em atividade. Ministros ordenados são aqueles que realizaram a formação de nível superior em teologia e são ordenados pela igreja; são quatro os ministérios com ordenação: ministério pastoral, catequético, diaconal e missionário. Segundo a IECLB:

A responsabilidade teológica dos ministérios [...] é a mesma. A diferença está nas áreas de atuação, que são diversas. As diferenças deverão ser respeitadas. Mas elas não devem suprimir a unidade do ministério. Por isto, os direitos e deveres no fundo são idênticos, a despeito das legítimas diferenças. O ministério é um só, com diversas ramificações (IECLB, 2015 p. 1).

Na prática, os pastores e pastoras (objeto de interesse deste trabalho) ocupam uma posição simbólica privilegiada em relação aos demais ministérios, além de serem em número muito superior aos demais <sup>2</sup>. As diferenças entre os quatro ministérios seria tema para uma pesquisa mais extensa sobre os ministros da IECLB. Por questões de recorte de pesquisa, nos deteremos apenas naqueles ordenados pastores pela igreja.

Escolhi como meus “objetos” de interesse os pastores e pastoras atuantes em comunidades da IECLB porque eles são a ligação entre a instituição e os membros da igreja, ou seja, são eles são a instância intermediária entre a estrutura geral da igreja (macro) e os membros das comunidades (micro).

Por um lado, eles carregam as ideias da instituição, por terem passado por um processo de formação em teologia luterana e por responderem diretamente a essa instituição. Por outro lado, o dia a dia do seu trabalho se dá com os membros nas comunidades locais, nas quais eles assumem o papel de referência.

Especificamente sobre a história dos pastores luteranos, a entrada de alemães formados em teologia ou em seminários começa a acontecer em maior número a partir de 1864, quando se estabelece um contingente maior de pastores no Brasil.

Até a Segunda Guerra Mundial, os pastores vinham da Alemanha atuar no Brasil ou os brasileiros iam à Alemanha realizar sua formação em teologia. Devido às consequências da guerra, nos anos 40 eles começam a realizar sua formação no Brasil. Em 1946 é fundada a Faculdade de Teologia (EST) em São Leopoldo/RS (a atual Escola Superior de Teologia). A

---

<sup>2</sup> Não foi divulgado pela IECLB em suas estatísticas qual é o número total de ministros e ministras ordenados em atividade. A comparação entre número de pastores e demais ministérios foi feita por mim durante o trabalho de campo. IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Estatísticas IECLB: 2017 – Ano base 2016. Porto Alegre: 2017. Disponível em: <[https://aplicativosieclb.org.br/docs/ESTATISTICA\\_IECLB\\_2017\\_ANO\\_BASE\\_2016.pdf](https://aplicativosieclb.org.br/docs/ESTATISTICA_IECLB_2017_ANO_BASE_2016.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2019.

partir de então a formação em teologia luterana pôde ser realizada no país, todavia não existe uma ruptura com a Alemanha.

Podemos observar uma particularidade dos pastores luteranos em relação aos outros pastores evangélicos no Brasil. Desde os primórdios era necessário uma formação em teologia para ser considerado pastor luterano (DREHER, 1984), fato que não necessariamente se aplica a todos que atuam como pastores evangélicos no Brasil. Além disso, a IECLB está diretamente ligada ao processo de imigração alemã e formação do grupo étnico, fato que também a diferencia de outras denominações evangélicas.

Segundo GERTZ (2001 p. 14) em 2000, 93% dos pastores da IECLB possuíam um sobrenome de origem alemã. Outro fator que pode ser destacado é que só a partir da década de 1970 o português se torna idioma predominante na EST (FREESTON, 1998 p. 67), que era até então a única faculdade de teologia luterana no Brasil. Tais dados podem indicar uma forte ligação ainda nos dias atuais entre os pastores da IECLB, a imigração alemã para o Brasil e a formação do grupo étnico.

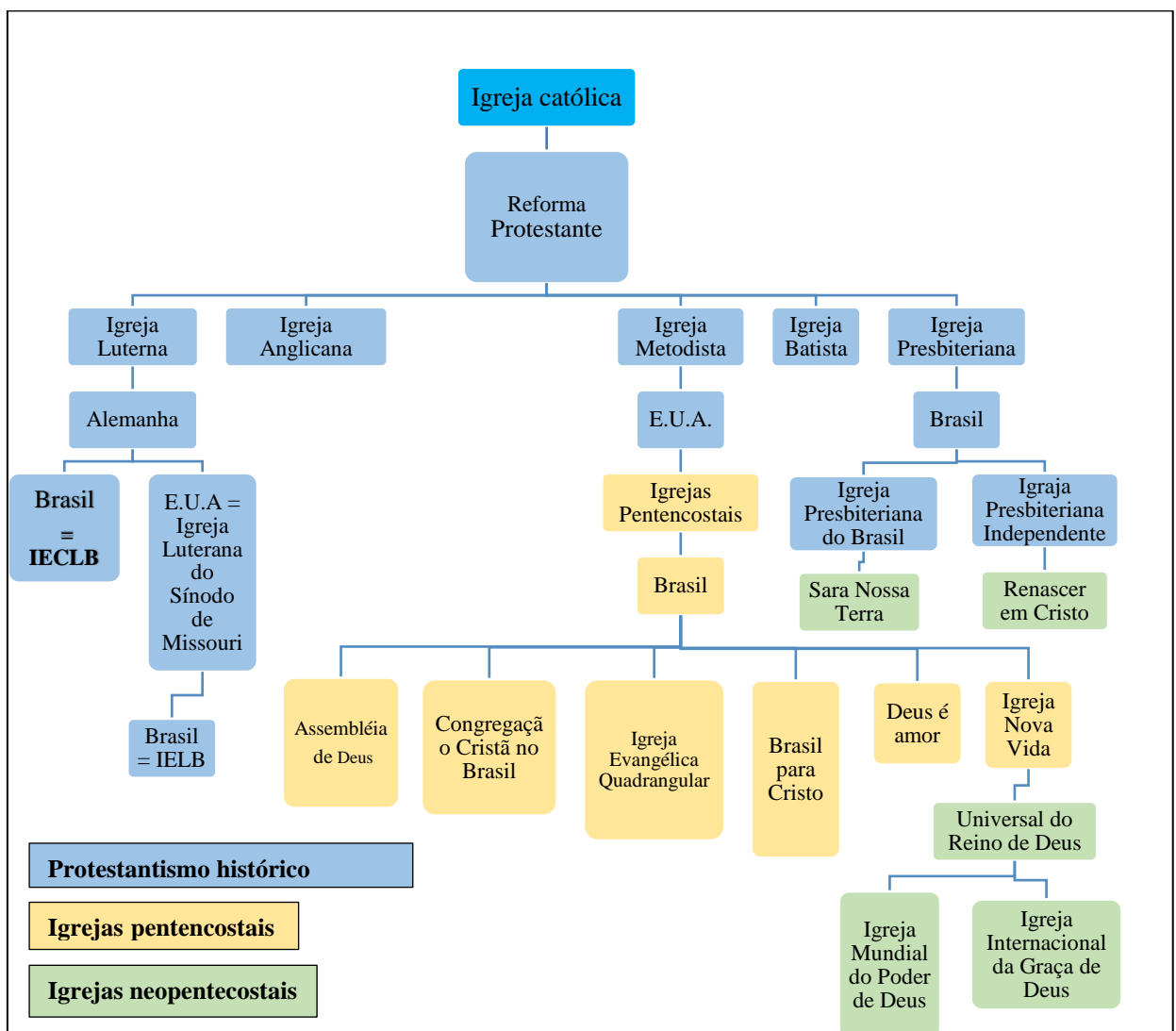
Quanto à segunda dimensão que pretendo abordar no meu trabalho, a dimensão da origem social, não existem dados gerais sobre tal temática. Um dos únicos dados gerais encontrados foi a porcentagem apresentada por Gertz. Existem biografias ou estudos específicos de alguns indivíduos que tiveram trajetórias de destaque dentro da IECLB. Mas não estudos que analisem o grupo em si ao invés de trajetórias individuais. Assim sendo, apresenta-se uma lacuna de pesquisas sobre o tema. Especialmente no campo da sociologia não foram encontrados um número expressivo de trabalhos que buscaram compreender as características dos pastores e pastoras enquanto um grupo: os pastores e pastoras enquanto “(...) funcionários intercambiáveis do culto e dotados de uma qualificação profissional homogênea adquirida por um processo de aprendizagem específica, e aparelhados com instrumentos homogêneos capazes de possibilitar uma ação homogênea e homogeneizante” (BOURDIEU, 2015 [1971], p. 66).

Estudar os grupos religiosos no Brasil é de extrema importância, pois fazem parte de espaços de tomadas de decisões, como, por exemplo, o campo político. Podemos observar tal fenômeno a partir da criação da bancada evangélica em nosso Congresso Nacional. Há uma complexa relação entre estado laico e cristianismo que toma novas formas com as crescentes ondas de fundamentalismo nacional e internacional no século XXI. Esse processo apresenta-se como uma das razões da importância de compreendermos as diferentes realidades da complexa trama do cristianismo no Brasil. Além disso, muitos debates são travados tendo como agentes principais os líderes e fiéis religiosos. Os assuntos debatidos que têm esses agentes como figuras

centrais muitas vezes são de interesse público nacional e afetam a população brasileira em geral. Sendo assim, pensando a nível macro, entender a religião é peça fundamental para entendermos diversas dinâmicas sociais.

São diversas as igrejas existentes no Brasil, diversas também são as formas organizacionais, éticas, morais, formas de ser e agir das diferentes instituições religiosas. Para conseguirmos ter uma imagem da tamanha complexidade da diversidade religiosa (cristã) brasileira, desenvolvi a figura 1. Nela não se esgotam todas as experiências do cenário nacional, mas é possível ilustrar a diversidade existente, bem como localizar onde encontra-se a IECLB nessa dinâmica.

Figura 3 - Cristianismo no Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Portanto, se justifica a necessidade de entendermos quem são esses agentes religiosos complexos e tão atuantes no cenário nacional e internacional. É necessário irmos a fundo e compreendemos as características de cada igreja dentro do cristianismo que, como sabemos, é uma realidade muito multifacetada. Porém, tal heterogeneidade muitas vezes é banalizada e generaliza pelo senso comum, e sendo um dos objetivos do conhecimento científico diferenciar-se deste, é importante construirmos conhecimento que nos afasta de tais banalizações e generalizações.

Outro aspecto a ser destacado que justifica a execução do trabalho é que diversos autores que realizaram pesquisas de sociologia da religião no Brasil destacam a falta de estudos nesse campo (SILVEIRA, 2006; SEIDL, 2003;). Os autores argumentam que, em especial, os pastores são estudados de forma mais sistemática por outros campos de estudo, como a psicologia, teologia, administração etc. mas há uma escassez de estudos que observem esses agentes partindo de uma perspectiva sociológica. Ou seja, que privilegie na análise os aspectos culturais e sociais da profissão. Mais escassos ainda são os trabalhos que analisam os pastores das igrejas históricas e em especial, no nosso caso, os pastores da IECLB. Nos trabalhos sociológicos encontrados sobre os pastores no Brasil, geralmente o grupo que recebe mais destaque são os pastores pentecostais e neopentecostais (MARIANO, 2011).

Sendo assim, a pergunta de pesquisa direciona-se a compreender qual é o perfil dos pastores e pastoras da IECLB e qual é a relação entre origem social e atuação como pastor luterano e em que medida o pertencimento étnico é um fator relevante ainda nos dias atuais para explicar a escolha de tornar-se pastor/pastora e as práticas desses agentes em seu trabalho.

Levando em conta os aspectos explicados acima constrói-se o seguinte objetivo geral: investigar a relação entre as escolhas subjetivas e a posição social (e de origem) dos agentes; identificar o perfil dos pastores e pastoras atuantes em comunidades luteranas no ano de 2020, analisando a relação entre dados de origem social e as trajetórias profissionais desses pastores e pastoras, com ênfase no aspecto da origem étnica teuto-brasileira.

Já os objetivos específicos consistem em: identificar em que medida as práticas da etnicidade teuto-brasileira ainda são ou não exercidas por pastores, pastoras e membros dentro do ambiente da IECLB e observar quais os aspectos da identidade étnica são acionados. O segundo objetivo específico consiste em analisar as correlações entre gênero, etnia, origem geográfica, trajetória educacional e os percursos e opiniões dos agentes, observando em que medida tais fatores estão relacionados às escolhas de trajetória profissional.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.1.1 Pierre Bourdieu e o estudo da religião

É importante realizarmos um breve resumo da relação de Pierre Bourdieu com a sociologia da religião, pois o presente trabalho tem como base o pensamento do autor. Mas, em muitos casos o autor não será citado na análise dos dados e isso acontece por conta da sua relação com a sociologia da religião, que ocupa espaço marginal em suas investigações empíricas. Todavia, isso não impede que sua teoria tenha uma ligação com esse campo e também não impede que sua teoria possa ser utilizada para a análise do mesmo.

Sobre a relação de Bourdieu com a sociologia da religião, Erwan Dianteill (2003, p.30) propõe que em certo sentido a teoria de Bourdieu seria uma sociologia da religião generalizada para todas outras esferas simbólicas, pois, o conceito de campo e *habitus* desenvolvidos por Bourdieu tiveram ambos como ponto de partida a sociologia da religião. Portanto, a “arquitetura conceitual” da teoria do autor tem origem na sociologia da religião. A noção de campo é inspirada em Weber e sua análise das relações entre padre, profeta e bruxo ([1922] 2000). Já *habitus* é inspirada na obra de Panofski sobre a arquitetura gótica e o pensamento escolástico. Segundo Dianteill:

O poder simbólico, por certo, não se limita ao domínio religioso, mas talvez atue nele de forma mais evidente que em outros campos de atividade social, e é provavelmente por este motivo que boa parte da arquitetura conceitual da sociologia de P. Bourdieu se construiu por meio do estudo da religião. [...] religião apresenta-se, portanto, como uma atividade essencialmente simbólica, como uma forma simbólica, isto é, como um conjunto de práticas e de representações (nesse caso, de ritos e de crenças) cuja eficácia não é da ordem material (como, por exemplo, a força física). O simbólico compreende a linguagem, mas a ela não se reduz; também designa a função conotativa dos signos, linguísticos ou não (DIANTEILL, 2003, p. 39).

Porém, como veremos mais profundamente na metodologia, a religião ocupou um espaço periférico na obra de Bourdieu pois o autor acreditava que ela era um espaço de poder em declínio, portanto ele não acreditava ser necessário a crítica profunda de um campo em declínio.

Ainda segundo Dianteill (2003), na sociologia da religião bourdiesiana, os três clássicos, Marx, Weber e Durkheim, estão presentes. A contribuição de Max Weber para a sociologia da religião foi, na opinião de Bourdieu, evidenciar o trabalho religioso, algo que



tanto os marxistas quanto os que defendem “a ilusão de autonomia absoluta” não observaram. Além disso, Weber contribui com sua sociologia do poder, mais especificamente o monopólio dos bens de salvação (BOURDIEU, [1971] 2015). Já a contribuição durkheimiana se dá na dimensão da sociologia do conhecimento (representações coletivas, formas de classificação) e a marxista em elucidar a função política da religião quando ela é um mecanismo da conservação da ordem social.

### **2.1.2 Estrutura, *habitus* e práticas**

O presente trabalho apoia-se em três conceitos fundamentais da teoria bourdiesiana, pois o objetivo é analisar a relação entre escolhas subjetivas dos agentes, suas trajetórias profissionais (que estão no campo das práticas de tais agentes) e a sua posição de origem, posição entendida como a estrutura na qual eles estão inseridos e fazem parte. Portanto, faz-se necessário aprofundarmo-nos nesses conceitos.

Aqui iremos abordar o capítulo intitulado “Estruturas, *habitus* e práticas”, capítulo 3 da segunda parte do livro *Esboço de uma teoria da prática* ([1972] 2002) de autoria de Pierre Bourdieu (1930 – 2002). No livro, “esboçar” não significa apresentar sumariamente um tema, na realidade significa desenvolver sistematicamente os conceitos apresentado. Na obra bourdiesiana, este livro é a “obra matriz da etapa afirmativa de seu projeto intelectual” (MICELI, 2005 p. 19).

Bourdieu propõe uma resposta a um dos principais debates da teoria sociológica da segunda metade do século XX: a superação da dicotomia entre teorias que davam maior peso à estrutura/sociedade ou a ação/indivíduo, teorias estas que naquela época eram vistas como teorias antagônicas.

O autor se diferenciara de diversas teorias que dão peso maior ao aspecto macro ou ao aspecto micro. Bourdieu se afasta das teorias estruturalistas (especialmente de Lévi-Strauss), que, segundo ele, “hipostasiam os sistemas de relação objetivas, convertendo-os em totalidades já constituídas fora da história do indivíduo e da história do grupo” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 163). Ele também se afasta das teorias fenomenológicas, as subjetivistas (especialmente de Sartre), que segundo ele têm como visão uma “determinação puramente interior” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 178). Bourdieu também recusa o subjetivismo no sentido de que não pretende reduzir “as intenções objetivas e as significações constituídas das ações e das obras humanas às

intenções deliberadas dos seus atores” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 167), procurando não sucumbir à visão sartriana do “livre arbítrio criador” (SARTRE, [1960] 2002).

Essa dicotomia macro versus micro já existia deste os chamados “clássicos da sociologia”, aos quais a sociologia crítica bourdiesiana também está ligada. Com os conceitos de estrutura, *habitus* e práticas o que o autor pretende é a superação da dicotomia, mas sem abandonar por completo nenhuma dessas visões.

Por exemplo, podemos estender a crítica bourdiesiana ao pensamento de Durkheim. A obra do autor é classificada dentro da corrente objetivista, já que dá ênfase aos efeitos das estruturas sobre os indivíduos - podemos perceber essa ênfase no principal conceito desenvolvido pelo autor, o conceito de “fato social” (DURKHEIM, [1895] 2007). A ênfase na estrutura está na questão de que, para Durkheim, o fato social é externo e coercitivo sobre o indivíduo, assim se dá um maior peso ao nível macrosocial. A teoria objetivista que Durkheim desenvolveu no final do século XIX teve vários desdobramentos durante o século XX, dentre eles um que se destaca é o estruturalismo do também francês, Lévi-Strauss (COLLINS, [1991] 2009, p. 158), que assim como Durkheim analisa sistemas em grande escala. Tal movimento teórico como vimos é criticado por Bourdieu (SILVA, 2016 p. 36), porém, da mesma maneira que o autor se distancia de tal teoria, ele também se distancia das teorias subjetivistas.

Podemos observar que a crítica que Bourdieu propõe é uma crítica profunda, que tem raízes nos próprios clássicos da sociologia, bem como é uma crítica a correntes teóricas de interpretação das estruturas sociais e das ações humanas que eram dominantes nos anos de 1970 e que pode ser estendida a outras abordagens teóricas, como a teoria da ação racional. O resultado de tal crítica é uma proposta teórica de síntese entre diferentes correntes, resultando numa perspectiva intermediária, segundo Sell (2015, p. 166).

As bases do raciocínio de Bourdieu, ou seja, suas premissas, são de que há uma relação entre as estruturas e as práticas dos agentes. Segundo a teoria aqui apresentada, a estrutura é interiorizada pelo indivíduo, gerando uma dinâmica de interiorização da exterioridade, mas ao mesmo tempo há uma dinâmica contrária de exteriorização da interioridade. Para tal raciocínio, o autor parte do princípio de uma relação entre estrutura, *habitus* e práticas, articulados da seguinte maneira:

(...) as estruturas são constitutivas de um tipo particular de meio ambiente [...] que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma das regularidades associadas a um meio ambiente socialmente estruturado produzem *habitus* [...] princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 163).

Deste modo, os três elementos estão em relação. O pressuposto, a ideia apresentada, é que ao nível macro (as estruturas) estão ligadas as práticas (um tipo de ação no nível micro) por meio do *habitus*. Isso é uma novidade introduzida com o pensamento do autor. Com essa dinâmica apresentada por ele, análises micro e macro que antes eram vistas como antagônicas agora estão em relação (SETTON, 2002 p. 63).

Para Pierre Bourdieu, a relação entre agente e estrutura é dialética. Isso quer dizer que há uma dinâmica entre as estruturas e as práticas, e o elo dessa dinâmica entre os dois níveis se encontra no *habitus*.

As estruturas são entendidas como um “meio ambiente” onde o indivíduo se encontra, podem ser entendidas também como as condições materiais de existência (para utilizar um conceito marxista). Essas estruturas são responsáveis por produzir o que o autor denominará como “*habitus*” (conceito de interligação entre estruturas e práticas). Tal conceito é desenvolvido em diversas partes do texto, contendo vários aspectos na sua formulação.

Para a conceituação de *habitus* é preciso que consideremos os seguintes aspectos: *habitus* é um “sistema de disposições duradouras [...] princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 163), e é importante considerar o seu nível de atuação subconsciente e o fato de ele ser socialmente construído a partir das estruturas, das condições materiais. Ele não age como uma “ação racional com meio a fins” de estilo weberiano (apesar de estar no princípio da geração das estratégias dos indivíduos), seu nível de ação está ligado mais ao subconsciente. Outro aspecto a ser destacado é que o *habitus* é em certo sentido coletivo, por isso este “cálculo estratégico” do sucesso de uma prática que é realizado no nível subconsciente (ou quase consciente) tem como referência os outros membros do grupo do qual o indivíduo faz parte e que possuem também o mesmo *habitus*, ou seja, apesar de atuarem no nível subjetivo, este *habitus* não é individual.

Para entender um conceito assim complexo, é preciso ter clareza de que *habitus* é uma “matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 167), tendo como referências experiências passadas<sup>3</sup>. Esse *habitus* é apreendido pelo indivíduo por meio de uma pedagogia difusa já na primeira infância. Isso quer dizer que o *habitus* é transmitido pelo meio familiar e se torna uma disposição durável no indivíduo que o recebe. Essa aprendizagem se dá pelas práticas, como o autor ressaltará no capítulo seguinte:

---

<sup>3</sup> A proporção do peso dado a experiência passada será questionada posteriormente por Lahire, por exemplo, no livro *O Homem Plural – os determinantes da ação* (2002).

Enquanto o trabalho pedagógico não é claramente instituído como prática específica e autônoma e enquanto é todo um grupo e todo um ambiente simbolicamente estruturado que exerce, sem agentes especializados nem momentos especificados, uma ação pedagógica anônima e difusa, o essencial do *modus operandi* que define o domínio prático transmite-se na prática no estado prático, sem aceder ao nível do discurso. Não se imitam ‘modelos’, mas as ações dos outros (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 185).

O *habitus* é produzido pela estrutura que caracteriza a existência de um grupo ou de uma classe (daí o aspecto coletivo do mesmo), mas é transmitido e apreendido através das práticas, sem necessariamente passar pelo nível do discurso ou da consciência, podendo ir da prática à prática (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 185). O *habitus* é apreendido pela criança muito mais observando um adulto da sua convivência agindo de determinada maneira do que nos momentos em que esse adulto está intencionalmente tentando inculcar algo na criança por meio do discurso consciente, pensado racionalmente.

Resumindo, o *habitus* são disposições internas, socialmente construídas, produzidas pelas estruturas, ele é transmitido especialmente na socialização primária. O *habitus* apreendido é compatível com as condições objetivas específicas do indivíduo e do grupo ao qual o indivíduo pertence. Ele é o gerador das práticas individuais e coletivas que “tendem sempre a reproduzir as estruturas objetivas cujo produto em última análise são” (BOURDIEU, [1972] 2002, p. 164).

Já as práticas, segundo o conceito de Bourdieu, são entendidas não como uma “reação mecânica” determinada fora do indivíduo, mas também não são como algo constituído pelo indivíduo na situação, no tempo presente, de maneira livre e consciente. Para o autor, uma prática é: “(...) ao mesmo tempo necessária e relativamente autônoma por referência à situação considerada na sua imediatez pontual porque é produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*” (BOURDIEU, 2002, p. 167), ou seja, a prática possui um elemento presente (situação), mas também um elemento do passado (*habitus*).

A prática é condicionada a uma avaliação subjetiva das chances de sucesso dessa determinada prática em questão. Essa avaliação tem como base questões aprendidas anteriormente e um certo *ethos* que, juntos, são uma espécie de matriz de avaliação se determinada ação terá ou não sucesso. Assim, as práticas podem ser ajustadas conforme essas avaliações subjetivas.

Um exemplo rápido dessa dinâmica é a sentença “isso não é para nós”, com este exemplo é possível refletir sobre toda a dinâmica de interação apresentada no capítulo. “Isso não é para nós” diz respeito ao ajustamento das práticas que os indivíduos fazem a partir do seu

*habitus*, levando em consideração as experiências passadas. Bourdieu traz um exemplo dessa dinâmica no processo de escolarização:

Ainda que não sejam estimadas conscientemente pelos interessados, variações muito fortes nas chances escolares objetivas exprimem-se de mil maneiras no campo das percepções cotidianas e determinam, segundo meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como “impossíveis”, “possíveis” ou “normal” tornando-se por sua vez um determinante das vocações escolares (BOURDIEU; PASSERON, [1964] 2015, p. 17)

Assim, alguns caminhos parecem ser os “razoáveis”, parecem ser os que se ajustam à realidade objetiva, já outros parecem não ser, beirando a “loucura” por ser uma ação totalmente fora da regularidade objetiva de determinado indivíduo, assim tais caminhos não são um destino “normal” para aquele grupo. São os ajustamentos subjetivos que os indivíduos fazem em relação à sua carreira, à sua escolarização etc. definidos a partir do que parece razoável ou não tendo como referência o lugar que ele ocupa dentro da estrutura social.

### **2.1.3 O estudo da etnicidade teuto-brasileira na sociologia brasileira**

Se observarmos a história da sociologia no Brasil, veremos que autores clássicos consagrados da sociologia brasileira estudaram outras etnias com origem nas imigrações europeias e asiáticas (CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2018), como os italianos (FERNANDES [1965] 1978; BASTIDE; FERNANDES, 1959) ou os japoneses (CARDOSO 1959).

Florestan é o mais reconhecido entre os autores citados. Ele é o autor que desmistifica o mito da democracia racial. Florestan investigou “a integração do negro na sociedade de classes” (1978) e analisou como após a abolição da escravidão não houve nenhuma política pública para a integração dessas pessoas na sociedade para auxiliá-los na transição de escravizado para trabalhador livre. Assim, um enorme contingente de escravizados recém libertos da sua condição de ‘objeto’ de trabalho passam a ter que competir com um fluxo de imigrantes europeus, os quais eram vistos com um olhar positivo por serem imigrantes livres, brancos, europeus etc.

O trabalho de Florestan foi muito importante para refutar o argumento de Gilberto Freyre ([1933] 2003), mas a conclusão de Florestan é otimista em relação às relações raciais no Brasil. Para o autor, a partir da modernização econômica e política do Brasil os resíduos da colonização tenderiam a desaparecer. Esse tipo de argumento é típico dos anos de 1950, período em que o autor escreve.

Após os estudos ligados ao projeto da UNESCO que patrocinou a investigação das relações raciais no Brasil, desenvolvidos na USP (Universidade de São Paulo), o trabalho paradigmático que irá trazer novos dados e refutar teorias que propunham uma possível superação do racismo é o de Carlos Hasenbalg (1979), que argumenta que apesar da modernização do país em relação aos anos 50, as questões da relação entre raça e ocupação de lugares na estrutura de classes ainda não foram superadas, ou seja, o olhar positivo de Florestan não se tornou realidade.

Junto com seu colega, Nelson do Valle Silva, o autor irá propor uma explicação diferente daquela proposta por Florestan e introduzir o elemento racial na dinâmica de ocupação de posições na estratificação social. Um ponto importante da tese de Hasenbalg, que é destacado por Guimarães (2016, p. 282), é que o argumento do autor demonstra o “ciclo de desvantagens cumulativas dos negros, prova de que as desigualdades eram geradas no presente por comportamentos atuais e instituições sociais atualmente existentes”. Ou seja, não é só uma questão do passado escravista.

Existem grandes diferenças entre os autores e suas explicações. Cada nova fase traz consigo uma “superação” da fase anterior ao trazer novos elementos para o debate, bem como avançar teórica e metodologicamente. Porém, é possível traçar também semelhanças entre os autores aqui tratados. Destaco aqui a questão do local.

O ponto de conexão entre as obras é o fato delas, em geral, se concentrarem nas regiões sudeste e nordeste, quer seja por local de produção da obra (universidade de origem dos autores), quer seja pelo campo de pesquisa, geralmente realizado nessas regiões do país. Como destaca Souza (2017 p. 73), isso está intimamente ligado ao fato de que as maiores cidades brasileiras do século XIX eram Recife, Salvador e Rio de Janeiro e, a partir do final do século, São Paulo começou seu caminho rumo a se tornar a principal cidade do país.

Todas essas explicações sobre o Brasil e as relações raciais no país apontadas anteriormente no texto são teorias que se pretendem generalizantes da realidade brasileira como um todo. Porém, como bem sabemos, o Brasil é um país como uma vasta extensão geográfica e que possui diversas variações regionais. O estudo das cidades de maior importância econômica do país pode não dar conta das múltiplas variedades regionais presentes em um país como nosso de dimensões continentais.

Os trabalhos clássicos referentes aos alemães foram desenvolvidos por Willems (1946), autor que não possui o mesmo lugar de destaque na sociologia brasileira se comparado aos outros autores citados. Historicamente, dentro da sociologia, outros grupos de imigrantes foram

mais estudados, em grande medida pelo fato de que esses outros grupos serem muito presentes no estado de São Paulo (local de produção acadêmica das obras citadas acima), diferentemente dos alemães. Isso também contribui para o fato de a bibliografia sociológica sobre os alemães ser reduzida. Por esse motivo o referencial teórico sobre a etnia teuto-brasileira será desenvolvido utilizando pesquisadores de outras áreas.

Willems é reconhecido como maior sociólogo clássico sobre o tema 4. Ele desenvolveu seus trabalhos na chave da “mudança cultural”, e suas análises teóricas utilizam os conceitos de aculturação e assimilação para pensar sobre o grupo. Apesar de “aculturação” não ser um conceito utilizado nos dias atuais, tais conceitos foram muito empregados na sociologia da época - o próprio Florestan Fernandes utiliza este termo para fazer suas análises sociológicas (CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2018). Assim, vários trabalhos seguintes utilizaram a mesma chave analítica para pensar o grupo. A guinada em relação à utilização desses conceitos se dá com a aceção moderna do termo etnia nos trabalhos de Barth. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart:

Tomando o contrapé das abordagens etnológicas clássicas que pressupõem estabilidade das entidades socioculturais identificadas como “grupos étnicos” e problematizam a mudança sob a forma do empréstimo ou da aculturação, a abordagem de Barth pressupõe o contato cultural e a mobilidade das pessoas e problematiza a emergência e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção de suas fronteiras (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 112).

Seyferth (1988), assim como outros autores, tem um olhar crítico sobre a interpretação dada por Willems. Na visão da autora, a obra completa de Willems subestima alguns aspectos ideológicos presentes da imprensa, escola e liderança étnica. Mas o principal ponto negativo apontado pela autora é que ele peca pelo excesso de generalização ao buscar quais elementos da cultura brasileira foram incorporados pelo grupo, assim o autor acaba por minimizar vários aspectos culturais do grupo em si. Na opinião de Seyferth, a consequência da obra é negar a legitimidade do grupo étnico (SEYFERTH, 1988, p. 31).

É nos trabalhos desta antropóloga que apoiarei minha argumentação teórica sobre os teuto-brasileiros, pois penso que o seu trabalho é um avanço teórico em relação aos debates em torno destes imigrantes e seus descendentes.

Quanto aos pastores e pastoras luteranos, trabalhos foram especificamente desenvolvidos sobre alguns pastores, como o trabalho do historiador Marcos Antônio Witt

---

4 O historiador francês Jean Roche também é uma referência importante, apesar de não ter sido sociólogo.

(2016) sobre o conflito entre os pastores Ehlers, Voges e Klingelhoefter, que imigraram no século XIX para a colônia de São Leopoldo. O teólogo e historiador Martin Dreher (2004) publicou um artigo sobre o perfil biográfico do pastor Hermann Gottlieb Dohms, membro de destaque na história da IECLB.

O historiador João Klug (1991) dedicou aos pastores uma parte de sua pesquisa sobre igreja luterana de Florianópolis. Por meio dos documentos da igreja, o autor reuniu informações sobre a atuação dos pastores daquela comunidade no período compreendido entre o final do século XIX e começo do século XX. Quanto à parte da sua pesquisa dedicada aos pastores, o foco é dado à atuação dos pastores na comunidade de Florianópolis. Também seu orientando Edelberto Behs (2001) abordou em sua dissertação sobre pastores que exerceram um papel importante no luteranismo no Brasil, entrevistando alguns deles e utilizando suas narrativas na argumentação do seu trabalho.

As teólogas Streck e Blasi (2009) desenvolveram um trabalho sobre as mulheres na IECLB: o trabalho perpassa a investigação de vários espaços que essas mulheres ocupam na instituição, apontando que em 2009 eram “304 mulheres ordenadas trabalhando nos diversos ministérios da igreja: 27 diaconisas, 56 catequistas, 64 diáconas, 9 missionárias e 148 pastoras” (STRECK; BLASI, 2009 p. 232).

Assim, os trabalhos científicos sobre os pastores e pastoras luteranos giram em torno de trajetórias de destaque dentro da IECLB, além de também destacarem sua atuação nas comunidades. Porém, são poucos os trabalhos que buscaram compreender as características dos pastores e pastoras enquanto grupo.

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1 Profissão: pastor/pastora

O objetivo do presente trabalho gira em torno da trajetória profissional de um grupo específico: os pastores e pastoras luteranos. Para alcançar os objetivos da pesquisa partimos da noção de que os pastores e pastoras (ministros/ministras) luteranos podem ser entendidos como uma profissão. Na definição de Abbott, as profissões são: “(...) grupos ocupacionais exclusivos que aplicam algum conhecimento abstrato a casos particulares” (ABBOTT, 1988, p. 8).

O primeiro aspecto que define os pastores e pastoras luteranos como uma profissão está fundamentado no fato de que eles realizam sua formação em escolas superiores de teologia



luterana 5, que cumprem o papel de “socialização profissional” (DUBAR, 2012 p. 364). Estas faculdades cumprem o papel de ensinar o trabalho ministerial, bem como conduzir a vida ativa pastoral.

Os pastores e pastoras da IECLB também são, seguindo a interpretação bourdiesiana “(...) um corpo sacerdotal hierocraticamente organizado e especialmente preparado para o desempenho da sua função” (BOURDIEU, [1971] 2015, p. 36). Esses pastores e pastoras têm como atividade o exercício do sacerdócio que, segundo Bourdieu, é uma:

(...) atividade necessariamente banal por ser cotidiana e repetitiva, a funcionários intercambiáveis do culto e dotados de uma qualificação profissional homogênea adquirida por um processo de aprendizagem específica, e aparelhados com instrumentos homogêneos capazes de possibilitar uma ação homogênea e homogeneizante (BOURDIEU, [1971] 2015 p. 66).

Após esse processo de aprendizagem específico, a formação em teologia, os pastores e pastoras são “ordenados”, podendo assim atuar em “campos de atividade ministerial” (terminologia luterana). Segundo Bourdieu ([1971] 2015), agora eles têm o domínio erudito, tornando-se parte do grupo de detentores do monopólio da gestão do sagrado, deixando de ser leigos, que faz parte do domínio do profano.

Esse domínio erudito diz respeito ao domínio de um conjunto de normas sistematizadas por um corpo de especialistas inseridos em uma instituição reconhecida por e para reproduzir o capital religioso a partir de uma ação pedagógica. Ou seja, os pastores e pastoras, por meio da faculdade de teologia, reconhecida pela IECLB como detentora oficial da teologia luterana, aprendem com os professores e especialistas as normas e conhecimentos do campo religioso e assim assumem seus postos, são ordenados, no corpo de administradores do sagrado (BOURDIEU, [1971] 2015).

Após realizar a formação de ensino superior e receber o “certificado de habilitação”, o teólogo em questão é ordenado pela igreja luterana e pode então atuar como pastor (ministro) nos campos de atuação da igreja como, por exemplo, ser pastor de uma determinada paróquia. Tais regras estão estabelecidas no EMO - Estatuto do Ministério com Ordenação (IECLB, 2015).

Podemos perceber que existe uma “fixação legal de jurisdição” do ministro luterano, como enfatizado por Abbott (1988): a jurisdição aponta para a exclusividade do exercício da

---

5 São três as faculdades de teologia: A EST (Escola Superior de Teologia); Faculdades EST, localizada em São Leopoldo/SC; a FATEV (Faculdade de Teologia Evangélica), localizada em Curitiba/PR, e a FLT (Faculdade Luterana de Teologia), localizada em São Bento do Sul/SC.

profissão, reivindicando um monopólio absoluto para se exercer as atividades da profissão. Para darmos um exemplo histórico, no século XIX imigrantes alemães que atuavam como pastores sem possuir formação em teologia foram considerados “pseudo-pastores” (DREHER, 1984 p. 54). Tal fato, de os pastores serem classificados como “pseudos” por não terem formação, parece reforçar a tese de uma delimitação de exclusividade do exercício da profissão apenas para aqueles que são formados em teologia, ou seja, uma reivindicação pela opinião pública (SOUSA, 2007 p. 44) da jurisdição de ser pastor luterano.

Dubar (2012 p. 365) também aponta outro fato interessante nesse sentido: segundo o autor, na Alemanha há uma tradição social corporativa que valoriza a certificação profissional. Isso parece ser uma pista importante para compreender esta classificação de pastores não teólogos como “pseudo”, sendo considerados pastores somente aqueles que na época eram enviados para o Brasil com formação teológica feita na Alemanha. Nos dias atuais os “pseudos” não existem mais, pois não há espaço para tal fenômeno voltar a acontecer dentro da IECLB.

Podemos observar “uma reivindicação de jurisdição completa” (SOUSA, 2007 p. 44), pois, de um lado, a opinião pública classificou aqueles sem formação em teologia como “pseudo-pastores” e, por outro, a IECLB instituiu um estatuto do ministério.

Os pastores e pastoras luteranos também estão inseridos em programas de formação continuada por meio das “atualizações teológicas” fornecidas periodicamente pela IECLB. Tais atualizações vão ao encontro dos apontamentos dos teóricos do interacionismo simbólico em relação à necessidade de uma aprendizagem profissional duradoura, para além do processo de formação inicial (DUBAR, 2012 p. 364).

### **2.2.2 Etnicidade**

Além das questões profissionais, a etnicidade é um fator importante nas conexões em torno de ser social pastor luterano, porque há uma profunda conexão entre a etnia teuto-brasileira e IECLB. No presente trabalho entendemos os alemães que chegaram ao Brasil massivamente no século XIX e seus descendentes como pertencentes a um grupo étnico que se forma ao longo desse processo de imigração: o grupo étnico teuto-brasileiro.

Porém, é importante frisar que o grupo étnico teuto-brasileiro é resultado em parte de um esforço político de uma parcela de membros do grupo. Isso ocorre porque os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil eram de diferentes regiões e começaram o processo de migração antes da unificação da Alemanha, que ocorre em 1871. Assim, existiam diferentes

grupos fragmentados de migrantes (com possíveis conflitos entre eles), os pomeranos, os renanos e muitos outros. Segundo Maltzahn:

Os estudos sobre a imigração alemã evidenciam que os imigrantes alemães vieram de várias regiões da Alemanha. Os dois maiores grupos eram procedentes da região montanhosa do Hunsrück (do atual estado alemão Renânia Palatinado) e da Província Pomerana da Prússia (da “Pomerânia Oriental” atualmente noroeste da Polônia e “Pomerânia Ocidental” atualmente nordeste da Alemanha) e falavam, além do alemão padrão, seus respectivos dialetos, ou seja, o dialeto da região de onde se originavam (MALTZAHN, 2011, p.61).

A formação do grupo étnico foi um esforço de unificação desses grupos para a promoção da germanidade e do pangermanismo. Além disso, com a distância da terra natal, os grupos começaram a perceber as semelhanças mais que as diferenças, “nunca se foi tão alemão como no Brasil”, segundo Seyferth (2000, p. 154): “(...) ter uma identidade alemã [...] significa pertencer a uma colônia sinônima de comunidade, definida por símbolos nacionais, apesar de eventuais dissensões regionalistas repostáveis ao surgimento tardio dos respectivos Estados-Nação”. Complementando a argumentação, segundo Maltzahn:

Os imigrantes alemães eram, portanto, grupos étnicos distintos com diferenças significativas, mas que perante a nova realidade, isto é, assentados em solo brasileiro e confrontados com uma cultura estranha, comparada com a de seus vizinhos de origem “germânica”, desenvolveram entre eles um sentimento comum de pertencimento étnico (MALTZAHN, 2011, p. 61).

Não acredito que isso desqualifique a experiência do grupo ou sua identidade, pois podemos encontrar diversos exemplos de grupos que também, em parte, contaram com um esforço político no fomento de uma identidade, como, por exemplo, os latino-americanos (GAVIÃO, 2013), entre outros.

A definição de grupo étnico tem como autor paradigmático Fredrik Barth. O antropólogo norueguês é considerado como um divisor de águas na maneira de se pensar teoricamente os grupos e identidade étnicas, isso porque o autor sugere que a identidade étnica é resultado da autodefinição dos sujeitos e de sua classificação por outros, de acordo com diferenças culturais consideradas relevantes.

Concordando com o pensamento de Barth (2000), Poutignat e Streiff-fenart (1998 p. 141) sugerem um conceito geral de etnicidade como “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores”. Portanto, a etnicidade é relacional, pois ela é validade na interação social. Seyferth acrescenta que a definição de etnicidade é: “uma categoria social significativa da condição de

pertencimento ao grupo étnico. Como qualidade compartilhada conscientemente pelos membros do grupo étnico, tem sentido demarcatório de uma identidade singular” (SEYFERTH, 2000 p. 153).

A etnicidade é um processo contínuo e nunca acabado que acontece nas relações sociais através de uma dinâmica dicotomizante entre nós e eles, nos termos de Norbert Elias ([1965] 2000): estabelecidos e outsiders. Ou seja, a etnicidade é processual e não rígida, inata, sem a necessidade dos processos de interação social. Assim, o processo e a interação estão no centro na análise, divergindo das perspectivas clássicas que viam a etnicidade como estática e o contato levando à aculturação. Nas palavras de Poutignat e Streiff-fenart:

Essa inversão de problemática coloca o processo de atribuição categorial e de interação no centro da análise: na medida em que a existência dos grupos étnicos depende da manutenção de suas fronteiras, a questão é saber de que modo as dicotomizações entre membros e outsiders são produzidas e mantidas e discernir seu efeito próprio nos comportamentos efetivos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 112).

Também partindo dos pressupostos de Barth, um grupo étnico pode ser definido como:

(...) uma forma de organização social, que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla. A identidade étnica é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade. Nessa concepção, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada em termos de manutenção de sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre membros e não membros (nós/eles). Os traços culturais que demarcam os limites do grupo podem mudar, e a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique o esvaziamento da solidariedade étnica (LUVIZOTTO, 2009, p. 31).

Destas definições amplas, vale a pena destacarmos alguns princípios. Como aponta Seyferth, a etnicidade tem uma dimensão simbólica importante: “elementos culturais emblemáticos contrastivamente usados para a organizar as identidades – repertório de características diferenciadoras [no caso teuto-brasileiro] em grande parte persistentes ainda hoje como sentido regulador das relações sociais” (SEYFERTH, 2000 p. 153).

A dimensão contrastiva apontada pela autora diz respeito à dicotomia nós/eles que faz uma diferenciação entre nós, coletivo, pertencentes ao grupo, e eles, outros, não pertencentes ao grupo. Podemos perceber aqui uma dinâmica relacional, assentada em um sistema de oposições. A pertença ao grupo étnico é construída socialmente e organiza as dinâmicas de

---

6 Como citado acima, o sociólogo Norbert Elias ([1965] 2000) realizou um trabalho muito interessante a partir desta perspectiva. Ele investigou uma pequena comunidade da Inglaterra e observou que haver uma divisão entre estabelecidos, moradores mais antigos e os outsiders, novos moradores. Os primeiros sentiam-se superiores aos outsiders, apesar de o tempo em que viviam na comunidade ser a única diferença entre eles. Portanto, a diferenciação nós/eles não se aplica exclusivamente às relações interétnicas.

relações dos membros dos grupos por meio desta de distinção. Podemos citar aqui o exemplo dos casamentos: muitos grupos condenavam os casamentos interétnicos, portanto a dinâmica das relações de matrimônio é/era organizada a partir da distinção nós/eles.

Nessa dinâmica nós/eles não só os membros do grupo se identificam em relação aos de fora, mas também “eles” identificam os membros do grupo. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998 p. 142), a etnicidade “se constrói na relação entre a categorização pelos não membros e a identificação com um grupo étnico particular”.

Portanto, a construção da identidade acontece em relação ao “outro” e não no isolamento do grupo: “(...) a construção da etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações característica do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas” (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998 p. 124).

Ainda segundo os autores, um outro ponto importante da dinâmica da etnicidade é que alguns aspectos são realçados e outros não são destacados. Há uma seleção de características do grupo que são importantes para a identificação e diferenciação dos outros (Barth, 1998), como em todo processo de realce de alguns aspectos, outros ficam omitidos e não são utilizados para a construção da identidade.

Há também uma crença em uma origem comum que estabelece traços culturais singulares ao grupo. No grupo aqui estudado essa crença em uma origem comum está muito presente. Primeiro na crença da migração da Alemanha/Europa, “(n)a presença de uma ausência”<sup>7</sup>:

(...) a presença da pátria-mãe no imaginário teuto-brasileiro na forma de pequenas narrativas metafóricas já que no campo simbólico ela está ausente. Aqui, a lembrança tornou-se o principal sustentáculo da memória coletiva articulando-se através da lógica de uma geografia imaginária, onde a imagem de qualquer "objeto alemão" remete à pátria-mãe (BAIRON, 1994, p. 22).

Mas a principal crença de origem comum para os teuto-brasileiros é o mito do colono pioneiro que assume ares de herói. Esse eram homens de família, trabalhadores, que construíram do zero as colônias nas quais se estabeleceram, transformando a selva em civilização. Muitas críticas pertinentes<sup>8</sup> podem ser traçadas em relação a essa figura mitológica,

---

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que, na época da imigração dos ancestrais da maior parte dos teuto-brasileiros, a Alemanha enquanto Estado não existia. De certo, era uma ideia cara aos nacionalistas alemães, e depois da unificação da Alemanha houve uma tendência de projetar a nacionalidade alemã ao passado, como algo que sempre existiu. Na realidade, o vínculo entre os “alemães” antes da unificação era composto mais de certos traços culturais, a língua (dividida em vários dialetos) e mesmo após a unificação uma boa parte dos imigrantes não veio do território da Alemanha, mas eram alemães étnicos de outras partes da Europa, como a Rússia, a Romênia ou a Ucrânia.

<sup>8</sup> Para um aprofundamento nas críticas, ver: Bairon, 1994.

mas o fato é que esse personagem estabelece essa origem comum e os traços culturais singulares dos teuto-brasileiros, trabalhadores e que falam alemão assim como seus ancestrais pioneiros.

Sobre esse assunto, Seyferth afirma que:

O elemento mais concreto dessa etnicidade é o sentido de comunidade baseado na história comum da colonização - da qual o pioneirismo dos primeiros colonos emerge como símbolo étnico -, na cultura comum, considerada alemã, e na origem racial/nacional, que remete à noção de Volk (povo). Assim, a comunidade étnica formalizada é assumida como endogâmica e definida por um conjunto de elementos concretos que servem como limites a separá-la dos "outros", entre os quais se destacam o uso cotidiano da língua alemã, a escola comunitária, as instituições culturais (como as sociedades de canto ou dança, por exemplo), as sociedades esportivas associadas a ideais nacionalistas, como as Turnvereine (sociedades de ginástica) e as Schützenvereine (sociedades de tiro), [...] o estilo arquitetônico adotado nas cidades e no meio rural, a organização do espaço, os hábitos alimentares, a divisão do trabalho, costumes relacionados ao casamento, dote e herança etc., têm caráter de limite inclusivo, no sentido que tem este na definição do grupo étnico. Isto é, refletem a ideia de pertencimento a uma unidade, um sentido de identidade coletiva, reforçada pela crença na origem comum (SEYFERTH, 2008 p. 4).

A etnicidade não deve ser encarada de maneira categórica, determinista, pois possui uma plasticidade que a torna cheia de nuances, o que lhe proporciona uma certa fluidez. Isso está mais presente nas fronteiras étnicas, fronteiras essas que são porosas, maleáveis. Como aponta Berlatto (2009, p. 150): “(...) as fronteiras são mutáveis. Qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras. Essas devem ser concebidas como uma demarcação social suscetível de ser frequentemente renovada pelas trocas”.

Portanto, as fronteiras não são estanques, elas se reconfiguram introduzindo e tirando pessoas e elementos. Entretanto, essa reconfiguração não significa “aculturação” ou “assimilação”, pois as fronteiras se mantêm, apesar e pela mudança:

(...) situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes (BARTH, 1998, p. 214).

### 2.2.3 Os teuto-brasileiros

Nessa seção iremos analisar os aspectos históricos do processo de formação do grupo étnico teuto-brasileiro. O início da migração sistemática de “alemães” para o Brasil está inserido dentro de uma política de colonização que se iniciou no período colonial e depois foi

desenvolvida mais profundamente durante o período do Brasil império. Esse projeto começa a ser desenvolvido no começo do século XIX, quando D. João VI, em 1808, assina um decreto que dá aos estrangeiros a possibilidade de acesso à propriedade de terras no país (SEYFERTH, 2003, p. 21).

Essa política de colonização visava atrair a entrada de imigrantes europeus para o Brasil, com objetivo de ocupar o território nacional e também, em vários casos, como no caso dos imigrantes italianos, substituir o trabalho que era realizado pelos escravizados negros.

Já no século XIX a elite intelectual do país se desdobrava sobre o assunto da questão racial do e no Brasil. Autores como Euclides da Cunha, Sílvio Romero e Nina Rodrigues pensaram sobre o tema relacionando raça e identidade nacional. Nesse momento histórico, a miscigenação era vista com um olhar negativo pelos intelectuais da época, salvo algumas exceções. A “raça branca” era vista com louvor, sendo ela responsável por trazer a civilização para o Brasil, superando as características negativas deixadas pela “raça negra”.

Isso porque as explicações sobre o Brasil eram pautadas pelo evolucionismo social, teoria em voga em todo o campo científico da época, que propunha que as sociedades passam por um progresso social que partia de um estado mais simples de povos primitivos, até evoluir a sociedades complexas, tendo como exemplo de civilização a Europa do século XIX (ORTIZ, 2012, p. 14). O evolucionismo social estava intrinsicamente ligado ao racismo científico que pregava a existência de raças biológicas e da superioridade de umas perante outras (MUNANGA, 2003). Então, os pensadores dessa época acreditavam e agiam a partir do pressuposto de que a solução para o atraso brasileiro estava no branqueamento da população, ou seja, na sua maior aproximação com a sociedade Europeia (SCHWARCZ, 1993, p. 11).

Para os evolucionistas existe uma “única escala evolutiva ascendente, através de vários estágios” (CASTRO, 2005, p. 13). Na linha do raciocínio evolucionista, que pautou os estudos antropológicos do século XIX, o Brasil estaria atrasado em relação à Europa, sendo a miscigenação a causa da nossa inferioridade civilizatória em relação à Europa branca. Essa corrente teórica foi a base para políticas nacionais bem como para as interpretações sobre o Brasil nessa época.

O recrutamento na Europa era feito a partir de propagandas positivas sobre o Brasil, exaltando a facilidade de acesso à terra e a possibilidade de progresso no “novo mundo”. Nesse período foram tomadas uma série de medidas para atrair agricultores alemães<sup>9</sup>. Segundo

---

<sup>9</sup> Do lado alemão, também havia motivos para os agricultores alemães quererem migrar devido a reforma agrária que estava ocorrendo no país naquele período. Para mais informações, ver: A situação dos trabalhadores

Seyferth (2003 p. 24), aos olhos da elite brasileira os alemães encaixavam-se perfeitamente no perfil procurado para a colonização no Brasil. Em seu texto a autora faz uma citação do livro de memórias sobre os meios de promover a colonização de autoria de Visconde de Abrantes (1941), no qual afirma que:

A Alemanha com uma população de 40 milhões he o país da Europa que tem fornecido e fornece o maior numero de colonos ao antigo e novo mundo. A aptidão destes colonos para o trabalho da Agricultura, e para os Officios e Artes, e o seu espirito pacifico e conservador achão-se provados por testemunhos os mais authenticos. (...) Amor ao trabalho e á família, sobriedade, resignação, respeito ás Authoridades, são as qualidades que distinguem os colonos alemaes, em geral dos colonos de outras origens (ABRANTES apud SEYFERTH, 2003, p.23).

Como podemos observar, em um primeiro momento os imigrantes alemães eram os preferidos da elite brasileira, tanto que foi realizada uma massiva campanha para atrair os agricultores alemães para o Brasil. Porém, após a instalação desses no Brasil, a opinião pública passou por um processo de transformação, chegando a se falar em um “perigo alemão” (GERTZ, 1991) devido à sua recusa em participar das políticas de assimilação e miscigenação correntes no Brasil.

Em 1818 ocorre a primeira experiência de imigração alemã para o Brasil. A primeira colônia é instalada na Bahia, porém a experiência não dá certo (segundo a literatura) por conta, em grande medida, do clima que era muito diferente do encontrado pelos imigrantes em sua terra natal. Assim, a região Sul do país foi uma alternativa mais viável para os imigrantes. E, de fato, foi no Sul do Brasil em que a imigração alemã se desenvolveu satisfatoriamente, o maior contingente de colonos alemães no Brasil se estabeleceu nessa região, especialmente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Seyferth afirma que:

(...) a decisão do governo imperial de implantar no Sul um sistema de colonização com imigrantes agricultores, a partir de 1824, tinha motivação geopolítica - povoar uma região problemática do território nacional, ainda sujeita a disputas fronteiriças com países vizinhos - e um propósito de diversificação econômico objetivando estimular o progresso com a vinda de camponeses e artífices europeus (SEYFERTH, 2000, p. 144).

De fato, foi no Sul do Brasil que experiência das colônias teve maior êxito. De qualquer maneira, o ano de 1818 é o marco inicial da chamada primeira fase da colonização que se estendeu até 1850. Os interesses brasileiros em relação à colonização nesse período eram bem conhecidos: “(...) instalar no país agricultores livres e brancos em áreas não ocupadas pelos latifúndios, num processo sob controle do Estado” (SEYFERTH, 2003, p. 22).



Outra data importante dessa primeira fase é o ano de 1824, com a fundação da primeira colônia no Sul do país, a colônia de São Leopoldo. Neste mesmo período foram fundadas as colônias de São Pedro de Alcântara, Mafra e Rio Negro (1829). Esse primeiro período, apesar da importância histórica, não teve um fluxo migratório tão intenso, como afirma Seyferth: “(...) as quatro colônias fundadas no Sul receberam apenas pequenos contingentes de imigrantes alemães trazidos por agenciadores do governo imperial brasileiro” (SEYFERTH, 2000, p. 145). A primeira fase teve fim devido ao início da Guerra dos Farrapos, em 1835, e impossibilitou por 15 anos a formação de novas colônias no Sul do Brasil.

As principais colônias alemãs no Brasil surgiram na chamada segunda fase da colonização (com exceção da colônia de São Leopoldo). Foi nessa segunda fase que surgiram as colônias de Blumenau, em 1850, Joinville, em 1851 e demais colônias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Se comparado ao contingente de imigrantes europeus, os imigrantes de origem alemã não foram um número tão expressivo, mas o que é interessante observar sobre esse grupo é que mesmo vivendo relativamente perto de capitais provinciais, os imigrantes viviam seu dia a dia em grande parte dentro das pequenas comunidades até 1950 (RAMBO, 2003 p. 74). Além disso, a política de imigração alemã estava mais ligada à questão de ocupação de terras no Sul do Brasil do que a substituição do trabalho escravo.

Os imigrantes alemães e seus descendentes deram origem a um grupo étnico denominado na bibliografia sobre o tema como “teuto-brasileiros”. Segundo Seyferth:

Teuto-brasileiro, portanto, compunha-se de dois elementos definidores, a origem alemã (direito de sangue) e a cidadania brasileira (seja pela naturalização, seja pelo direito de solo). Tal definição implica duas esferas de ação: a mais importante é a comunidade étnica (na qual devem portar-se como alemães), a outra é a esfera política e econômica mais ampla, na qual devem agir como cidadãos brasileiros. São, porém, cidadãos que fazem parte de um outro todo, que é a nação alemã (que pode conter uma gama variada de indivíduos de diferentes cidadanias). [...] não pressupunha qualquer laço com o Estado alemão. Ao contrário, tal ideologia reforçava a concepção de um grupo teuto-brasileiro, diferente dos outros brasileiros, mas também diferente dos outros alemães (SEYFERTH, 2003, p. 46),

São duas esferas de ações diferentes, em que a nação não está necessariamente ligada a um território específico, nesse sentido a nação é um fenômeno étnico-cultural (*volkstum*). Weber ([1922] 2000) pode nos ajudar a entender essa dinâmica. Para os teuto-brasileiros, a nação é uma relação social cooperativa comunitária, ou seja, a nação (ser alemão) está ligado a um sentimento de pertencimento afetivo a um grupo, no caso pertencimento à nação alemã, enquanto o Estado brasileiro (cidadania brasileira) é uma relação social cooperativa associativa, fundada mais por um interesse racional do Estado brasileiro em ocupar o Sul do país com imigrantes brancos e, por

parte dos colonos, o interesse em ser cidadão brasileiro estava ligado aos direitos garantidos pelo estado.

Outro ponto a ser destacado nessa discussão são alguns processos que estavam acontecendo na Europa quando um maior contingente de alemães imigrou para o Brasil, ou seja, no decorrer do século XIX. Dois pontos são importantes: a primavera dos povos (1848) e o pensamento romântico alemão. Ou seja, quando o processo de imigração se iniciou, a Alemanha como a conhecemos hoje não existia, essa era uma disputa que estava ocorrendo concomitantemente ao processo de imigração, isso aliado ao pensamento romântico alemão que “falavam em povo e língua como fundamentos da nação alemã”. Seyferth (2003, p. 45) afirma que fosse mais compreensível que os imigrantes alemães tivessem uma noção de nação e de Estado diferentes daquelas utilizadas no Brasil.

Podemos classificar nosso conceito de nacionalidade como *jus soli*, ou seja, a nacionalidade é reconhecida pelo local de nascimento, enquanto o conceito de nação praticado entre os alemães é o *jus sanguinis*, direito de sangue, no qual “a nacionalidade alemã é herdada através do sangue e perpetuada, mesmo longe da pátria de origem, pela cultura, pela língua, pelos costumes alemães” (SEYFERTH, 2003, p. 45).

A forma pela qual a colonização alemã se desenvolveu no Sul do Brasil trouxe resultados bem singulares e em certo sentido conflituosos em relação aos ideais das elites brasileiras de época. De forma resumida, podemos caracterizar o processo da seguinte maneira:

Os colonos alemães foram assentados como pioneiros em terras devolutas, num processo controlado, e ali ficaram isolados da sociedade brasileira, com a qual só teriam contato mais intenso já no período republicano. O sistema privilegiou o regime de pequena propriedade familiar, em lotes demarcados nas picadas e travessões, quase sempre acompanhando os cursos d'água (SEYFERTH, 2003, p. 27).

Esse processo muito particular em território brasileiro gerou consequências também particulares. Pelo menos nos primeiros anos da colonização, os imigrantes viviam em um isolamento geográfico, com pouca assistência do Estado brasileiro. Isso fez com que o isolamento também fosse um isolamento étnico, pois as colônias não eram “mistas”, ou seja, eram colônias que contavam com pessoas da mesma origem, e com a fraca presença do Estado surgiram organizações de auxílio entre os próprios membros da comunidade. As colônias foram desenvolvidas sem uma combinação entre imigrantes de diferentes países da Europa, gerando um estabelecimento de comunidades com pessoas das mesmas origens: colônias alemãs, italianas, polonesas (SEYFERTH, 2000, p. 152).

O isolamento étnico também foi influenciado pelo modelo de agricultura praticado nas colônias. Em razão deste modelo econômico de exploração da terra com base na agricultura familiar, não existia um contato constante com outros grupos, o trabalho na roça era feito pelos próprios membros da família (crianças e adultos), e em eventuais momentos nos quais eram necessárias mais força de trabalho, foram os próprios vizinhos (também colonos praticantes da agricultura familiar) que auxiliavam mutuamente os membros da comunidade. Assim, as relações tendiam a acontecer para dentro da própria comunidade.

A religião é um ponto importante de distinção entre a realidade brasileira de maneira geral *versus* a particularidade dos imigrantes alemães. Enquanto no Brasil a religião predominante e oficial era o catolicismo, entre os imigrantes alemães existiam tanto católicos como protestantes luteranos. Ou seja, existia uma diferença entre o Brasil latino e católico e as colônias germânicas e luteranas (SEYFERTH, 2003, p. 30).

Em decorrência dos fatos elencados acima, foi possível a formação de grupos étnicos homogêneos nos quais, por exemplo, as pessoas só comunicavam-se utilizando a língua materna (variações regionais do alemão), eram socializados e educados nessa língua. O ponto é que “(...) este isolamento e a constituição de um campesinato de pequenos proprietários permitiram a formação de uma sociedade étnica, cultural e economicamente diferente da sociedade brasileira” (SEYFERTH, 2003, p. 28). Como vimos, o isolamento foi construído por vários atores diferentes, como o espaço geográfico, o modelo de agricultura, a igreja, o Estado brasileiro etc.

Segundo o argumento de Behs (2001), o que ajudou a quebrar esse isolamento foi a chegada de um contingente de intelectuais alemães que exerceu uma função de aproximação da população migrante alemã e a política nacional. Os jornais étnicos foram importantes na circulação e manutenção da “germanidade” (ZAPELINI, 2015; NEUMANN, 2014). O número de jornais e outras formas impressas era expressivo e eles circularam principalmente pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina de 1852 a 1941: “Igreja, escola e imprensa foram os três pilares mestres de sustentação da política de preservação da identidade étnica. E os três pilares tiveram o mesmo revestimento: o uso da língua alemã” (BEHS, 2001, p. 96).

Assim, a formação da etnicidade teuto-brasileira tem como ponto de partida todo este processo. Mas, mesmo na sociedade atual, na qual o isolamento geográfico e cultural não é mais uma realidade para antigas colônias de imigração alemã, essas pessoas ainda tendem a pensar e agir por meio de um pressuposto de uma diferença entre “nós/alemães” e “eles/brasileiros”.

Como vimos, a etnicidade do grupo foi construída tendo como principais elementos a língua materna, a figura mitológica do pioneiro, o *ethos* do trabalho, a fé e a religião, as sociedades recreativas, as escolas e a família. Como podemos observar, são diversos os elementos que constroem esse sentimento de pertencimento ao grupo étnico.

#### **2.2.4 Uma igreja alemã no e do Brasil**

A história da IECLB e a história da imigração alemã estão profundamente conectadas, como dito anteriormente. O protestantismo luterano no Brasil só existe no formato dos dias atuais devido a esta profunda conexão com a imigração alemã e a formação do grupo étnico.

Segundo Bahia (2017), nos fluxos migratórios para o Brasil existe uma forte ligação entre migração e religião. Muitas das identidades nascidas dessa migração para o Brasil se forjam tendo como base a fé e religião de origem dessa população migrante. Seyferth (2000) também destaca a religião como importante elemento para a conservação dos valores étnicos.

Dentro da religião, Bahia (2017) ressalta a importância do papel do pastor na construção e manutenção dos valores da etnicidade: “O pastor é um letrado, aquele que melhor domina a língua sagrada e histórica na construção tanto do sentimento da nação alemã quanto na reinvenção da Alemanha no Brasil a partir da imigração e da formação de colônias alemãs no país” (BAHIA, 2017, p. 45).

Podemos observar a conexão entre igreja e etnicidade, por exemplo, na forma de organização das comunidades nos primórdios da igreja luterana no Brasil no século XIX. Neste período, as comunidades luteranas eram independentes, ou seja, se organizavam de maneira autônoma e sem uma ligação institucional entre as comunidades, isto porque o contato entre elas era mínimo ou simplesmente não existia devido às grandes distâncias e o isolamento das colônias (DREHER, 1984, p. 58), indo ao encontro com o processo vivido pelo grupo étnico em geral.

Para Dreher, ainda existe um outro fator que isola ainda mais os alemães de origem luterana: “(...) os católicos ainda tinham, através de sua fé, um laço que os unia à população brasileira; esse laço faltava aos protestantes. Por esse motivo, pelo menos no período pré-sinodal, eles estiveram social, política e eclesiasticamente isolados” (DREHER, 1984, p. 58).

Bahia chama atenção para um ponto muito interessante em relação à diferença entre pastores e padres: “Como a pregação do evangelho de Lutero envolvia também a difusão do idioma alemão e de outros elementos culturais simbólicos, a função do pastor protestante na

comunidade era muito mais ampla do que a do padre católico” (BAHIA, 2000, p. 45). Tal argumentação dá base para algo que Freston (1998) chamará a atenção: em muitos casos, especialmente no interior da região Sul do país, a Igreja Luterana ocupa o papel social da Igreja Católica, representando a religião “natural” da maioria.

Quanto à classificação da IECLB, segundo Freston (1998), a instituição se configura sociologicamente como uma igreja e não uma denominação ou seita. É interessante ressaltar o aspecto étnico presente na definição do autor:

Igreja significa uma grande instituição religiosa cujas fronteiras se confundem com as da nação ou da etnia. A denominação pode ser vista como meio-termo entre a seita e a igreja, pois surge no contexto de pluralismo religioso, separada do Estado, mas favorecendo a integração social dos fiéis enquanto cidadãos. Os adeptos tendem a ser de uma só classe social (especialmente da classe média), mas os laços comunitários são mais fracos do que os da seita. Geralmente tem um clero profissional. Em um sentido, a denominação é o extremo oposto da seita e da igreja: não reivindica um monopólio da verdade, mas se vê como apenas um dos nomes ("denominações") da verdadeira igreja (FRESTON, 1998, p. 62).

Para Bourdieu ([1971] 2015, p. 60), alinhado ao pensamento de Max Weber ([1922] 2000), a igreja é uma instituição burocrática que racionaliza a forma de trabalho possuindo normas, regras, hierarquias etc. Seguindo a linha de raciocínio bourdiesiana, também é possível considerar a IECLB uma igreja, já que essa possui uma burocracia (muito bem) organizada, diferenciando-se de uma seita. Bourdieu aponta uma série de características burocráticas de uma igreja, tais características estão bem estabelecidas na IECLB. Na definição de igreja de Bourdieu, é necessário existir uma delimitação das áreas de competência, o que vimos estar descrito no EMO. Também existe uma hierarquia, que no caso aqui estudado organiza-se na dimensão profana por leigos, líderes da igreja e no plano do sagrado também organizam-se de forma hierárquica, partindo dos ministros/ministras atuantes em comunidades, aos pastores/pastoras sinodais e pastor/pastora presidente. Cada cargo possui suas funções muito bem delimitadas, bem como possuem uma remuneração correspondente. Um sistema de promoções e carreiras e regras da atividade profissional são outras características elencadas por Bourdieu na sua definição de igreja burocraticamente organizada e que estão presentes na IECLB.

### 3. MÉTODO DE PESQUISA

Para a execução do trabalho empírico elaborei um survey interseccional exploratório. A coleta de dados foi realizada de forma padronizada por meio de um questionário online autoaplicável na plataforma “google forms”. O questionário foi enviado aos pastores e pastoras atuantes na IECLB no ano de 2020, resultando em uma amostra de 173 pastores e pastoras.

O questionário foi composto por perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha direcionadas aos aspectos socioeconômicas dos agentes, bem como perguntas direcionadas ao aspecto da etnicidade. Ele foi disponibilizado em outubro de 2020 e ficou disponível para resposta até dezembro de 2020, totalizando um intervalo de dois meses de abertura para as respostas.

Os dados obtidos foram inseridos no software SPSS. A partir das respostas obtidas foi criado um banco de dados que contém um total de mais ou menos 8650 respostas (50 questões respondidas por 173 pessoas). As respostas deram origem a gráficos e tabelas sobre o perfil dos pastores e pastoras luteranos e sobre os aspectos ligados à etnicidade. A partir desses dados foi realizada a análise.

#### 3.1 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO

Apesar de basearmos boa parte do trabalho na obra de Bourdieu, o autor não concedeu muito espaço ao estudo da religião no conjunto da sua obra, isso porque via muitos entraves no estudo da religião. Primeiro em relação ao próprio pesquisador. O pesquisador poderia estar em dois polos, um do “não fazer parte” de total descrença na religião, totalmente fora do campo: “O risco consiste em afundar no positivismo, abordando a religião exclusivamente do ponto de vista exterior, ‘como uma coisa’, sem perceber a força do caráter subjetivo da atividade religiosa e, particularmente, a adesão incondicional a verdades reveladas” (DIANTEILL, 2003, p. 11). No outro polo encontram-se os pesquisadores que “fazem parte”, que, na opinião de Bourdieu, quase impossibilita a pesquisa sociológica, pois o pesquisador pode “adotar um ponto de vista religioso sobre a religião”.

Bourdieu encontrava-se no polo dos que não fazem parte, que predominava na formação sociológica laicista da França do século XX. Por consequência da sua formação e de ter crescido e atuado na Europa, Bourdieu via o campo religioso como um campo em declínio, pois associava muito o campo religioso ao catolicismo. Assim, acreditava erroneamente nesse

desaparecimento do poder da religião, algo que não acontece no século XXI, como podemos constatar, por exemplo, na ascensão do neopentecostalíssimo.

Acredito estar em uma posição privilegiada em relação aos polos apresentados por Bourdieu, pois tenho uma inserção no campo por ser filha de pastores. Mas, ao mesmo tempo consigo ter uma visão não religiosa da religião, já que não estou profundamente conectada à religião por meio da fé. Portanto, tenho a experiência necessária para compreender as dinâmicas internas do campo e conseguir diferenciar essa dinâmica da dinâmica de outras religiões, mas ao mesmo tempo consigo estranhar o conhecido e ter o distanciamento necessário para a análise sociológica da religião, sem os entraves de colocar em xeque as crenças religiosas individuais.

Minha trajetória pessoal apresenta-se como uma vantagem em relação ao objeto de pesquisa. Tal vantagem está no fato que sou filha de pastor e pastora luteranos, portanto tenho uma rede de relações com os agentes. Pude me valer dessas conexões para uma inserção profunda no campo de estudo, também o **contato** com os agentes se tornou mais fácil, bem como o acesso aos grupos, eventos e locais importantes para o **contato** com minha amostra.

O caminho para encontrar as informações necessárias para pesquisa foi longo. Primeiro, já em 2019, tentei **contato** com a IECLB para ter acesso a informações de **contato** dos pastores e pastoras. Enviei uma carta de apresentação por e-mail e sugeri uma parceria para que os dados pudessem ser utilizados pela instituição em troca do meu acesso aos **contatos**. É importante ressaltar que não existe um banco de dados disponível de fácil acesso para que fosse possível conduzir a pesquisa sozinha, sem necessariamente envolver a instituição. Entrei em **contato** com a direção da igreja mais algumas vezes ao longo de 2019 e 2020, mas não obtive resposta a nenhum dos meus **contatos**.

Já estava estudando alternativas ao meu projeto inicial, já que não havia recebido resposta e não conseguiria desenvolver o trabalho como gostaria. Até que pesquisando no site da instituição, encontrei uma maneira.

No site da IECLB existe uma aba na qual é possível encontrar o **contato** de cada ministro individualmente, basta ter o nome da pessoa que você deseja **contatar**, digitando o nome e apertando em “pesquisar”, aparece como resultado os dados da pessoa em questão. Depois de várias visitas ao site da IECLB pelas questões da pesquisa, em determinado momento apertei o botão de “pesquisar por um **contato**” sem colocar nenhum nome e então apareceu o banco de dados completo com todos os **contatos** dos ministros e ministras da IECLB. Ou seja, esse banco de dados não era algo de fácil acesso e só depois de muitas tentativas encontrei sozinha uma maneira de obter todos os **contatos** que necessitava para pesquisa.

Depois de encontrar essa fonte de informação, passei para a segunda etapa: a de seleção dos dados. Essa etapa consistiu em encontrar os pastores e pastoras atuando em comunidades no ano de 2020.

No banco havia **contatos** de diversos ministros e ministras, inclusive o nome daqueles falecidos. Então foi necessário um refinamento dos dados. Nessa etapa, olhei o banco por inteiro, excluindo as categorias que não eram do meu interesse. Foram excluídas as seguintes categorias: “Catequista, Pastor emérito, Pastor falecido, Pastor em busca de campo, Pastor afastado, Pastor suspenso, Pastor licenciado, Pastor em disponibilidade, Pastor Voluntário, Pastor em licença de estudo, Missionário, Ministro diaconal”.

Como resultado desse refinamento, consegui os dados dos meus casos de interesse. O próximo passo era saber se os dados disponíveis no site estavam atualizados. Essa conferência aconteceu da seguinte maneira: (1) verifiquei os dados de pessoas que conhecia da minha vida pessoal. Além disso, (2) selecionei pessoas aleatórias e tentei entrar em **contato** para confirmar os dados. Nessas duas táticas, os dados estavam corretos e devidamente atualizados. Cheguei num número de 640 **contatos**.

A próxima etapa do trabalho foi entrar em **contato** por e-mail com os pastores e pastoras. O envio dos e-mails aconteceu em um período de quatro dias e o questionário ficou disponível para ser respondido por dois meses. Depois desse período foram totalizadas 173 respostas ao questionário.

Eram muitas as variáveis que podiam impedir dos pastores e pastoras de participar, como proteção à instituição, a pesquisa parecer longa, temas talvez sensíveis a alguns etc. Temos como exemplo a resposta de um dos pastores em determinada pergunta da pesquisa: “Não vejo porque tanta insistência em sua pesquisa, nesse tema, quando há tantas outras questões mais prementes e desafios que temos como igreja e em torno dos quais precisamos nos unir, independente de nossa origem étnica”.

Outro aspecto do trabalho de campo é que algum leitor com conhecimento sobre os temas explorados no trabalho pode entender que faltou uma análise aprofundada em um ou outro aspecto. E, de fato, certos assuntos abrem a possibilidade de uma análise mais profunda. Porém, em minha defesa, é importante ressaltar que todos os dados contidos na análise foram construídos do zero a partir da minha pesquisa, o que toma muito mais tempo do que uma análise de dados preexistentes. Além disso, o trabalho consiste em uma dissertação de mestrado, que deve ser defendida em dois anos e também passamos por uma pandemia nos anos de 2020



e 2021. O trabalho abre a possibilidade de outros pesquisadores utilizarem os dados disponíveis neste trabalho e aprofundar a análise de dados com o tempo e a dedicação necessários.

O último ponto que gostaria de destacar é que as várias questões sobre o mesmo assunto parecem, à primeira vista, um pouco repetitivas, como salientou o pastor citado anteriormente, mas tal técnica se mostrou eficaz, pois perguntas semelhantes trouxeram respostas que ressaltaram aspectos diferentes, formando um conjunto de características mais abrangentes, como questões simbólicas, culturais, físicas, da liturgia etc., possibilitando, assim, abarcar um conjunto maior de questões, termos e características.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como foi explanado ao longo do texto, um dos principais esforços desta dissertação foi construir os dados aqui analisados. Então, a maior parte da análise de dados constitui-se de uma exposição analítica dos dados produzidos a partir da pesquisa de campo.

A análise foi dividida em cinco agrupamentos temáticos das respostas ao questionário, sendo contemplados aqui todos os resultados da pesquisa. A partir deles constitui-se um panorama geral das características dos agentes, de maneira que conseguimos identificar o perfil dos pastores e pastoras da IECLB.

É importante ressaltar que com os dados obtidos na pesquisa de campo não é possível pensar em qual variável explica o porquê alguém se torna pastor, porque para esse tipo de aferição seria necessário um grupo de controle constituído de pessoas com as mesmas características da amostra, porém “não pastores”.

O que é possível com os dados criados aqui é aferir determinadas características sobre os pastores e pastoras, mas apenas dentro do grupo. Nesse grande grupo “pastores e pastoras da IECLB”, é possível a partir dos dados coletados, por exemplo, realizar o que é o objetivo do trabalho: traçar o perfil desse grupo, mostrando as características gerais e as diferenças internas, mas utilizando apenas os dados desta pesquisa não é possível fazer comparações entre pastores e pastoras luteranos *versus* alguma outra categoria.

Porém, a partir do trabalho aqui realizado é possível que algum pesquisador que tenha interesse no tema utilize os dados juntamente com outro conjunto de dados sobre outro grupo e realize tais comparações.

### 4.1 DADOS BÁSICOS

#### 4.1.1 Gênero: um campo masculino, mas em transformação

Os dados de gênero têm uma importância dupla no trabalho. Em primeiro lugar, gênero por si já um dado de extrema importância para os objetivos da pesquisa, pois aqui entendemos gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...] gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Em segundo lugar, os dados de gênero foram os únicos disponíveis no

site da IECLB, além de nome e contato. Foram esses os únicos dados que possibilitaram a comparação entre a amostra e a população total.

Na tabela 1 estão os dados da população total: nela podemos observar que a população é composta por 640 agentes, sendo 175 pastoras, que representam 27,3% da população, e 465 pastores, que representam 72,7% da população. Cabe aqui lembrar o dado exposto na revisão da literatura: em 2009, o número de pastoras era de 148, porém, como as autoras Steck e Blasi (2009) não trouxeram dados do total de pastores e pastoras da IECLB naquele ano, é difícil fazer aferições sobre a relação entre os números de 2009 e de 2021, apenas é possível afirmar que em números absolutos houve um aumento no número de pastoras.

Tabela 1 – Dados de gênero da população total

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
feminino	175	27,3	27,3
masculino	465	72,7	100,0
Total	640	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 2 estão contidos os dados da amostra de pesquisa. Na amostra, os pastores representam 72,3% da amostra e as pastoras representam 27,7%. Ao analisar gênero, os dados da amostra foram bem precisos. Em ambos os casos, pastores e pastoras, a diferença entre dados da amostra e dados da população total foi de apenas 0,4%. Ou seja, a tendência encontrada na amostra pode ser generalizar para a população de maneira quase precisa.

Tabela 2 - Dados de gênero na amostra

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
masculino	125	72,3	72,3
feminino	48	27,7	100,0
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A questão do ministério feminino nas igrejas protestantes é uma discussão que ocorre desde a reforma no século XVI. Pela doutrina luterana do “sacerdócio de todos os crentes”, em teoria, as mulheres poderiam ocupar cargos iguais aos dos homens nas funções clericais da igreja. Porém, como afirma McGrath (2012), Lutero assumiu uma posição conservadora a esse respeito, ele “parece ter relutado em seguir de forma plena essa afirmação radical de suas conclusões eclesiológicas” (MCGRATH, 2012, p. 338). Em minha opinião, algo compreensível

para os anos de 1500. Apesar do fim do celibato, o papel da mulher nas atividades da igreja sofreu uma “transferência da vocação do convento para a casa. A família devia ser a nova unidade do chamado e da educação religiosa” (MCGRATH, 2012, p. 340).

Ainda segundo McGrath (2021), na esteira das mudanças do século XX a discussão sobre o sacerdócio feminino ressurgiu mais guiada pelos acontecimentos sociais externos ao campo religioso do que uma iniciativa interna do campo. Então, após a Segunda Guerra Mundial, o debate foi levado a cabo e a partir de 1950 “todos” os crentes, homens e mulheres, puderam exercer o sacerdócio. Segundo os dados apresentados pelo autor, depois da institucionalização do sacerdócio feminino o número de ministras só vem aumentando ao redor do mundo, fato que veremos na tabela 4, aplicando-se também ao caso da IECLB.

Ainda sobre esse assunto, as autoras Steck e Blasi (2009) fazem uma retrospectiva da questão do pastorado feminino na IECLB. Segundo as autoras, o ingresso de mulheres no curso de teologia iniciou-se em 1966 e não sofreu resistência por parte do corpo docente, apesar de os professores não concederem o mesmo status para pastoras e pastores.

Foi só em 1982 que a primeira pastora foi ordenada, ou seja, começou de fato a trabalhar como pastora na IECLB. As autoras ainda relatam que por determinado período (antes dos anos 90) existia uma cota que indicava que apenas 10% das vagas do curso de teologia<sup>10</sup> poderiam ser ocupadas por mulheres. Como veremos na tabela 5, quanto maior a faixa etária, menor é o número de pastoras. Ou seja, ao longo das décadas as mulheres foram conquistando cada vez mais espaço como pastoras, ao passo que na atual gestão (2019 – 2022) o cargo de presidência da igreja é ocupado por uma mulher, a Pastora Presidente Sílvia Beatrice Genz.

#### 4.1.2 Idade: uma minoria jovem

Na tabela três encontram-se os dados referentes à idade das pastoras e pastores da IECLB. Os dados foram coletados em faixas, divididas como aparecem na tabela.

Tabela 3 - Idade em faixas

Faixas	Número de pastores/pastoras	Percentual válido	Percentual acumulado
21 a 29 anos	6	3,5	3,5

<sup>10</sup> Muito provavelmente as autoras estavam referindo-se à faculdade EST, mesmo essa informação não tenha ficado clara no artigo.

30 a 39 anos	41	23,7	27,2
40 a 49 anos	48	27,7	54,9
50 a 59 anos	57	32,9	87,9
60 anos ou mais	21	12,1	100,0
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Como é possível notar, a maioria dos agentes se encontra nas faixas dos 50 a 59 e dos 40 a 49 anos. Logo em seguida, em terceiro encontram-se os pastores e pastoras com idade entre 30 a 39 anos (23,7%), seguidos pelos pastores e pastoras com 60 anos ou mais (12,1%) e a minoria dos agentes encontra-se (3,5%) na faixa de 21 a 29 anos.

Para termos uma comparação, ao pesquisar uma amostra de 38 pastores da IECLB atuantes no Sínodo Centro Campanha Sul e no Sínodo Vale do Taquari (ver figura 2), Kuster (2018) concluiu que 44,7% dos agentes pesquisados tinham menos de quarenta e quatro anos de idade e 55,3% tinham mais de cinquenta e cinco anos de idade. Guardadas as devidas diferenças, os dados parecem estar em consonância: tanto o presente trabalho quando o trabalho de Kuster apresentam sua mediana<sup>11</sup> na faixa dos 40 a 50 anos.

Observando os dados podemos constatar que, da amostra estudada, a maioria dos agentes está em faixas etárias mais avançadas, dos quarenta anos em diante. Além disso, há outra constatação pertinente: a maior porcentagem das mulheres encontra-se nas primeiras faixas de idade. As faixas de 21 a 29 anos e de 30 a 39 anos são aquelas em que as mulheres têm uma porcentagem maior do que os homens. A primeira faixa etária representa apenas 3,2% do total de homens enquanto representa 4,2% do total de mulheres, na segunda faixa etária está a maior diferença. Essa faixa representa 37,5% do total de mulheres, enquanto representa 18,4% do total de homens. Outra diferença notória encontra-se na faixa etária de 60 anos ou mais. Essa faixa representa apenas 4,2% do total de mulheres e representa 15% do total de homens. Nas duas pontas das faixas etárias as mulheres representam 4,2%. Porém, essa porcentagem tem um peso relativo diferente, já que a primeira faixa representa 3,5% da amostra total, enquanto a última faixa representa 12,1% da população (é necessário levar em consideração a margem de erro).

Tabela 4 – Gênero dividido em diferentes faixas etária

<sup>11</sup> Mediana é o valor que separa os dados da amostra entre a metade maior e a metade menor.

		Idade em faixas					Total
		21 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos ou mais	
feminino	contagem	2	18	11	15	2	48
	% dentro de sexo	4,2%	37,5%	22,9%	31,2%	4,2%	100,0%
masculino	contagem	4	23	37	42	19	125
	% dentro de sexo	3,2%	18,4%	29,6%	33,6%	15,2%	100,0%
Total	contagem	6	41	48	57	21	173
	% dentro de sexo	3,5%	23,7%	27,7%	32,9%	12,1%	100,0%

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

É partindo da tabela quatro e cinco e das análises do parágrafo anterior que podemos aferir que existe uma mudança no perfil das pastoras e pastores da IECLB. Especificamente na tabela cinco, podemos observar que quanto maior é a faixa etária, maior é a diferença de gênero. Na faixa etária dos 60 anos ou mais<sup>12</sup> as mulheres são 9,5% e os homens são 90,5% da amostra. É verdade que as mulheres têm a possibilidade de aposentar-se antes dos homens, o que pode interferir nesses dados. Mas as porcentagens das faixas anteriores mostram essa dicotomia: quanto maior a faixa etária, menor é o número de pastoras. Há uma tendência da proporção de pastoras aumentar ao longo do tempo, uma mudança geracional.

Tabela 5 - Faixas etárias dividida em gênero

		Idade em faixas					Total
		21 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos ou mais	
feminino	contagem	2	18	11	15	2	48
	% dentro da idade em faixas	33,3%	43,9%	22,9%	26,3%	9,5%	27,7%
masculino	contagem	4	23	37	42	19	125
	% dentro da idade em faixas	66,7%	56,1%	77,1%	73,7%	90,5%	72,3%
Total	contagem	6	41	48	57	21	173
	% dentro da idade em faixas	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

## 4.2 RECRUTAMENTO

### 4.2.1 Origem Social: vindos de áreas rurais com os pais e mães agricultores/agricultoras e trabalhadores da indústria.

<sup>12</sup> Segundo o estatuto da IECLB, os pastores podem seguir atuando até os 75 anos.

Neste tópico serão apresentadas três questões: profissão da mãe, profissão do pai e onde o agente morou a maior parte da infância e adolescência. O objetivo é ter uma ideia de quais eram as condições de vida dos agentes durante sua infância e adolescência. As profissões de pai e mãe dão bons indícios de que posição na hierarquia social esses pastores e pastoras são provenientes (BOURDIEU, [1964] 2015; [1970] 1992). Já a questão de zona urbana e zona rural é importante para entender a socialização desses agentes e também para entender a relação com a etnicidade, pois, como vimos anteriormente, a questão da etnicidade teuto-brasileira está muito ligada ao espaço rural.

Na tabela 6 são apresentados os dados referentes ao espaço onde o agente morou na maior parte da sua infância e adolescência: em zona rural ou zona urbana. Como é possível observar na tabela seis, 52,6% deles moraram a maior parte do tempo na zona rural, indo na contramão da maioria da população brasileira.

Foi realizado também um teste inferencial para avaliar a hipótese da relação entre idade e local onde passou a infância, partindo do pressuposto que o número de pessoas que vivia nos espaços rurais era maior no passado. Seguindo essa hipótese, idade e local de nascimento deveriam estar relacionados: os mais velhos deveriam representar a maioria das pessoas nascidas no meio rural. O teste mostrou não haver uma correlação estatisticamente significativa. Isso quer dizer, idade do agente e local onde passou a infância não estão relacionados.

Por isso, apesar da diferença percentual entre rural e urbano não ser tão elevada, ela tem um maior valor relativo. Apesar das transformações da população do Brasil no século XX, mais precisamente o êxodo rural que ajudou a mudar a distribuição do país, os pastores e pastoras da IECLB continuam vindo em sua maioria da zona rural.

Tabela 6 - Onde morou na infância e adolescência: rural ou urbano

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
rural	91	52,6	52,6
urbano	82	47,4	100,0
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Para aprofundar mais o argumento, basta uma breve introdução sobre o processo de urbanização do país. Segundo os dados do IBGE (2011, p. 77), até os anos de 1960 a maioria da população brasileira vivia em áreas rurais. A partir dessa década começou um profundo processo de urbanização do país ligado a fatores como: crescimento vegetativo da população,

migrações internas e êxodo rural culminando nos números atuais, com 84% da população brasileira vivendo em áreas urbanas. Uma parcela importante desse número, que passa de 45,1% em 1960 para 84% no censo de 2010, está ligado ao fenômeno do êxodo rural.

Comparativamente, os números encontrados na pesquisa se aproximam da realidade do Brasil nos anos 60, na qual 54,9% da população vivia em áreas rurais e 45,1% em áreas urbanas. Se compararmos com a região Sul (local de concentração da IECLB), os dados se aproximam da realidade dos anos 1970, na qual 55,4% da população vivia em áreas rurais e 44,6% em áreas urbanas.

O próximo ponto para compreender a origem social dos pastores e pastoras é a profissão dos pais (tabela 7) e a das mães (tabela 8). Começamos pela profissão do pai.

Tabela 7 - Profissão do pai

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Agricultor	72	41,6	42,6	42,6
Operário	19	11,0	11,2	53,8
Comerciante	11	6,4	6,5	60,4
Trabalhador da Construção Civil	9	5,2	5,3	65,7
Empresário	8	4,6	4,7	70,4
Pastor	6	3,5	3,6	74,0
Marceneiro	5	2,9	3,0	76,9
Vendedor	4	2,3	2,4	79,3
Mecânico	4	2,3	2,4	81,7
Contador	3	1,7	1,8	83,4
Funcionário Público	3	1,7	1,8	85,2
Professor	3	1,7	1,8	87,0
Motorista	3	1,7	1,8	88,8
Autônomo	2	1,2	1,2	89,9
Advogado	2	1,2	1,2	91,1
Artesão	2	1,2	1,2	92,3
Vigia	2	1,2	1,2	93,5
Ferreiro	1	,6	,6	94,1
Topógrafo	1	,6	,6	94,7
Administrador	1	,6	,6	95,3
Vidraceiro	1	,6	,6	95,9
Analista de Sistemas	1	,6	,6	96,4
Açougueiro	1	,6	,6	97,0
Taxista	1	,6	,6	97,6
Musicista	1	,6	,6	98,2
Feirante	1	,6	,6	98,8
Alfaiate	1	,6	,6	99,4
Técnico Eletricista	1	,6	,6	100,0
Total	169	97,7	100,0	



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Podemos observar pelas respostas que a base de recrutamento dos pastores e pastoras é em famílias de trabalhadores, principalmente rurais, em sua maioria. Especialmente agricultores (42,6%) e trabalhadores da indústria (11,2%). Em certo sentido isso abala a tese de que os luteranos são uma igreja dos ricos (ver tabela 23), porque pelo menos em sua base eclesial os pastores e pastoras não vêm de famílias da classe dominante, mesmo a grande maioria dos pastores e pastoras sendo luteranos desde que nasceram/serem de família luterana (ver tabela 10).

Outro aspecto a ser ressaltado é que os números entre os que declaram vir de zona rural e os que declararam ter pais agricultores têm uma variação (tabela 6 em relação à tabela 7 e 8). Há um maior número de agentes que declaram ter morado em áreas rurais, comparado aos que declaram que os pais eram agricultores. Sobre essa diferença, na profissão da mãe temos que levar em conta o percentual de mães que eram “do lar”, categoria que pode abranger tanto o espaço urbano quanto o rural.

Porém, o que gostaria de destacar é que conforme o argumento de Balsadi (2001), o espaço rural não necessariamente é um espaço só de agricultores. Desde 1960 existem dados que demonstram as crescentes atividades não agrícolas na área rural. Schneider (1996), em seu trabalho, aponta que justamente uma parcela de agricultores teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul passou por uma transformação no modo de vida camponês através de um processo de industrialização difusa e mudanças na agricultura familiar que os tornou “colonos-operários”. Assim, podemos explicar essa diferença nos números. Os pais de pastores e pastoras que viveram sua infância e adolescência em meio rural podem ter tido outras profissões que não agricultores 13.

Tabela 8 - Profissão da mãe

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Agricultora	71	41,0	41,3	41,3
Do lar	48	27,7	27,9	69,2
Professora	7	4,0	4,1	73,3

13 As profissões das mães dos pastores e pastoras que passaram a maior parte da infância e adolescência em área rural foram: agricultora, do lar, professora, comerciante, costureira, diarista, lavadora, artesã e cuidadora de idosos. As profissões dos pais foram: agricultor, empresário, pastor, operário, comerciante, trabalhador da construção civil, professor, motorista, marceneiro, artesão, mecânico, taxista e feirante.

Diarista	7	4,0	4,1	77,3
Costureira	6	3,5	3,5	80,8
Comerciante	5	2,9	2,9	83,7
Operária	4	2,3	2,3	86,0
Serviços Gerais	2	1,2	1,2	87,2
Telefonista	2	1,2	1,2	88,4
Lavadora	2	1,2	1,2	89,5
Secretária	2	1,2	1,2	90,7
Artesã	2	1,2	1,2	91,9
Dona de comércio local	2	1,2	1,2	93,0
Cabelereira	1	,6	,6	93,6
Regente de Coral	1	,6	,6	94,2
Enfermeira	1	,6	,6	94,8
Funcionária Pública	1	,6	,6	95,3
Doceira	1	,6	,6	95,9
Passadeira	1	,6	,6	96,5
Balconista	1	,6	,6	97,1
Cuidadora de crianças	1	,6	,6	97,7
Musicista	1	,6	,6	98,3
Pedagoga	1	,6	,6	98,8
Auxiliar de Escritório	1	,6	,6	99,4
Cuidadora de idosos	1	,6	,6	100,0
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>99,4</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Comparando as profissões de pais e mães, os homens exerciam 29 profissões diferentes, enquanto as mulheres exerciam apenas 24 profissões. Se observarmos quais eram as atividades conforme o gênero é possível perceber que só as mulheres exerciam funções de cuidado. Além disso, elas se dedicavam mais às atividades dentro da propriedade, como agricultora e do lar. É interessante ressaltar o espaço externo como sendo masculino, enquanto as mulheres ficaram mais restritas às atividades no ambiente familiar, conforme a argumentação de vários autores, como Bourdieu (2002) e Kergoa (2009).

Isso se reflete também na própria profissão aqui investigada. Como podemos observar, o número de pastores é muito maior que o número de pastoras. Em teoria, não há nenhum impedimento legal para justificar tal diferença. Ela está ligada mais a questões culturais de gênero, já que o cargo de pastor é um cargo de autoridade e voltado ao espaço externo. Muitas mulheres ocupam o cargo invisível de “mulher de pastor”, que, na prática, é complementar ao do marido, porém não remunerado e voltado para a questão do cuidado, como com as crianças. Como apontam Streck e Blasi (2009), essas mulheres são uma figura importante na IECLB:

[...] a “Frau Pfarrer”, literalmente “a esposa do pastor”. Era esperado que ela, em certas situações, trabalhasse tanto como os pastores. Ela, como esposa do pastor, era

o motor que movia e direcionava as atividades do grupo de mulheres, do coral, do grupo de estudos bíblicos, da educação religiosa infantil, entre outros (STRECK; BLASI, 2009, p. 229).

Sobre a origem social dos pastores e pastoras, resumidamente (com base nos aspectos estudados neste trabalho), pode ser descrita como: a maioria dos agentes provêm de áreas rurais, os pais e mães dos agentes são “trabalhadores”, especialmente agricultores/agricultoras e trabalhadores da indústria. Esses dados parecem ser interessantes quando pensamos em questões culturais e sobre a própria etnicidade teuto-brasileira que se forja no interior das colônias que se desenvolveram em sua maioria em zonas rurais, como vimos na fundamentação teórica.

#### **4.2.2 Etnia: a maioria teuto-brasileira**

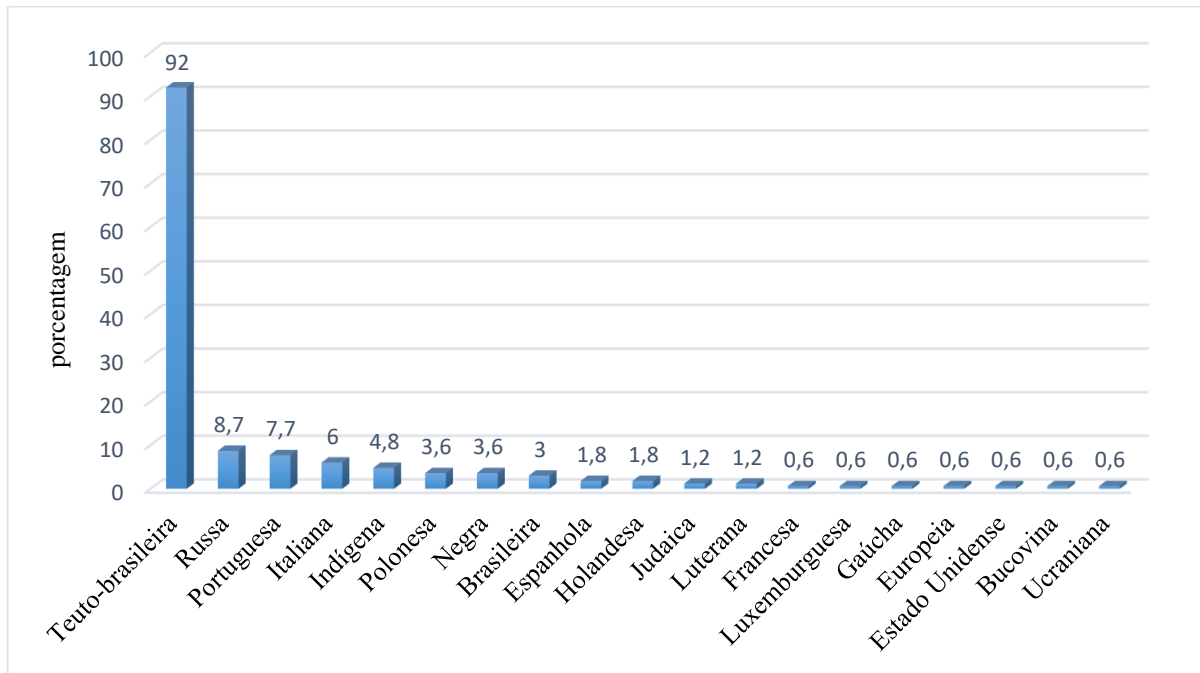
Nessa seção iremos analisar os dados sobre aspectos subjetivos, como as autodeclarações sobre a origem da família dos agentes, bem como questões mais “objetivas”, como, por exemplo, quais eram os idiomas falados no ambiente familiar.

Começaremos pela origem familiar. Quando perguntados sobre a origem étnica da família, em 92% dos casos os agentes responderam ter origem ou parte da origem utilizando os termos: alemã, germânica, teuto-brasileira, pomerana, *hunsrück*. Tais termos foram agrupados na categoria “teuto-brasileiro”, pois, como argumenta Behs (2001, p.11): “Bávaros, pomeranos, hunsrücker, westfalianos construíram, na terra que os acolheu, uma nova identidade de grupo e passaram a ser nominados simplesmente de alemães”. A tabela completa com todas as autodeclarações utilizadas pelos agentes encontrasse no apêndice A.

No gráfico 1 podemos observar as categorias utilizadas na classificação da origem étnica da família. Os únicos termos que foram agrupados foram aqueles que deram origem à categoria teuto-brasileiros, as demais categorias presentes no gráfico 1 foram as utilizadas espontaneamente pelos agentes, sem nenhum outro tipo de agrupamento ou predefinição - a questão que deu origem ao gráfico um era uma questão aberta. É importante ressaltar que a porcentagem apresentada soma mais de 100%, pois, em alguns casos, os agentes utilizaram mais de uma categoria para definir a origem da família (como poder ser visto no apêndice A). Portanto, as porcentagens apresentadas no gráfico são as porcentagens de vezes que determinada categoria foi utilizada para definir completa ou parcialmente a origem étnica da família.

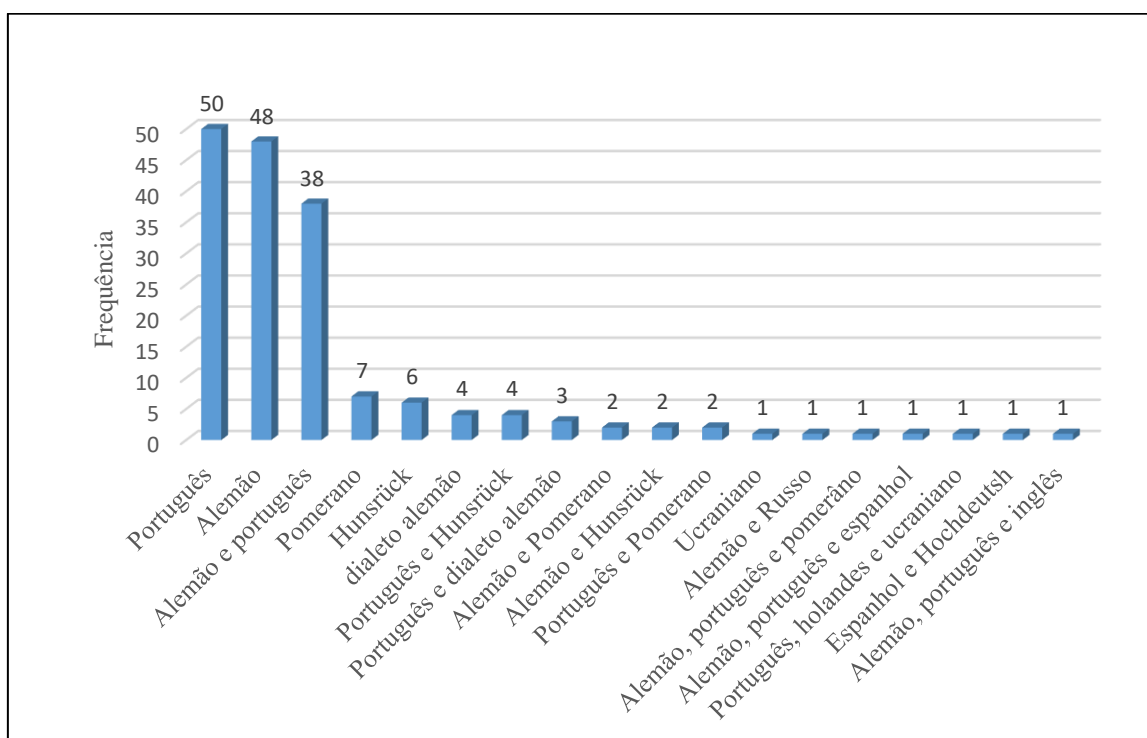
Os agentes também foram perguntados sobre em quais idiomas a família costumava comunicar-se no ambiente familiar durante a infância e adolescência. As respostas obtidas estão expostas no gráfico 2. Podemos perceber que a maioria dos pastores e pastoras se comunicava em português e/ou em alemão no ambiente familiar, bem como também em variações regionais da língua alemã, os “dialetos”.

Gráfico 1 - Categorias utilizadas na autodeclaração de origem étnica



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Gráfico 2 - Línguas faladas no ambiente familiar



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os dados apresentados nesta seção são interessantes na medida que permitem confrontar o argumento de que saber falar alemão é uma realidade do passado. Temos um exemplo disso na fala do pastor 97:

No Brasil, por muito tempo as pessoas de origem alemã eram identificadas como luteranas [...] são conhecidos como um povo mais reservado, fechado. Creio que seja também pela sua história! Somos frutos da nossa história. **Mas diria que atualmente essas características acabaram se diluindo**, também porque em grande maioria houve uma mistura de raças e casamentos com pessoas de outras culturas.

O pastor 97 acredita que as características das pessoas de origem alemã não estão presentes na atualidade. Mas os dados mostram que muitas pessoas ainda aprendem a falar alemão em casa, pessoas que cresceram depois do período Getúlio Vargas e do “abrasileiramento”. Há uma ideia no senso comum que esse foi o ponto final para os “alemães” no Brasil. Muitas pessoas acreditam que após a campanha de nacionalização a “cultura alemã” desapareceu do território nacional e que nos dias atuais não existam mais “alemães”.

Na dissertação de mestrado defendida em 2001 e intitulada *O processo de abrasileiramento da “igreja dos alemães”*, Behs apresenta em suas considerações finais (em tom de concordância) um trecho da resposta de um dos seus entrevistados, o pastor Walter Altmann (figura proeminente na IECLB). Altmann coloca que: “Acredito que não há nenhuma dúvida hoje quanto ao aspecto que a IECLB é uma igreja proveniente da Reforma luterana, com raízes na igreja da Alemanha, através da imigração de alemães ao Brasil, mas totalmente

consciente de ser uma igreja no solo brasileiro”. Porém ele acredita, assim como o pastor 97, que “o capítulo da germanidade está encerrado”.

Todavia, há uma outra forma de interpretar esse aspecto. Para Seyferth (1986, p. 69), depois da campanha de nacionalização<sup>14</sup> não há um desaparecimento da identidade étnica. O maior contato com a “cultura brasileira”, os meios de comunicação em massa, a escola pública e secularizada fazem com que a identidade étnica teuto-brasileira seja atualizada e não desapareça. Ou seja, existe uma mudança nos elementos que são utilizados para marcar o pertencimento à etnia, mas continua existindo a ideia de pertencimento, de algo que os difere dos brasileiros, os faz alemães. Nas palavras da autora: “Os modos de identificação foram mudados, atualizados, e a etnicidade, hoje, é expressada principalmente por meio de uma concepção peculiar de ethos do trabalho” (SEYFERTH, 1986, p. 69).

Ainda sobre esse assunto, Luvizotto (2009) afirma que:

Nessa concepção, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada em termos de manutenção de sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre membros e não membros (nós/eles). Os traços culturais que demarcam os limites do grupo podem mudar, e a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique o esvaziamento da solidariedade étnica (LUVIZOTTO, 2009, p. 31).

Para Seyferth (1986), os elementos que agora fazem parte da identidade étnica são o uso da língua materna em ambiente familiar, além do mito do colono pioneiro e civilizador, que está ligado a outro ponto primordial da identidade étnica dos dias atuais: o *ethos* do trabalho. Como vimos no gráfico 2, o uso da língua materna em ambiente familiar ainda está presente na maioria da amostra de pesquisa.

Ainda sobre o *ethos* do trabalho, Seyferth (1986) argumenta que é o “respeito” ao trabalho que diferencia os alemães dos brasileiros. Os brasileiros, nessa relação dicotômica, são vistos pelos teuto-brasileiros como avessos ao trabalho, diferentes deles que são trabalhadores exemplares, que levam suas atividades laborais a sério, independentemente de qual seja o trabalho, ele é enobrecedor.

Para compreender melhor os elementos da etnicidade na atualidade, foi perguntado aos agentes quais características diferenciavam os teuto-brasileiros dos “outros”. As respostas eram livres, não havia opções de respostas nem espaço máximo para a resposta, então os agentes

---

<sup>14</sup> De forma resumida, a campanha de nacionalização inicia-se na década de 1930, mais precisamente de 1937 até 1945. O ano de 1939 foi o ponto crítico para os imigrantes (não só alemães), pois nesse ano o exército é utilizado como agente da nacionalização, havendo uma proibição de qualquer língua que não fosse o português, além de censura de jornais e programas de rádios étnicos produzidos em alemão. Nesse ponto crítico para os teuto-brasileiros, foi necessária uma adaptação da vida social para se encaixar à nova política de nacionalização (Seyferth, 1986).

tiveram total liberdade para responder à pergunta a seu modo. Foram utilizados quase 50 termos para falar das diferenças. Na tabela a seguir os termos são apresentados juntamente com a porcentagem de vezes que eles apareceram nas respostas. Os dados foram organizados dessa maneira, pois a tabela de frequência (cada resposta individualmente) foi muito extensa, dificultando a visualização dos dados.

Tabela 9 - Características apontadas que diferenciam os teuto-brasileiros

Termos utilizados	Frequência	Percentual válido
Ética do trabalho	38	23,75
Fechados/reservados/frios	31	19,37
Cultura: valores e costumes	21	13,12
Língua alemã	20	12,5
Valorizam a educação/formação	19	11,87
Mantem a tradição e/ou saudosismo	14	8,75
Não há diferença	13	8,12
Preconceituosos/racistas	12	7,5
Cumprem as regras/são disciplinados	12	7,5
Comida típica	11	6,87
Identificação confessional	11	6,87
Organizados	10	6,25
Possuem um sentimento de superioridade	10	6,25
Têm uma vida comunitária/associativa	10	6,25
Pouca expressão de afeto/contato físico	10	6,25
Determinados/persistentes	10	6,25
Valorizam a cultura de origem	8	5
Pontualidade	8	5
Responsáveis	7	4,37
Conservadores	6	3,75
Desconfiança com o diferente	6	3,75
Compromisso	6	3,75
Relacionamentos profundos e duradouros	6	3,75
Comprometidos	6	3,75
A distinção ficou no passado	6	3,75
Música típica	5	3,12
Trações físicos/cor da pele	5	3,12
Os outros são mais acolhedores	5	3,12
De direita	4	2,5
Respeitam as hierarquias	4	2,5
São Luteranos	4	2,5
São ríspidos/diretos	4	2,5
São guiados pela racionalidade	4	2,5
Pensam no futuro: planejam	4	2,5
Teimosos	4	2,5
Foco na espiritualidade	4	2,5
Vida familiar	4	2,5
Materialistas	3	1,87
Falta de um senso de pertencimento ao Brasil	3	1,87
Os outros são mais flexíveis	3	1,87

Sistemáticos	2	1,25
Festas típicas	2	1,25
Preocupação com o desenvolvimento social	2	1,25
Intelectualizados	2	1,25
Respeitosos	2	1,25
As distinções são fabricadas, não há homogeneidade entre os descendentes de alemães	2	1,25
Existe muita mistura para se falar em unidade	2	1,25
Visão de mundo	1	0,62
Grupo de dança alemã	1	0,62
São práticos	1	0,62
Preocupados com a igualdade	1	0,62
Maior poder econômico	1	0,62
Honestos	1	0,62
Os outros são mais imediatistas	1	0,62
Total	160	100
Não responderam	13	
Total	173	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Primeiro, 13 dos pastores e pastoras da amostram afirmam não haver diferenças características que distinguem os teuto-brasileiros dos outros, seis deles acreditam que as diferenças ficaram no passado, dois afirmam que as distinções são fabricadas e dois acreditam que não há homogeneidade entre os descendentes de alemães, existe muita mistura para se falar em unidade. Os pastores e pastoras se mostraram críticos a essa pergunta, o número de abstenção de resposta foi maior comparado a outras questões e vários foram os posicionamentos reflexivos, críticos, como o do pastor 59:

Sinceramente! A preocupação com a formação, preservação da cultura, identificação confessional são pontos muito positivos. Por outro lado, sinto que isso se torna fator negativo quando exclui, segrega, agride. Vivi isso pessoalmente no meu ministério por não falar alemão e por ter acedência (*sic*) afro.

Analisando os elementos apontados pelos pastores e pastoras comparados com o argumento de Seyferth (1986), que aponta como principais elementos da etnicidade a partir da segunda metade do século XX o *ethos* do trabalho a língua materna em ambiente familiar, além do mito do colono pioneiro, podemos perceber uma consonância entre os dados e o que é apontado pela autora. Na presente pesquisa os seis principais elementos da etnicidade que apareceram nas respostas dos agentes foram: a ética do trabalho, os teuto-brasileiros como sendo fechados, a cultura: valores e costumes, a língua alemã e a valorização da educação e da manutenção da tradição e/ou saudosismo que estão ligados ao mito do colono pioneiro. Como



vimos também no gráfico 2, o uso do alemão e suas variações em ambiente familiar ainda é muito presente.

Já abaixo encontra-se a figura quatro, na qual foi organizada uma comparação entre as características elencadas pelos agentes para falar da etnicidade teuto-brasileira *versus* as características apontadas na bibliografia e aquelas apontadas pelos agentes como características da IECLB. Estão destacadas em negrito aquelas que se repetem entre os três blocos.

Figura 4 - Quadro comparativo dos elementos da etnicidade: Bibliográfica, agentes e IECLB

<b>Categorias</b>	<b>Elementos da etnicidade citados pelos agentes</b>	<b>Elementos da etnicidade segundo a bibliográfica 15</b>	<b>Características atribuídas a IECLB pelos agentes<sup>16</sup></b>
<b>Ética e moral</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Respeitosos</li> <li>2. <b>Sérios</b></li> <li>3. Respeitam as hierarquias</li> <li>4. Cumprem as regras</li> <li>5. <b>Pontuais</b></li> <li>6. <b>Rígidos</b></li> <li>7. Sistemáticos</li> <li>8. <b>Organizados</b></li> <li>9. Honestos</li> <li>10. <b>Responsáveis</b></li> <li>11. Disciplinados</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Organizados</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Fechados</b></li> <li>2. <b>Rígidos</b></li> <li>3. <b>Pontualidade</b></li> <li>4. <b>Séria</b></li> <li>5. <b>Organizada</b></li> <li>6. Coerente</li> <li>7. <b>Responsável</b></li> <li>8. Transparência financeira</li> <li>9. <b>Estrutura organizacional</b></li> </ol>
<b>Tradição folclore</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Comida típica</b></li> <li>2. <b>Música típica</b></li> <li>3. <b>Mantém a tradição</b></li> <li>4. <b>Festas típicas</b></li> <li>5. <b>Grupo de dança alemã</b></li> <li>6. <b>Reafirmam a tradição</b></li> <li>7. <b>Kerb</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colonização/mito do pioneiro</li> <li>2. Instituições culturais</li> <li>3. <b>Grupo de dança alemã</b></li> <li>4. <b>Hábitos alimentares</b></li> <li>5. Artesanato</li> <li>6. Dia do colono</li> <li>7. <b>Música: kultur germânica</b></li> <li>8. <b>Festas religiosas</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Bailes e festas típicas</b></li> <li>2. <b>Falta de senso crítico quanto a origem alemã</b></li> <li>3. <b>Apego as tradições</b></li> <li>4. <b>Comida típica</b></li> <li>5. Tradicional</li> <li>6. Histórica</li> <li>7. Raiz germânica</li> <li>8. <b>Hinos cantados na igreja</b></li> </ol>
<b>Relações interpessoais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pouco contato físico</li> <li>2. <b>Relacionamentos profundos</b></li> <li>3. <b>Fechados</b></li> <li>4. Frios</li> <li>5. <b>Desconfiam do diferente</b></li> <li>6. <b>Preconceituosos</b></li> <li>7. Ríspidos/diretos</li> <li>8. Racionalidade</li> <li>9. Teimosos</li> <li>10. Simples</li> <li>11. Formais</li> <li>12. <b>Sentimento de superioridade em relação aos “brasileiros”</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>valorização das relações afetivas</b></li> <li>2. <b>condenação dos casamentos interétnicos por conta das características negativas dos brasileiros</b></li> <li>3. <b>exclusão dos não teuto-brasileiros</b></li> <li>4. <b>racismo</b></li> <li>5. <b>racismo</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Voltada para dentro: etnicamente iguais</b></li> <li>2. Conservadora</li> <li>3. Liberal</li> <li>4. <b>Preconceituosa</b></li> <li>5. <b>Exclusão dos não teuto-brasileiros</b></li> </ol>

15 Seyferth (2000); Seyferth (2008); Seyferth (2011); Maltzahn (2011).

16 Tabelas 22 e 23.

<b>Trabalho</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Determinados</li> <li>2. Metódicos</li> <li>3. Persistentes</li> <li>4. Comprometidos</li> <li>5. Pensam no futuro</li> <li>6. <b>Materialistas</b></li> <li>7. Práticos</li> <li>8. <b>Ética do trabalho</b></li> <li>9. <b>Agricultura familiar</b></li> <li>10. <b>Dedicação ao trabalho</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Divisão do trabalho</li> <li>2. <b>Disposição para o trabalho</b></li> <li>3. <b>Agricultura familiar</b></li> <li>4. <b>Ethos do trabalho</b></li> </ol>	
<b>Religiosidade</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Identificação confessional</b></li> <li>2. <b>Luteranos</b></li> <li>3. <b>Foco na espiritualidade</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Igreja Católica e Evangélica</b></li> <li>2. Ligação entre religião e etnicidade</li> <li>3. Religião tem papel na conservação dos valores étnicos</li> <li>4. <b>Fé expressa em alemão</b></li> <li>5. <b>Intensidade devocional</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Liturgia</li> <li>2. <b>Semelhante a igreja católica</b></li> <li>3. Teologia luterana</li> <li>4. <b>Atividades desenvolvidas em alemão</b></li> </ol>
<b>Comunidade</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Associativismo</b></li> <li>2. <b>Desenvolvimento social</b></li> <li>3. <b>Preocupação com a igualdade</b></li> <li>4. <b>Valorizam a família</b></li> <li>5. <b>Vida familiar</b></li> <li>6. <b>Uso da língua alemã</b></li> <li>7. <b>Falta de sentimento de pertencimento ao Brasil</b></li> <li>8. <b>Maior poder econômico</b></li> <li>9. <b>Sobrenomes de origem alemã</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Uso cotidiano da língua alemã</b></li> <li>2. <b>Sociedades de canto, dança, ginástica, tiro;</b></li> <li>3. Direito <i>Jus Sanguinis</i></li> <li>4. Imprensa alemã</li> <li>5. <b>Organização comunitária</b></li> <li>6. <b>Passado comum alemã</b></li> <li>7. <b>Família como importante transmissora dos valores étnicos</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Falar alemão</b></li> <li>2. <b>Igreja dos ricos</b></li> <li>3. <b>Com responsabilidade social</b></li> <li>4. <b>Membros de descendência alemã</b></li> <li>5. <b>Luteranos de berço</b></li> </ol>
<b>Fenótipo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Cor da pele</b></li> <li>2. <b>Traços físicos</b></li> <li>3. <b>Cabelos claros</b></li> <li>4. <b>Altos</b></li> <li>5. <b>Pele branca</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Características fenotípicas</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Pessoas brancas</b></li> </ol>
<b>Educação</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Valorizam a educação</b></li> <li>2. <b>Valorizam a formação</b></li> <li>3. <b>Intelectualizados</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Escola comunitária</b></li> <li>2. Transmissão dos princípios de pertinência étnica</li> <li>3. <b>Associação entre escolas e igreja</b></li> <li>4. <b>Escolas e hospitais mantidos pela igreja luterana</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Ligada a hospitais e escolas</b></li> <li>2. <b>Intelectualizada</b></li> </ol>
<b>Arquitetura</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Arquitetura</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Arquitetura das casas</b></li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Arquitetura dos templos</b></li> </ol>

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

#### 4.2.3 Luteranismo de berço

Aqui exploramos o aspecto que dá origem ao nome da dissertação. Os dados mostram que os pastores e pastoras da IECBL em sua maioria são luteranos de berço. Essa é a expressão comumente utilizada no ambiente da igreja para afirmar, com orgulho, que determinada pessoa é luterana desde que nasceu e que sua família, antes dele, também é luterana.

Na tabela 10 vemos os dados relacionados à religião da família dos agentes pesquisados. Obtivemos que 90,8% dos pastores e pastoras vêm de famílias luteranas. Em menos de 10% dos casos os pais não eram luteranos, ou seja, em 9,2% dos casos os pastores e pastoras não são luteranos de berço.

Tabela 10 - Pais são luteranos

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Não	16	9,2	9,2	9,2
Sim	157	90,8	90,8	100,0
Total	173	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Também fez parte da pesquisa a questão sobre a profissão de pastor ser ou não uma profissão passada de pai para filho, por isso foi perguntado aos agentes se na família deles mais alguém era pastor. A resposta encontrada foi que dos 173 pastores e pastoras da amostra, apenas 40 deles, 23,1%, tinham algum familiar também pastor/pastora. A maioria dos agentes não possui membros da família que também são pastores/pastoras.

Isso é interessante comparativamente com o caso católico, pelo menos no Rio Grande do Sul, onde, em muitas famílias, cada geração tinha pelo menos um membro destinado à vida religiosa. Como aponta Seidl (2012), em muitos casos o exemplo do irmão mais velho incentivava o irmão mais novo a também se tornar padre:

(...) questionar os entrevistados sobre a existência de parentes do grupo nuclear ou amplo dedicados profissionalmente à Igreja, as respostas positivas chegaram a cerca de 90%. Entre 66 profissionais ou ex-profissionais religiosos para os quais dispusemos de informações, 36 (54,54%) possuem/possuíam algum irmão ou irmã que pertence ou pertenceu ao quadro institucional da Igreja; e 23 (34,84%) afirmaram ter ou ter tido parentes religiosos somente em meio ao grupo familiar amplo (SEIDL, 2012, p. 164).

Desses quarenta casos de pastores e pastoras luteranos que possuíam algum familiar também pastor, um maior número possuía homens como familiares na mesma profissão. Quanto ao grau de parentesco as respostas foram bem variadas. Os que mais apareceram foram irmão/a e primo/a, mas esses dois principais graus de parentesco representam apenas 35% dos

casos, indicando uma realidade heterogênea. Os dados completos sobre parentesco com outros pastores estão expressos na tabela 11.

Tabela 11 - parentesco com outros pastores/pastoras luteranos

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Irmã/o	9	22,5	22,5
Primo/a	5	12,5	35,0
Avô	4	10,0	45,0
Sobrinho/a	3	7,5	52,5
Pai	2	5,0	57,5
Tio	2	5,0	62,5
Tio e primo/a	2	5,0	67,5
Cunhado	1	2,5	70,0
Cônjuge	1	2,5	72,5
Bisavô	1	2,5	75,0
Pai e irmã/o	1	2,5	77,5
Cunhado e cônjuge	1	2,5	80,0
Cônjuge e primo/a	1	2,5	82,5
Avô e irmã/o	1	2,5	85,0
Filho/a, sobrinho/a e primo/a	1	2,5	87,5
Pai, avô e cunhado	1	2,5	90,0
Avô e bisavô	1	2,5	92,5
Cunhado, primo/a sobrinho/a	1	2,5	95,0
Irmã/o, primo/, cônjuge e filho/a	1	2,5	97,5
Neto, filho, sobrinho e cunhado	1	2,5	100,0
Total	40	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

### 4.3 FORMAÇÃO

#### 4.3.1 Educação básica: a escola pública e a escola confessional

O segundo ponto importante para entendermos a origem social dos agentes é a trajetória da educação básica. Tal indicador auxilia na construção do argumento que começou a ser tecido na seção anterior, pois no Brasil pessoas provenientes de famílias que ocupam posições desprivilegiadas socialmente tendem a realizar a formação básica no sistema de ensino público (INEP, 2019).

Na tabela 12 vemos que a maioria dos agentes, mais de 50% estudaram em escolas públicas 17. Também um grande número deles estudou em escolas confessionais e ensino técnico integrado ao ensino médio. Esses dados ajudam, juntamente com as questões anteriores, a construir um argumento sólido no que diz respeito à origem social dos pastores e pastoras.

Tabela 12 - Tipo de instituição que estudou no ensino básico

	Frequência	Percentual	Percentual acumulado
Pública	69	39,9	39,9
Pública e confessional	26	15,0	54,9
Parte em pública, parte em privada	15	8,7	63,6
Pública, privada e confessional	11	6,4	69,9
Confessional	9	5,2	75,1
Pública e ensino técnico integrado ao ensino médio	9	5,2	80,3
Pública, privada e ensino técnico integrado ao ensino médio	7	4,0	84,4
Pública, privada e ensino técnico integrado ao ensino médio	5	2,9	87,3
Privada, confessional e ensino técnico integrado ao ensino médio	5	2,9	90,2
Privada e Confessional	4	2,3	92,5
Pública, privada, confessional e ensino técnico integrado ao ensino médio	4	2,3	94,8
Privada	3	1,7	96,5
Confessional e ensino técnico integrado ao ensino médio	3	1,7	98,3
Pública e privada com bolsa	1	,6	98,8
Privada e ensino técnico integrado ao ensino médio	1	,6	99,4
Pública, privada e confessional com bolsa	1	,6	100,0
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 13 estão os dados referentes aos turnos em que os agentes estudaram durante a educação básica. Tais dados estão diretamente relacionados ao gráfico 3, que mostra que a maioria dos agentes trabalhou durante o período que realizou a educação básica, pois quem

17 Essa questão apresenta duas falhas. Uma que não havia uma opção de declarar que foi aluno de escola particular com bolsa. Apesar de haver uma caixa disponível para complementar a resposta caso necessário, é possível que alguns não tenham atentado a esse fato. Outra falha do questionário é que não separei por categorias o ensino confessional público e privado, bem como o técnico público e privado. Em alguns casos é possível deduzir se é público ou privado pela resposta geral. Por exemplo, quando ele/ela declara que só frequentou escola privada e confessional ou que só frequentou escola pública e técnica.

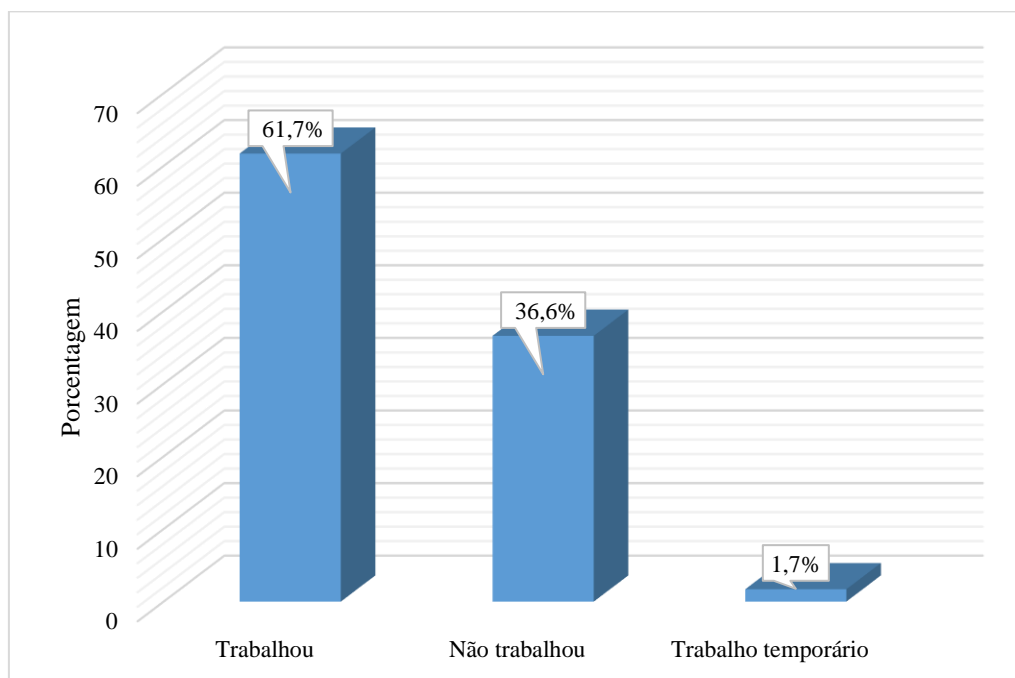
trabalha tende a estudar no período noturno (47,5% da amostra) para realizar as duas atividades, trabalhar e estudar. Os dados mostram que 61,7% dos trabalharam durante a infância e/ou adolescência, 1,7% deles tiveram trabalhos temporários e 36,6% não trabalharam durante a infância e adolescência. É importante destacarmos que levando em consideração o perfil dos agentes da nossa amostra, trabalho também pode incluir as atividades agrícolas realizadas na propriedade rural familiar.

Tabela 13 - Turnos que estudou durante o ensino básico

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Matutino e vespertino	42	24,3	24,3
Matutino, vespertino e noturno	42	24,3	48,6
Matutino	25	14,5	63,0
Matutino e noturno	24	13,9	76,9
Matutino, vespertino e integral	10	5,8	82,7
Vespertino e noturno	7	4,0	86,7
Vespertino	6	3,5	90,2
Integral	5	2,9	93,1
Matutino, vespertino, noturno e integral	5	2,9	96,0
Matutino e Integral	3	1,7	97,7
Noturno	2	1,2	98,8
Matutino, noturno e integral	2	1,2	100,0
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Gráfico 3 - Trabalho durante a infância e adolescência



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

#### 4.3.2 Ensino superior: a importância do pastor local

Na tabela 14 estão expostos os motivos descritos pelos agentes que o levaram a optar pelo curso de teologia. A tabela está estruturada de forma que na primeira coluna encontram-se os motivos mencionados pelos agentes e na segunda coluna a quantidade de vezes que determinado motivo foi mencionado nas respostas. Novamente, a questão que deu origem a essa tabela era uma questão aberta, portando as categorias aqui apresentadas são provenientes das respostas dos pastores e pastoras e não pré-determinadas pela pesquisadora.

Analisando a tabela vemos que o fator mais vezes mencionado pelos agentes foi o “incentivo do pastor/pastora local”, aparecendo em 47 das 169 respostas. Em sequência, os motivos mais citados foram o “chamado de Deus”, citado em 29 respostas, seguido pela “vida na igreja”, mencionada 23 vezes, ainda apareceram 20 vezes cada: “incentivo da família”, “integração social/acolhimento na igreja”; “frequência ao grupo de jovens da igreja”, “incentivo da comunidade de origem” apareceu em 19 casos. Esses parecem representar as principais motivações para a decisão de cursar ensino superior no curso de teologia.

Tabela 14- Motivações que levaram a fazer o curso de teologia

Fator	Quantidade de vezes mencionada	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Chamado de Deus	29	5,8	5,9	5,9
Incentivo do pastor/pastora local	47	4,6	4,7	10,7
Incentivo da família	20	4,0	4,1	14,8
Vocação ao pastorado	16	2,9	3,0	17,8
Vida na igreja	23	2,9	3,0	20,7
Incentivo da comunidade de origem	19	2,9	3,0	23,7
Vontade própria	5	2,3	2,4	29,0
Integração social/acolhimento na igreja	20	2,3	2,4	31,4
Envolvimento em funções práticas na igreja	12	1,7	1,8	35,5
Conhecimento prévio de teologia por meio de cursos de formação e escolas evangélicas	9	1,7	1,8	37,3
Envolvimento com questões de justiça social/desejo de servir ao próximo	8	1,7	1,8	39,1
sonho de infância	5	1,7	1,8	40,8
Frequência ao grupo de jovens	20	1,7	1,8	44,4
Frequência ao culto infantil	8	1,2	1,2	49,1
família exercia funções na igreja	14	1,2	1,2	50,3
Ter sido responsável pelo culto infantil	6	1,2	1,2	57,4
Incentivo de amigos	3	,6	,6	59,2
Possibilidade de mulheres serem pastoras	2	,6	,6	59,8
Oportunidade de bolsa de estudos	2	,6	,6	60,4
Única oportunidade de fazer ensino superior	2	,6	,6	60,9
Envolvimento como líder do grupo de jovens	6	,6	,6	61,5
Ensino confirmatório	9	,6	,6	63,9
Envolvimento como líder da comunidade e integração social na igreja	3	,6	,6	66,3
Influência da escola	3	,6	,6	69,2
Cargo de liderança no grupo de música	2	,6	,6	79,9
Envolvimento com funções práticas do culto	2	,6	,6	85,2
Diaconia	1	,6	,6	87,6
Contato com estudantes de teologia	3	,6	,6	90,5
Discipulado	1	,6	,6	91,1
Estudo Bíblico	1	,6	,6	91,7
OASE	1	,6	,6	92,3
Coral	2	,6	,6	92,9
Responderam	169	97,7	100,0	
Não responderam	4	2,3		
Total	173	100,0		

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A seguir serão expostas algumas respostas na íntegra com o objetivo de ilustrar os dados expostos na tabela. Por exemplo, na resposta da pastora 99 podemos observar como a identidade confessional também é um fator atuante. Ainda, a pastora ressalta em seu relato a importância do pastor local e do acolhimento e incentivo da comunidade e da família nessa tomada de decisão pela teologia:

Cresci em uma cidade do oeste catarinense de maioria católica romana. Na escola, as crianças luteranas éramos minoria e precisávamos rezar, na escola as orações católicas



típicas como Ave Maria e Salve Rainha, além de ir às procissões como atividade curricular. Não havia nada para falarmos sobre nossa tradição. Na comunidade, nos dias de culto, como crianças, **sempre fomos valorizadas. A comunidade toda cuidava da gente.** Tínhamos um banco cativo na igreja somente para as crianças. Este banco ficava de frente para o altar. Os pastores sempre entravam em diálogo com a gente. Não tinha culto infantil, mas nunca fomos excluídas do culto. Em um destes cultos perguntei ao pastor se mulher poderia ser pastora, isso era década de 1980. Ele disse que sim. Então falei para a comunidade: então é isso que vou ser. **Toda a comunidade me levou muito a sério e ficou meio que compreendido que eu seria pastora. Havia uma espécie de orgulho comunitário** por este comentário infantil. Meus familiares, avô, avó, pai e mãe obviamente também gostaram da ideia. De meu avô paterno guardo a boa lembrança, antes mesmo de eu falar que queria ser pastora, de me falar sobre a Reforma. **Ele lia comigo alguns materiais da igreja sobre os reformadores. Isso marcou muito minha infância e meu sentimento de pertença religiosa.**

Já a pastora 12 aponta como fator de motivação da escolha do curso de teologia a integração social e o acolhimento da igreja. Outros fatores importantes na trajetória da pastora são os cargos de liderança que ela assumiu e o contato com outros estudantes de teologia:

Antes de fazer teologia cursei 2 anos de comércio exterior. Escolha precipitada feita na ânsia de não "ficar parada" após o término do ensino médio e que me dava esperança de conseguir uma colocação melhor na empresa que eu trabalhava (na época trabalhava no setor da costura na parte de produção). Eu trabalhava no primeiro turno (das 5h às 14:18h), fazia curso de inglês duas vezes por semana à tarde, faculdade à noite e espanhol aos sábados, para ser franca eu gostava. Mas chegou um ponto onde eu não podia esperar para a semana passar e chegar o final de semana, pois eu poderia estar **na igreja que era o lugar que mais amava estar.** Aos sábados, antes do espanhol eu auxiliava no culto infantil em minha comunidade de origem, na parte da tarde auxiliava no culto infantil em outra comunidade, então participava da juventude em minha comunidade (**onde era líder**), e ainda em um outro grupo e no domingo ia ao culto. A rotina era puxada, mas estar em comunidade era o que me dava forças para a semana seguinte. No final das contas era isto que eu queria fazer. **Fui desafiada por um casal de amigos (na época estudantes de teologia e hoje pastores)** a realizar o vestibular, segundo eles o curso tinha minha cara, de início neguei, fiquei com medo, mas me inscrevi pensando: é só o vestibular depois eu decido... E estou aqui... há 10 anos no ministério.

Na trajetória do pastor 125 o que se destaca é a importância da participação da família na igreja e chamado vocacional:

**A minha família era muito participativa nos encontros comunitários.** Pai tocava gaita no coral da comunidade, a mãe cantava no coral, as irmãs mais velhas que foram orientadoras de culto infantil antes do seu casamento. Todos os cultos da comunidade um veículo cheio, às vezes até seis pessoas da nossa família participavam do culto. Na minha infância meus pais tinham uma Kombi que servia de táxi para levar as crianças da família e de outras famílias ao culto infantil da comunidade, ensaios para os programas natalinos. Certa vez, quando eu tinha em torno de 06 anos de idade, assistindo um culto, me imaginei pregando a palavra de Deus do púlpito. **Senti um chamado vocacional ao ministério pastoral. A partir dali o foco de minha vida estudantil foi fazer Teologia.**

A pastora 166 também destaca a integração da família na vida da igreja, a participação e o cargo de liderança no grupo de jovens e o chamado de Deus:

**Nós tínhamos uma boa integração na vida da igreja.** Meu pai trabalhava como professor de culto infantil e assim participávamos com muito gosto e intensidade de todas as atividades. Posteriormente a integração no grupo de jovens de onde também procede a pessoa com quem acabei casando. **Nosso envolvimento como líderes de grupos de jovens** e posteriormente de grupos de casais. A percepção (**discernimento**) **de um chamado específico** de dedicação exclusiva ao ministério na Igreja de Cristo. Contudo, a faculdade de teologia não foi minha primeira motivação nem mesmo a primeira faculdade que frequentei. Estudei ciências econômicas e concluí minha formação técnica na área da contabilidade e em áreas técnicas em mecânica industrial pensando em assumir as empresas do meu pai.

Podemos observar nos relatos e nas respostas organizadas na tabela 14 que em muitos casos os agentes passaram toda a vida envolvidos nas atividades da igreja, seus pais também em alguns casos ocupavam cargos de liderança dentro da comunidade local. Tal presença constante dentro da igreja desde a infância pode ter gerado aquilo que Bourdieu denomina de um *habitus* religioso: “princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social” (BOURDIEU [1971] 2015, p. 57). Seidl nos dá um bom exemplo do capital religioso católico:

A análise das condições de transmissão de um tipo de capital cultural com um componente fortemente religioso dentro da esfera familiar aponta uma observância sacramental e ritualística que se conjuga em alto grau com o envolvimento direto de membros do grupo na administração da vida religiosa local. Tais ligações tendem a marcar definitivamente a família como “católica” e a representar uma modalidade de capital relevante na dotação global de recursos disponibilizáveis por essas clientelas preferenciais da Igreja. A integração das famílias dos futuros jovens recrutados no esquema religioso local dava-se geralmente através de formas mais intensas do que a mera participação celebrativa (SEIDL, 2003, p. 171).

Ainda, quando perguntados sobre o motivo de se tornarem pastores/pastoras muitos falaram em chamado e vocação, pois sua visão de escolha de trajetória profissional foi desenhada dentro desse *habitus* religioso que constitui percepções do mundo social a partir das representações religiosas, sobrenaturais. Sobre essa mesma dinâmica, mas no caso católico, Seidl escreve que:

Com raríssimas exceções, as descrições das práticas religiosa da família e de suas relações com a Igreja católica jamais deixam de associar essa intensidade devocional e proximidade dos familiares com a instituição ao desenvolvimento de um interesse de um ou mais dos filhos. [...] a família é apontada como base comum e anterior a qualquer fato concreto que indique o desejo de ser padre. Portanto, não se trata apenas de “famílias católicas”, mas de ambientes impregnados de religião que explicariam a “naturalidade” de indivíduos nascidos e criados numa tradição de reverência ao religioso nele encontrarem um destino (SEIDL, 2003, p. 163).

Podemos observar que assim como no caso católico em que a participação da família na igreja é importante fator nas explicações da vocação para o sacerdócio, no caso luterano isso parece também ser uma constante. Todos os relatos têm suas particularidades, mas também muitos pontos em comum. Um desses pontos é o luteranismo de berço implícito nos relatos de pastores e pastoras. A grande maioria deles, e todos aqui apresentados de forma ilustrativa, são luteranos desde que nasceram, passaram sua infância e juventude na igreja. São poucos os casos de convertidos ao luteranismo, como vimos na sessão 4.2.3.

Apesar das semelhanças entre católicos e luteranos, algumas diferenças são bem marcantes. O recrutamento e as motivações pessoais dos pastores/pastoras luteranos parecem ser bem distintos de outros grandes agentes no campo religiosos brasileiro, como a igreja católica e as neopentecostais.

A primeira diferença entre neopentecostais e luteranos reside no fato que os pastores neopentecostais não necessitam fazer o curso de teologia para atuar como pastores, além disso, eles, em alguns casos, possuem profissões paralelas, não sendo o pastorado uma atividade de dedicação exclusiva.

Outro fator de diferenciação é que os pastores neopentecostais parecem tender a serem “convertidos”. São muitos os relatos que essa conversão ao cristianismo é um ponto nevrálgico da trajetória desses agentes, diferentes dos pastores e pastoras luteranos que parecem estar mais inseridos em uma dinâmica de continuidade ao invés de ruptura, pois, como vimos, em sua maioria são luteranos de berço.

McGrath (2012) aponta para uma diferença fundamental entre protestantismo e pentecostalismo, diferença essa que afeta diretamente o perfil dos pastores. O autor assinala que o protestantismo, muito influenciado pelo Iluminismo, tem uma visão intelectualizada e distante de Deus, no sentido que Deus só é acessado por meio da leitura da bíblia e da pregação do pastor/pastora nos cultos etc. Já o pentecostalismo tem um contato direto com Deus, no sentido de que Deus é acessado pelos sentidos por meio do Espírito Santo, por exemplo pela prática de “falar em línguas”. Assim, no protestantismo Deus é um ser platônico pertencente ao mundo das ideias, são raros os relatos de contato direto com Deus, enquanto no pentecostalismo, segundo o autor: “(...) os traços que caracterizam e distinguem o pentecostalismo de todas as outras formas de cristianismo é sua insistência e ênfase no encontro imediato com Deus por intermédio do Espírito Santo e a subsequente transformação dos indivíduos” (MCGRATH, 2012, p. 418).

Já em relação à igreja católica, uma grande diferença entre luteranos e católicos no Sul do Brasil é a figura do recrutador. No caso católico, como destaca Seidl (2003), há uma figura do “descobridor de vocações” que consistia em um religioso missionário que percorria as áreas de imigração alemã e italiana nas zonas rurais do Rio Grande do Sul visitando famílias católicas com o objetivo de iniciar o despertar da vocação religiosa nos jovens. Portanto, na igreja católica no Sul ocorreu um processo sistemático e institucionalizado de recrutamento de jovens de famílias de agricultores com um grande número de filhos:

Se a intensidade das práticas religiosas familiares e a proximidade com a instituição têm relação direta com a quantidade de membros passíveis de serem recrutados pela Igreja, o altíssimo número de filhos recrutáveis aí encontrado é, sem dúvida, fator preponderante (SEIDL, 2003, p. 179).

Os recrutadores católicos deparavam-se com famílias em uma pequena propriedade rural e um grande número de filhos dependentes de um pequeno pedaço de terra. A dinâmica que ocorria era que, à medida que os pais faleciam, a divisão da herança das terras ficava cada vez mais complicada. Um dos filhos se tornar padre parecia ajudar a solucionar o problema, pois tendo outra forma de ocupação não disputaria o espaço da propriedade rural com os irmãos e sua herança seria recebida em vida, quando os pais auxiliavam financeiramente durante o processo de formação sacerdotal. Nas palavras de Seidl:

(...) frente a baixas probabilidades de manutenção do patrimônio econômico familiar e à exclusão do sistema escolar secundário, esses indivíduos apresentavam chances muito maiores de interiorizar sua condição social objetiva de forma atenuada ao renunciar voluntariamente a todo tipo de bem material (e também ao matrimônio) e optar pela vida religiosa [...]. Ao mesmo tempo, ao deixar a família e se dirigir ao seminário, o filho ou os filhos de agricultores ou de membros de outras categorias sociais ligadas a atividades agrícolas apontavam uma solução desejável aos problemas de dilapidação de um capital econômico precário e constantemente ameaçado pela necessidade de sucessivas divisões entre herdeiros numerosos. Ao anular a pretensão de um ou mais dos filhos à posse dos bens em compensação por um investimento escolar e uma futura carreira oferecendo segurança por toda vida, não apenas reduzia-se a repartição material dos recursos familiares, mas também todo o grupo se beneficiava – por meio do “filho condenado a deixar a terra” e a permanecer solteiro – do acúmulo de recursos culturais, das redes de relações e da notabilidade, vis-à-vis a seus conterrâneos, adquiridos pelo “filho destinado à Igreja” (SEIDEL, 2012, p. 246).

Como aponta Dianteill (2003), o argumento apresentado aqui já está presente na obra em que Bourdieu e Monique de Saint-Martin (1987) analisam o episcopado católico na França dos anos de 1970: “Sua coesão é reforçada por disposições comuns (são todos homens, muitas vezes provenientes de famílias numerosas e nascidos em pequenas aldeias) e por uma formação homogeneizante. Assim, o episcopado é um campo de concorrência, mas de fraca tensão” (DIANTEILL, 2003, p. 37).

Voltando ao caso brasileiro, o espaço onde essa dinâmica ocorre durante o século XX é o mesmo no qual estão localizadas as igrejas luteranas: no caso luterano apenas nas antigas colônias de migração alemã e, no caso católico, em antigas colônias alemãs e italianas. Na verdade, existem diversas semelhanças, pois, como vimos, a maioria dos pastores e pastoras é proveniente do meio rural, o perfil do pastor luterano é mais velho e mais masculino, ou seja, homens vindos do interior que realizaram sua formação no século XX. Porém, a dinâmica de recrutamento é distinta.

Na igreja luterana, que ocupa os mesmos espaços nas comunidades teuto-brasileira, não há essa figura do recrutador, o agente recrutador mais presente é o pastor/pastora local (que muda de paróquia de tempos em tempos), porém não há uma cobrança por parte da igreja que se recrute novos pastores/pastoras, não é uma parte das atribuições obrigatórias pastorais recrutar novos estudantes de teologia.

Outro ponto é a questão do capital econômico da família. É verdade que em muitos casos o pastorado representa uma ascensão social. Porém, cursar teologia não necessariamente representava um alívio nas questões financeiras da família de origem, pois as faculdades de teologia são particulares e, como exposto na tabela 19, a maior dificuldade relatada pelos pastores e pastoras é a dificuldade financeira. Diferente do processo vivido na igreja católica em que os futuros sacerdotes podem ingressar no seminário já na adolescência e contar com escola, alimentação, alojamento etc.

Na IECLB, mesmo que posteriormente a ordenação ministerial permita que a situação financeira tenha uma significativa melhora, pois o pastorado traz estabilidade financeira, salário justo, casa cedida pela igreja etc., até se chegar a esse patamar são no mínimo seis anos de formação. Ou seja, durante pelo menos seis anos o fato de o filho/filha vir a ser pastor não representa um alívio nas contas da família, pelo contrário, já que ele precisará de apoio financeiro para conseguir realizar o ensino superior em uma faculdade particular e de período integral<sup>18</sup>. Também não existe na IECLB nenhum voto de pobreza, como ocorre para uma parcela dos padres católicos e é relatado na argumentação de Seidl (2003).

Outro aspecto da tese defendida por Seidl que é importante analisarmos de maneira comparativa é a questão do seminário menor. O seminário menor é frequentado por adolescentes que ainda estão cursando a educação básica, posteriormente eles são

---

<sup>18</sup> Como toda regra tem sua exceção, a exceção são os casos nos quais os pastores conseguiram realizar sua formação de forma gratuita, fato que não mais corresponde à realidade da formação superior em teologia no âmbito da IECLB.

encaminhados ao seminário maior, onde realizam sua formação em filosofia e teologia - a formação no ensino superior leva no mínimo oito anos. Durante todo esse longo percurso de formação a família não necessita financiar os estudos do filho que optou por se tornar padre, e em alguns casos os seminaristas, inclusive, recebem bolsas de estudo para estudar em escolas católicas de forma gratuita. Como vimos, o caso luterano é bem diferente, já que durante a adolescência geralmente não há vínculos institucionais entre a IECLB e aqueles que têm o desejo de serem pastores/pastoras. Ou seja, a opção pela carreira eclesiástica não representa um alívio financeiro para a família de origem independentemente de serem vindos de áreas rurais ou urbanas, com um número grande ou pequeno de filhos.

Tabela 15 - Como ficou sabendo do curso de teologia

Respostas	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Pastor local	61	35,3	36,3	36,3
Comunidade de origem	28	16,2	16,7	53,0
Sempre teve conhecimento da existência	8	4,6	4,8	57,7
Família	8	4,6	4,8	62,5
Proximidade física de um centro de formação	6	3,5	3,6	66,1
Material de divulgação das instituições	5	2,9	3,0	69,0
Estudante estagiários de teologia	5	2,9	3,0	72,0
Pastor e comunidade de origem	5	2,9	3,0	75,0
Amigos	4	2,3	2,4	77,4
Jornais: Jornal Evangélico Luterano e jornal O Caminho	4	2,3	2,4	79,8
Grupo de jovens da comunidade	3	1,7	1,8	81,5
Ensino confirmatório	3	1,7	1,8	83,3
Instituto Ivoti	4	2,3	2,4	85,1
ADL - Associação diaconia luterana	2	1,2	1,2	86,9
Pastor e amigos	2	1,2	1,2	87,5
Pastor, comunidade e estudante estagiário de teologia	2	1,2	1,2	88,7
Pastor e material de divulgação das instituições	2	1,2	1,2	89,9
Professores	1	,6	,6	90,5
Curso preparatório pré-teológico	1	,6	,6	91,7
Comunidade de origem e família	1	,6	,6	92,3
Comunidade de origem e material de divulgação das instituições	1	,6	,6	92,9
Pastor local e Instituto Ivoti	1	,6	,6	93,5
Pastor, comunidade e grupo de jovens	1	,6	,6	94,0
Pastor e família	1	,6	,6	94,6
Pastor, família e professores	1	,6	,6	95,2
Pastor e grupo de jovens da comunidade	1	,6	,6	95,8
Família e Instituto Ivoti	1	,6	,6	96,4
Amigos e grupo de jovens da comunidade	1	,6	,6	97,0
Ensino confirmatório e ADL	1	,6	,6	97,6
Estagiários de teologia e amigos	1	,6	,6	98,2
Estagiários de teologia e jornais	1	,6	,6	98,8

Instituto Ivoti e curso preparatório pré-teológico	1	,6	,6	99,4
Família, grupo de jovens, estagiários de teologia e jornais	1	,6	,6	100,0
Responderam	168	97,1	100,0	
Não responderam	5	2,9		
Total	173	100,0		

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Voltando a olhar a questão do pastor local e sua importância, vimos anteriormente, no relato da pastora 99, que o pastor/pastora local tem um papel importante como agente de divulgação do curso de teologia e, de fato, os dados da tabela 15 mostram em 36,3% dos casos que o pastor/pastora local apareceu como o único agente de divulgação mencionado na resposta dos pastores e pastoras. Em segundo lugar, em 16,7%, dos casos a comunidade de origem que atua como agente de divulgação do curso de teologia.

Também existem outros agentes de divulgação<sup>19</sup> (como vimos no relato da pastora 12), por exemplo, os amigos/estudantes de teologia são um desses agentes de divulgação. Além deles há também: a família, proximidade física de um centro de formação, material de divulgação, jornais da igreja luterana etc. Esses agentes também podem agir de maneira combinada ou individual.

A pastora 79 e a pastora 115 são pontos fora da curva de como os agentes ficam sabendo do curso de teologia. A pastora 79 ficou sabendo do curso de teologia pela sua família que a incentivou e a levou para visitar a EST:

Pela minha mãe, pois era o seu sonho. Mas na época, a sua família não permitiu que ela, como mulher, saísse de casa para estudar. Deveria casar e ter filhos. Assim que entrei do 2º grau, ela me levou até a Faculdade de Teologia em São Leopoldo para conversar com estudantes que lá estavam. Passei todo o 2º grau me preparando para estudar teologia.

Já a pastora 115 ficou sabendo do curso pela escola: “Através do meu Pastor de Ensino Religioso no Ensino Médio que também me esclareceu que mulheres poderiam fazer teologia e serem Pastoras. Na época em que fiz teologia tinha somente oito mulheres fazendo teologia sendo que 5 eram do meu curso”.

Quanto às instituições de ensino reconhecidas pela IECLB, a maioria dos pastores e pastoras da amostra frequentou a EST (84,4% dos casos). Já 13,9% deles realizaram sua

<sup>19</sup> Com isso não quero afirmar, de maneira reducionista, que existe apenas um agente de divulgação nas outras igrejas aqui mencionadas. No caso católico temos o vigário, pároco, professores paroquiais, entre outros.

formação em teologia na FLT. Sobre a escolha da instituição, encontramos na tabela 17 os motivos elencados pelos agentes da escolha de determinada instituição de ensino superior.

Tabela 16 - Instituição onde realizou o curso de teologia

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
EST	146	84,4	84,4	84,4
FLT	24	13,9	13,9	98,3
FACTECON	1	,6	,6	98,8
Andover Newton Theological School	1	,6	,6	99,4
EST e FLT	1	,6	,6	100,0
Total	173	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Em 35,5% dos casos, os agentes relataram que o motivo da escolha da instituição de ensino superior foi que esta era a única instituição existente. E, de fato, por muito tempo a EST era a única instituição de teologia luterana disponível no Brasil (que fosse aceita pela IECLB). Em 8,4% dos casos, o que motivou a decisão de escolha foi a orientação do ministro local; a desinformação parece ser um fator importante também nos motivos que levaram à decisão de qual instituição estudar, 12% dos agentes não sabiam da existência de outras instituições quando optaram por fazer o curso de teologia. Já para 9% deles o motivo de optar por determinada instituição foi a proximidade com a cidade de origem. Também foram apontados como motivos da decisão a afinidade com a proposta teológica da instituição, a instituição ser a de referência e questões financeiras. Alguns também levaram em conta a qualidade da instituição na hora de escolher a determinada faculdade. Estes foram os motivos exclusivos da decisão de determinados agentes, porém em vários casos foi mais de um o motivo que levou a escolher determinada instituição de ensino superior.

Tabela 17 - Motivos da decisão de estudar em determinada instituição

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Era a única instituição existente	59	34,1	35,5	35,5
Orientação do ministro local	14	8,1	8,4	44,0
Era a instituição de referência	4	2,3	2,4	46,4
Fez o curso pré-teológico no mesmo estado da instituição	1	,6	,6	47,0
Proximidade com a cidade de origem	15	8,7	9,0	56,0
Conversão	1	,6	,6	56,6



▪ Não sabia que existiam outras instituições	20	11,6	12,0	68,7
Afinidade com a proposta teológica da instituição	4	2,3	2,4	71,1
Ecumênica	1	,6	,6	71,7
Proximidade com a MEUC	1	,6	,6	72,3
Era o "caminho natural"	4	2,3	2,4	74,7
Qualidade da instituição	3	1,7	1,8	76,5
Conhecia professores da instituição	1	,6	,6	77,1
Currículo acadêmico	1	,6	,6	77,7
Influência familiar	2	1,2	1,2	78,9
Contato anterior com a instituição	2	1,2	1,2	80,1
Questão financeira	4	2,3	2,4	82,5
Orientação do ministro local e era a instituição de referência	1	,6	,6	83,1
Orientação do ministro local e próxima a cidade de origem	3	1,7	1,8	84,9
Orientação do ministro local e tinha afinidade com a proposta teológica da instituição	2	1,2	1,2	86,1
Era a instituição de referência e próxima a cidade de origem	1	,6	,6	86,7
Era a instituição de referência e não sabia da existência de outras	1	,6	,6	87,3
Proximidade com a cidade de origem e não sabia da existência das outras instituições	2	1,2	1,2	88,6
Proximidade com a cidade de origem e afinidade com a proposta teológica da instituição	3	1,7	1,8	90,4
Era a única instituição existente e foi indicação do ministro local	2	1,2	1,2	91,6
Era a única instituição existente e referência	1	,6	,6	92,2
Era a única instituição existente e próxima a cidade de origem	2	1,2	1,2	93,4
Orientação do ministro local e contato anterior com a instituição	2	1,2	1,2	94,6
Orientação do ministro local, era próxima à cidade de origem e não sabia da existência de outras	1	,6	,6	95,2
Fez o curso pré-teológico no mesmo estado da instituição, era o caminho natural	1	,6	,6	95,8
Proximidade com a cidade de origem e a instituição tinha proximidade com a MEUC	1	,6	,6	96,4
Proximidade com a cidade de origem, era o caminho natural	1	,6	,6	97,0
Escolha pessoal pela qualidade do ensino	1	,6	,6	97,6
Pela qualidade e afinidade com a proposta teológica da instituição	1	,6	,6	98,2
Afinidade com a proposta teológica da instituição e pelo currículo acadêmico	1	,6	,6	98,8
Afinidade com a proposta teológica da instituição e contato anterior com a mesma	1	,6	,6	99,4
Pela qualidade, currículo acadêmico e afinidade com a proposta teológica da instituição	1	,6	,6	100,0
Total de respostas	166	96,0	100,0	
Total	173	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Apenas um agente não respondeu à questão sobre outras graduações e pós-graduação, deste modo, 172 agentes responderam a essa questão. Desses, 84 deles fizeram pós-graduação<sup>20</sup>, 52 deles responderam ter feito outra graduação após cursar teologia e 15 deles afirmaram terem feito outra graduação antes de ter cursado teologia. As respostas individuais estão apresentadas na tabela 18.

Tabela 18 Cursou, ou não, outro curso universitário / realizou, ou não, pós-graduação

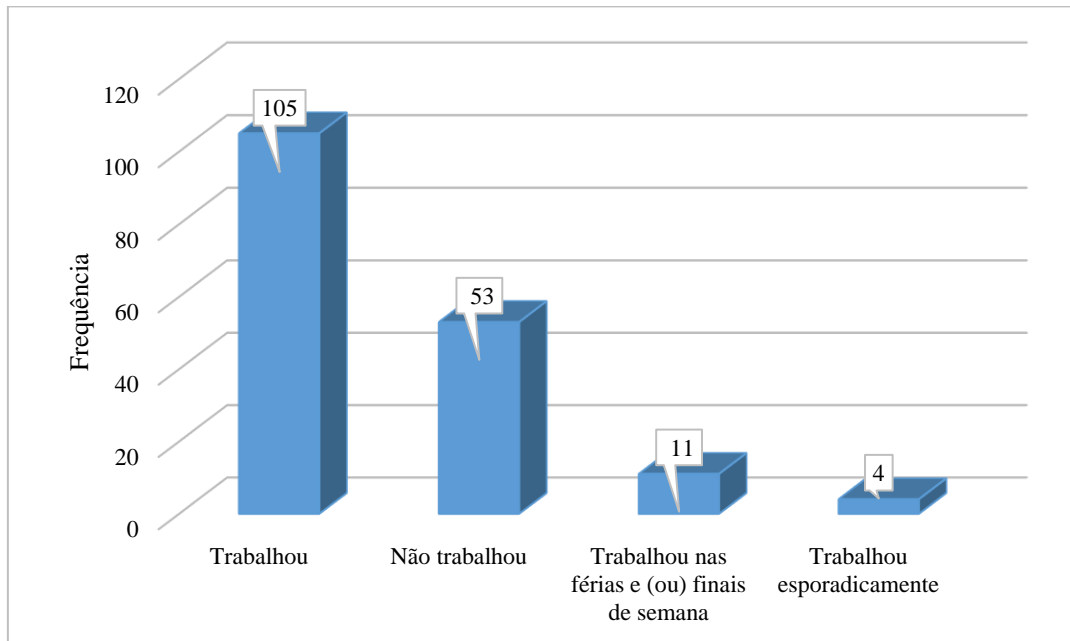
	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Não fez pós-graduação, nem outro curso universitário	67	39,0	39,0
Fez pós-graduação	60	34,9	73,8
Fez pós-graduação e outro curso universitário depois de cursar teologia	15	8,7	82,6
Fez outro curso universitário depois de cursar teologia	10	5,8	88,4
Fez outro curso universitário antes de cursar teologia	7	4,1	92,4
Fez pós-graduação e outro curso universitário antes de cursar teologia	7	4,1	96,5
Cursou outra graduação, mas não terminou o curso	3	1,7	98,3
Fez pós-graduação e não completou a segunda graduação	1	,6	98,8
Fez outra graduação antes e depois de cursar teologia	1	,6	99,4
Fez pós-graduação, abandonou a segunda graduação e fez outro curso universitário após graduar-se em teologia	1	,6	100,0
Total de respostas	172		
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Trabalhar concomitantemente aos estudos, tendência encontrada durante a educação básica, repete-se agora no ensino superior. O gráfico 4 contém os dados que demonstram que a maioria dos agentes (68,7%), em alguma medida, trabalhou enquanto cursava o ensino superior, mesmo esse sendo em turno integral.

<sup>20</sup> Essa pergunta tem um erro de minha parte, ela ficou muito abrangente. Como um vício do meio acadêmico pensei em pós-graduação como mestrado e doutorado, mas em outros meios pós-graduação tem um sentido mais amplo que esse, como especializações. Porém, como não especifiquei, não é possível verificar de que tipo de pós-graduação os pastores e pastoras referem-se.

Gráfico 4 - Trabalho durante a graduação



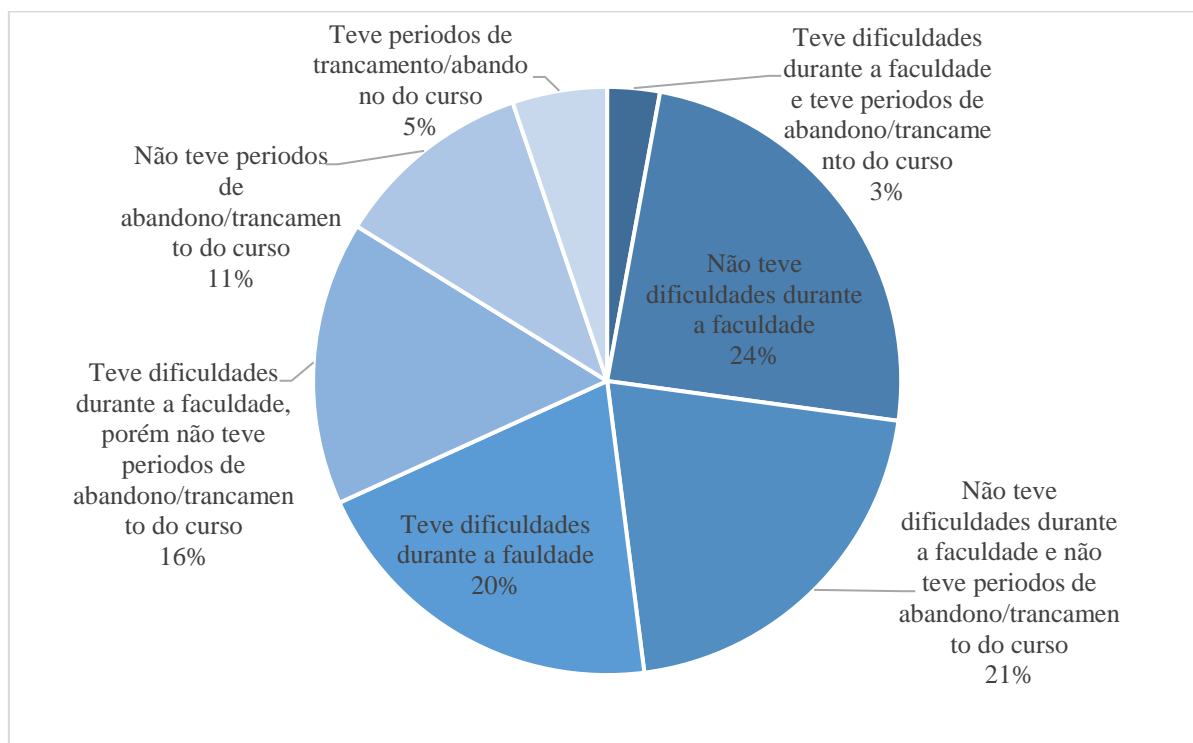
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Em relação ao percurso no ensino superior também foi perguntado aos agentes sobre se consideram ter passado por alguma dificuldade no ensino superior e quais seriam essas dificuldades. No gráfico 5 estão as respostas referentes sobre ter ou não passado por dificuldades no ensino superior e se teve períodos de abandono e/ou trancamento do curso.

Sobre quais foram especificamente as dificuldades enfrentadas durante o ensino superior, apenas 55% dos agentes responderam essa questão (que era aberta e optativa). Na tabela 19 encontram-se as respostas dos pastores e pastoras.

A maior dificuldade relatada pelos pastores e pastoras foi a questão financeira. A dificuldade financeira apareceu em vários graus e interagindo com outros fatores. Mas, de uma maneira ou outra, a grande maioria relata ter passado por dificuldades financeiras durante a faculdade.

Gráfico 5 - Dificuldades durante a graduação



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A questão que deu origem à tabela 19 era uma questão aberta, o que possibilitou os pastores e pastoras relatarem em suas palavras o processo pelo qual passaram. De maneira resumida, os relatos afirmaram que a dificuldade financeira acontecia por diferentes fatores integrados uns aos outros: os agentes eram provenientes de famílias menos abastadas financeiramente; a faculdade era de período integral, dificultando a possibilidade de trabalhar e estudar; além disso, a faculdade era particular e a bolsa oferecida era de um valor baixo (segundo os relatos dos pastores e pastoras que em sua maioria estudaram na EST).

Tabela 19 - Fatores de dificuldades durante a graduação

Fatores	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Dificuldade financeira	28	16,2	29,2	29,2
Não teve dificuldades	13	7,5	13,5	42,7
Crise existencial	4	2,3	4,2	46,9
Dificuldade no campo afetivo - saudades da família	4	2,3	4,2	51,0
Formação escolar básica de baixa qualidade	4	2,3	4,2	55,2
Estudos	3	1,7	3,1	58,3
Processos de luto	3	1,7	3,1	61,5
Trancamento do curso	3	1,7	3,1	64,6
Dificuldade financeira e formação escolar básica de baixa qualidade	3	1,7	3,1	67,7

Dificuldade financeira e questões afetivas	3	1,7	3,1	70,8
Crise Vocacional	2	1,2	2,1	72,9
Adaptação Cultural	2	1,2	2,1	75,0
Dificuldade no campo afetivo - saudades da família e dificuldades relacionadas a moradia	2	1,2	2,1	77,1
Dificuldade financeira e de moradia	2	1,2	2,1	79,2
Dificuldades financeiras e crise existencial	2	1,2	2,1	81,3
Dificuldade financeira, de formação na educação básica e dificuldades no campo afetivo	2	1,2	2,1	83,3
Trancamento do curso e doenças	2	1,2	2,1	85,4
Não saber falar alemão	1	,6	1,0	86,5
Dificuldade financeira e crise vocacional	1	,6	1,0	87,5
Dificuldade financeira e adaptação cultural	1	,6	1,0	88,5
Dificuldade financeira e processos de luto	1	,6	1,0	89,6
Dificuldade financeira e trabalhar e estudar	1	,6	1,0	90,6
Dificuldade financeira e doenças	1	,6	1,0	91,7
Dificuldade financeira, com os estudos e questões afetivas	1	,6	1,0	92,7
Dificuldade financeira e de moradia	1	,6	1,0	93,8
Questões afetivas e adaptação cultural	1	,6	1,0	94,8
Crise vocacional e trancamento do curso	1	,6	1,0	95,8
Processos de luto e trancamento do curso	1	,6	1,0	96,9
Trabalhar e estudar, além de crise vocacional	1	,6	1,0	97,9
Dificuldade financeira, questões efetivas e doenças	1	,6	1,0	99,0
Dificuldade financeira, crise existencial, questões afetivas e doenças	1	,6	1,0	100,0
Responderam	96	55,5	100,0	
Não responderam	77	44,5		
Total	173	100,0		

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

#### 4.4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Na tabela 20 estão os dados referentes ao porte da cidade onde o pastor/pastora em questão está trabalhando atualmente. A categorização de porte da cidade segue o que é utilizado pelo IBGE para classificar o tamanho das cidades. Sendo assim, cidades de pequeno porte são aquelas com população inferior a cinquenta mil habitantes, as de médio porte são aquelas entre cinquenta e cem mil habitantes e as de grande porte são as com população superior a cem mil habitantes. Como podemos observar, os dados indicam que 55,8% dos pastores e pastoras atuam em cidade de pequeno e médio porte e 44,2% deles atuam em cidades de grande porte.

Tabela 20 - Porte da cidade em que trabalha atualmente

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Grande	76	43,9	44,2	44,2
Pequeno	68	39,3	39,5	83,7
Médio	28	16,2	16,3	100,0
Total de respostas	172	99,4	100,0	
Não responderam	1	,6		
Total	173	100,0		

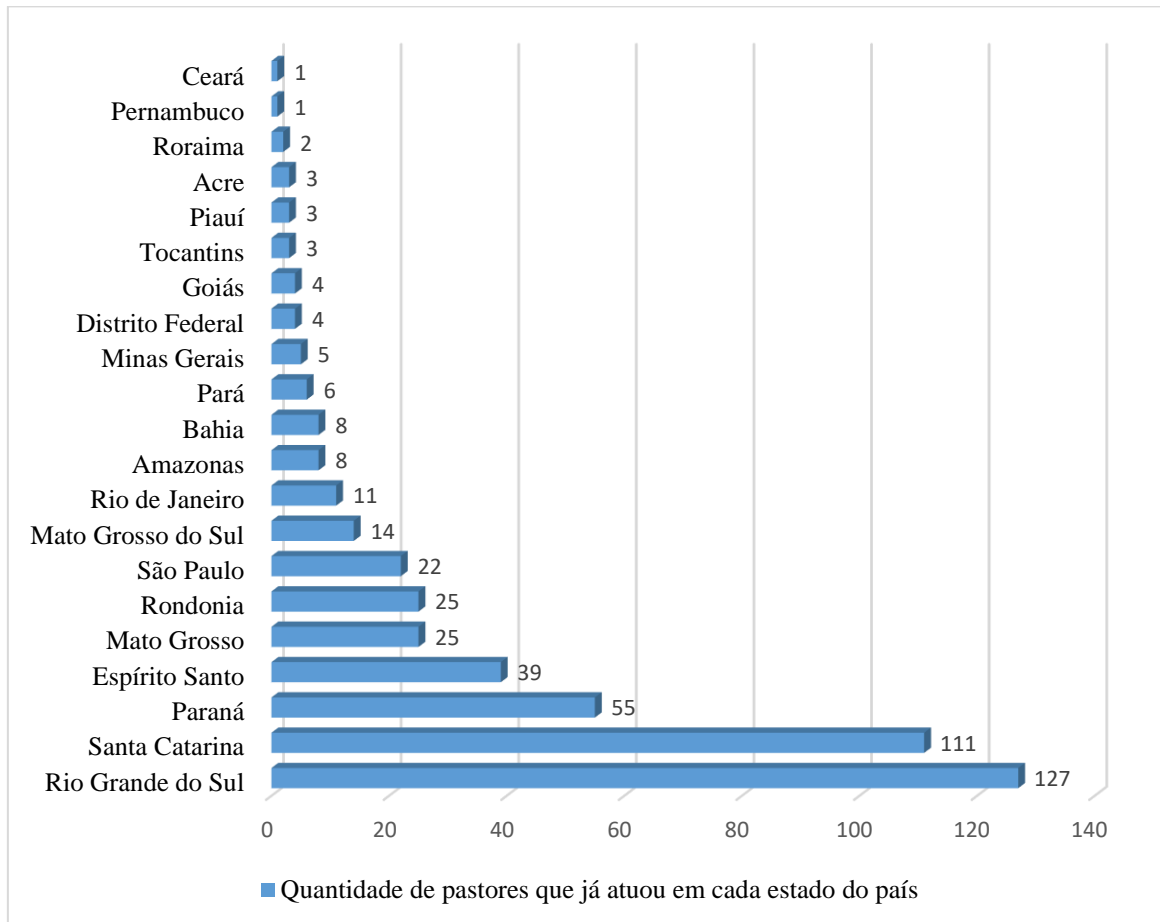
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Também fez parte do questionário uma pergunta voltada a entender em quais locais do país os pastores e pastoras já atuaram. Como vemos no gráfico 6, a maioria deles já atuou em algum momento da carreira no estado do Rio Grande do Sul, seguido pelos demais estados da região Sul: Santa Catarina e Paraná, em quarto lugar está o estado de Espírito Santo. Tal colocação deve-se ao fato de que durante o período de imigração alemã, um grande contingente de imigrantes estabeleceu-se nesse estado. Já no caso de Mato Grosso, o quinto estado em que os pastores e pastoras mais atuaram, o que leva a esses dados é o processo de migração interna no qual um grande contingente de migrantes da região Sul se deslocou para a região de Mato Grosso nos anos 1950 em diante, levaram junto sua religião e foram estabelecidas ali igrejas luteranas (WITTER, 2019, p. 36).

Os estados com menos atuação pastoral parecem ser realmente um problema dentro da IECLB. Via de regra, o pastor/pastora pode circular livremente pelo país, podendo atuar em qualquer paróquia em que tenha interesse e que esse interesse seja correspondido pela paróquia de modo que ela escolha tal pastor/pastora no processo seletivo. Porém, a alocação de pastores e pastoras no Sínodo da Amazônia (que compreende os estados de Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima e parte do Mato Grosso) parece ser um problema de longa data, como podemos observar no relato do pastor Mauri Magedanz publicado no site Portal dos Luteranos (site oficial da IECLB) no ano de 2012. Segundo o pastor, as vagas geralmente são ocupadas por pastores e pastoras que são “enviados” pela IECLB e não por aqueles que vão atuar em tal sínodo por vontade pessoal:

Em agosto do ano 2000, cheguei ao Sínodo da Amazônia e o assunto ‘vagas’ e o que fazer para preenchê-las era - e continua sendo - integrante perene de todas as reuniões. A estratégia de fazer ligações, convites e apelos para que Ministros e Ministras venham se juntar a nós no serviço da missão de Deus no Norte do Brasil não tem sido exitosa. O caminho do envio e do reenvio é a ferramenta que tem suprido a questão. Contudo, raros são os casos das pessoas enviadas que permanecem, ‘um dia além’ do mínimo dos três anos exigidos pelo Estatuto do Ministério com Ordenação (MAGEDANZ, 2012).

Gráfico 6 - Quais estados do país os pastores e pastoras já atuaram



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 21 estão expostos os dados coletados sobre o tempo de atuação na profissão. A maioria dos pastores e pastoras da amostra já está no pastorado há vinte anos ou mais. Tempo de pastorado e contingente de pastores crescem paralelamente, ou seja, quanto maior o tempo de atuação, maior é o número de pastores em atividade.

Tabela 21 - Tempo de atuação como pastor/pastora

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Vinte anos ou mais	78	45,1	45,1	45,1
De dez a vinte anos	58	33,5	33,5	78,6
Menos de dez anos	36	20,8	20,8	99,4
Não respondeu	1	,6	,6	100,0
Total	173	100,0	100,0	

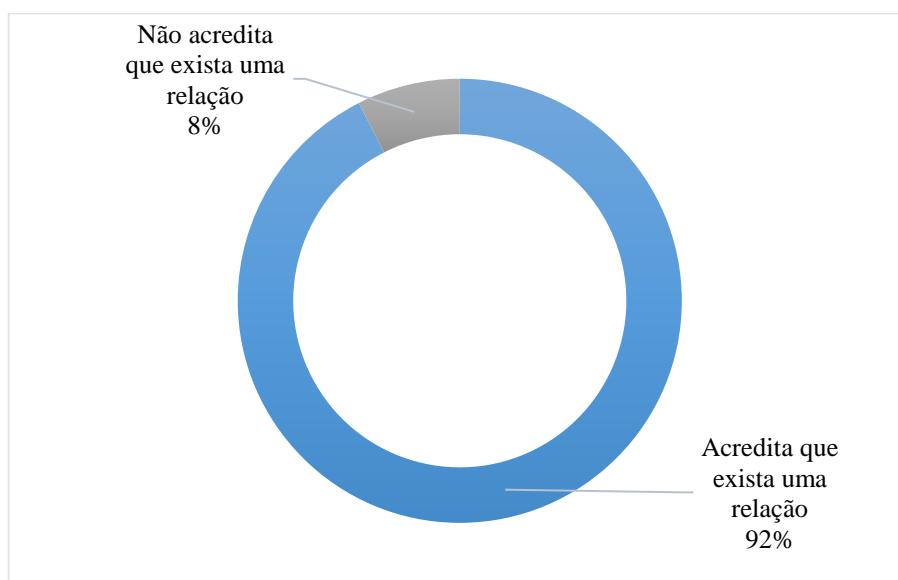
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

## 4.5 IECLB: etnicidade e diferença

### 4.5.1 Luteranismo e etnicidade

Sobre a relação entre a IECLB e a germanidade foram realizadas duas perguntas aos pastores e pastoras. Uma delas foi uma questão fechada com duas opções de resposta que deu origem ao gráfico 7 e outra foi uma questão aberta na qual os agentes elencaram livremente os elementos que na opinião deles relacionam a IECLB à germanidade.

Gráfico 7 - Opinião sobre a existência de uma relação entre a igreja luterana e germanidade



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Como podemos observar no gráfico 7, a grande maioria dos pastores e pastoras acredita existir uma relação entre igreja luterana e germanidade. Segundo os dados apresentados na tabela 22, os quatro principais elementos da relação entre igreja luterana e germanidade são a raiz germânica da igreja, as festas e bailes típicos promovidos pelas comunidades, a fala da língua alemã no ambiente religioso e a origem étnica teuto-brasileira dos membros da igreja.

Vejam algumas respostas dos pastores e pastoras. O pastor 148 traz a seguinte linha de raciocínio:

É só abrir a lista de membros e olhar para os sobrenomes. Quase todos ou a maioria serão alemães. O luteranismo não veio para o Brasil para levar o Evangelho a todos. Veio organizar-se a partir das pessoas de origem alemã que já eram luteranas na Europa. Isso nos tornou uma igreja "voltada para dentro", fechada em si mesma. Em alguns lugares a igreja era mais um espaço de convívio entre os etnicamente iguais do que do anúncio da Palavra de Deus. Isso é sentido até hoje: não sabemos "conversar"



com a cultura, não conseguimos abrir mão das nossas formas de culto e estruturas europeias para oferecer o conteúdo do Evangelho aos "de fora".

Já a pastora 99 afirma a falta de uma visão crítica dessa relação:

Compreendo que esta relação tem a ver com a forma como a igreja se organizou no Brasil. Compreendo que a igreja se organizou mais para garantir uma identidade cultural do que por uma identificação confessional. O processo de organização da igreja foi uma forma de garantir a existência das pessoas, tem mais relação com a sobrevivência mesmo, tanto no sentido cultural como também de se expressar como coletivo em um Brasil tão diverso. O limite disso, que percebo, é que não se desenvolveu um pensamento crítico em relação ao fato de que a imigração alemã ou europeia de uma forma geral, foi articulado com um projeto ideológico racista de branqueamento de raças.

Os dados da tabela 22 representam uma diferença marcante entre luteranismo e catolicismo. Apesar de uma grande parcela dos teuto-brasileiros serem católicos, há uma diferença marcante que conecta o luteranismo ao teuto-brasileiro: a igreja católica faz parte de outras realidades, por exemplo, dos italianos e de tantas outras realidades brasileiras. Pela diversidade interna da igreja católica brasileira, teuto-brasileiros católicos tendem a ter uma integração social maior dentro do ambiente religioso do que os teuto-brasileiros luteranos, como já vimos na fundamentação teórica do presente trabalho.

O pertencimento das mais diferenças pessoas ao catolicismo não é questionado (claro, há exceções), já o pertencimento de não teuto-brasileiros ao luteranismo é questionado. Tal separação não parece ser comum no cristianismo brasileiro, certamente não ocorre entre os neopentecostais, maior população evangélica do país (MARIANO, 2004). Podemos perceber isso na resposta da pastora 159, que diz que as pessoas conectam diretamente o luteranismo a um orgulho de ser alemão:

Pensando sobre essa relação, eu nem lembro tanto de exemplos práticos, mas pelo simples fato de Martin Lutero ser alemão. É como se as pessoas sentissem orgulho em ser luteranas, pois Lutero é alemão. Além disso, toda a base do ser igreja luterana no Brasil foi desenvolvida por pessoas que vieram da Alemanha, trazendo uma igreja alemã, e ainda hoje acredito que a maior parte de membros e ministr@s tenham descendência alemã. Fica quase impossível desvincular essas histórias.

Tabela 22 - Características da relação entre igreja e germanidade

Características	Quantidade de respostas em que apareceu	Percentual
Raiz germânica	26	18,7
Bailes e festas típicas	26	18,7
Identidade cultural	15	10,79
Membros de descendência alemã	20	14,38
Falar alemão	25	17,98
Voltada para dentro: etnicamente iguais	17	12,23

Falta de senso crítico quanto a origem alemã	7	5,03
Apego as tradições	15	10,79
Liturgia	13	9,35
Desconfiança com o "outro"	10	7,19
Comida típica	14	10,07
Reforma protestante	10	7,19
Clubismo étnico	3	2,15
Fechados	6	4,31
Linguagem	4	2,87
Rígidos	3	2,15
Arquitetura dos templos	4	2,87
Germanidade e luteranismo se confundem	4	2,87
Estrutura organizacional	6	4,31
Pessoas brancas	2	1,43
Pontualidade	1	0,71
Orgulho de ser alemão	2	1,43
Luteranismo de berço	1	0,71
Hinos cantados na igreja	15	10,79
Total de respostas	139	100,0
Não responderam	34	
Total	173	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quando perguntados aos agentes como eles percebem que as pessoas de fora veem a igreja, 36,80% dos pastores e pastoras (dos 163 que responderam a esta questão) acreditam que a IECLB é vista pelos de fora como a igreja dos alemães, 25,15% dos pastores e pastoras acreditam que a igreja é vista como uma igreja séria e 17,79% deles acreditam que a IECLB é vista como uma igreja fechada.

Tabela 23 - Opinião dos agentes de como as pessoas de fora veem a IECLB

	Frequência	Percentual
Igreja dos alemães	60	36,80
Desconhecida/não relevante	11	6,74
Fechada	29	17,79
Possui uma imagem positiva	14	8,58
Tradicional	18	11,04
Clube étnico-religioso	8	4,90
Igreja dos ricos	16	9,81
Séria	41	25,15
Semelhante a igreja católica	12	7,36
Destaque para a teologia luterana	7	4,29
"Farinha do mesmo saco"	4	2,45
Acolhedora	10	6,13
Organizada	6	3,68
Com responsabilidade social	17	10,42
Coerente	7	4,29
"Liberal" /flexível	7	4,29

Conservadora	7	4,29
Histórica	2	1,22
Ligada a escolas e hospitais	3	1,84
Vista com respeito e admiração	11	6,74
Responsável	2	1,22
Confiável	7	4,29
Com transparência financeira	7	4,29
Intelectualizada	2	1,22
Preconceituosa	1	0,61
Ecumênica	7	4,29
Diferente	1	0,61
Estranha	2	1,22
Meio termo entre católico e pentecostal	4	2,45
Fiel a palavra de Deus	12	7,36
Total de respostas	163	100,0
Não responderam	10	
<b>Total</b>	<b>173</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Realizando uma análise mais minuciosa dessa tabela podemos observar que alguns pastores e pastoras afirmam que, na opinião deles, a visão de que a IECLB é a igreja dos alemães está mudando. Porém, como os dados apontam, essa não parece ser a realidade, já que a característica que mais apareceu na fala dos agentes foi justamente a de que a igreja é vista como igreja dos alemães. Além disso há o fato de características da igreja serem homólogas às características da etnicidade teuto-brasileira (ver quadro 1). Ou seja, de uma perspectiva individual os pastores e pastoras acreditam que tal mudança está acontecendo na igreja. Em certo sentido, se levarmos em conta algumas respostas, podemos interpretar que eles querem acreditar que essa é a realidade. Porém, quando vemos de um ponto de vista coletivo, se tal mudança está acontecendo, está acontecendo a passos lentos, muitas características ainda se mantêm e pelas respostas a esta questão é possível afirmar que os de fora ainda vêm a igreja dessa maneira.

Quatro agentes utilizaram a expressão “mesmo saco”, “farinha do mesmo saco”, “as pessoas colocam tudo no mesmo saco” para afirmar que as pessoas veem a igreja como igual a igrejas neopentecostais. Ao utilizar essa expressão os agentes estão querendo diferenciar-se dessas demais igrejas, pois essa junção “no mesmo saco” é vista como algo negativo, eles tentam se afastar dessa imagem e enaltecer a diferença. Por exemplo, a resposta do pastor 33: “Por desconhecerem, muitos acham igual à Católica ou ‘farinha do mesmo saco’ dessas que estão mais para empresas religiosas do que para igrejas”. Encontramos em Bourdieu respaldo para essa hipótese: segundo o autor, há uma “preocupação em definir a originalidade da

comunidade em face das doutrinas concorrentes [que] leva à valorização dos signos distintivos e das doutrinas discriminatórias a fim de lutar contra o indiferentismo e dificultar a passagem à religião concorrente” (BOURDIEU, [1971] 2015, p. 69). O pesquisador Claudinei Spirandelli (2013, p. 5) também chama atenção para outro aspecto: “É necessário lembrar que na Alemanha o termo mais comum para a religião luterana é ‘evangélico’. No Brasil, o termo ‘luterano’ ganhou força, com o intuito de diferenciar os teuto-brasileiros de outros grupos e religiões, ou de todo o restante da sociedade brasileira”.

Também quase 10% dos agentes relatam que em muitos casos a IECLB é vista como sendo a igreja dos ricos. Porém, essa impressão passada pela igreja não parece corresponder à realidade, pelo menos não à realidade de seus ministros pastores e pastoras que, em sua maioria, não provêm de uma realidade abastada, como os dados já apresentados aqui apontam.

Algumas características da igreja se confundem com as características da etnicidade, refutando a tese de que tal ligação ficou no passado e hoje não é mais uma igreja ligada à germanidade. Ela se torna um agente dessa etnicidade nos seus ritos, festas, músicas, bailes. Vejamos a resposta do pastor 92 sobre como a IECLB é vista pelos outros em sua opinião: “Como uma igreja séria, comprometida com o evangelho, fiel na questão financeira. Também como igreja dos bailes, dos alemães, do sino, das festas...”; também a resposta do Pastor 125: “Na maioria dos lugares como uma igreja étnica (a igreja da cuca, a igreja dos alemães...)”; e a resposta do Pastor 96: “Ainda muito fechada no germanismo (Igreja dos alemães). E isso se reflete ainda muito na música, nas festas e no sobrenome dos membros”.

As respostas da pastora número 1 parecem ser interessantes: quando perguntada como os outros veem a igreja luterana, ela diz que a igreja é vista “Liberal ou rígida”, já quando perguntada sobre o que diferencia os alemães dos brasileiros, ela afirma que: “Alemães são mais rígidos em alguns aspectos”. É interessante como ela utilizou exatamente o mesmo termo para falar da igreja luterana e dos teuto-brasileiros. Aqui pode estar presente um mecanismo de interconexão entre os dois. A igreja luterana é rígida porque seus membros são rígidos, e em certo sentido seus membros são rígidos porque sua igreja (sua socialização desde o culto infantil) é rígida. Assim o sistema se retroalimenta, os indivíduos internalizam o exterior do seu contexto de religião e fé e também exteriorizam sua rigidez no fazer da instituição.

Algumas respostas parecem contraditórias: sete pastores e pastoras afirmam que a igreja é vista como “liberal”, para utilizar os termos nativos (que significa progressista), já outros sete dizem que ela é vista como conservadora. Doze relatam que as pessoas de fora veem a igreja luterana como semelhante à igreja católica, e outros quatro usam a expressão “farinha do

mesmo saco” para afirmar que a igreja luterana é vista na mesma categoria de igrejas neopentecostais. Vinte e nove relatam que ela é vista como fechada, já outros 10 relatam que ela é vista como acolhedora. As impressões contraditórias como conservadora x liberal podem estar ligadas às diferentes correntes dentro da igreja.

Para entendermos melhor essas respostas contraditórias é importante compreendermos algumas divisões interna da instituição. Na IECLB há uma divisão que se inicia em meados de 1960 com a formação do Movimento Encontro (ME). O conflito se dá entre Movimento Encontro (predominante na faculdade de teologia FATEV) e a PPL (pastoral popular luterana), Teologia da Libertação na sua versão luterana (mais presente na EST). O Movimento Encontro surge com o contato com um missionário estadunidense luterano que leva o movimento a ter uma ênfase na “conversão e avivamento espiritual” (FREESTON, 1998 p. 70). Tal movimento também está ligado a uma tradição pietista e fundamentalista (GERTZ, 2001). Por isso, em alguns casos a igreja pode ser vista como conservadora e em outros como liberal se na realidade em questão o movimento predominante é a PPL.

Porém, alguns termos não aparecem nessa dicotomia. Como por exemplo: confiável, transparente, vista como respeito. Nos relatos, nenhum pastor apontou que os outros a veem com um olhar de desconfiança ou algo do gênero. Uma dobradinha parece estar bastante presente: uma igreja de alemães e séria.

Obviamente que a resposta a essa pergunta leva em conta o contexto em que o pastor/pastora está inserido, o que significa que as respostas variam conforme o contexto de cada pastor e pastora e isso precisa ser levado em conta na hora da reflexão sobre a questão. Também essa resposta pode ser um pouco tendenciosa, já que nos relatos nenhum pastor apontou que os outros a veem com um olhar de desconfiança, e é possível questionar se as críticas à igreja chegam ou não ao conhecimento desses agentes.

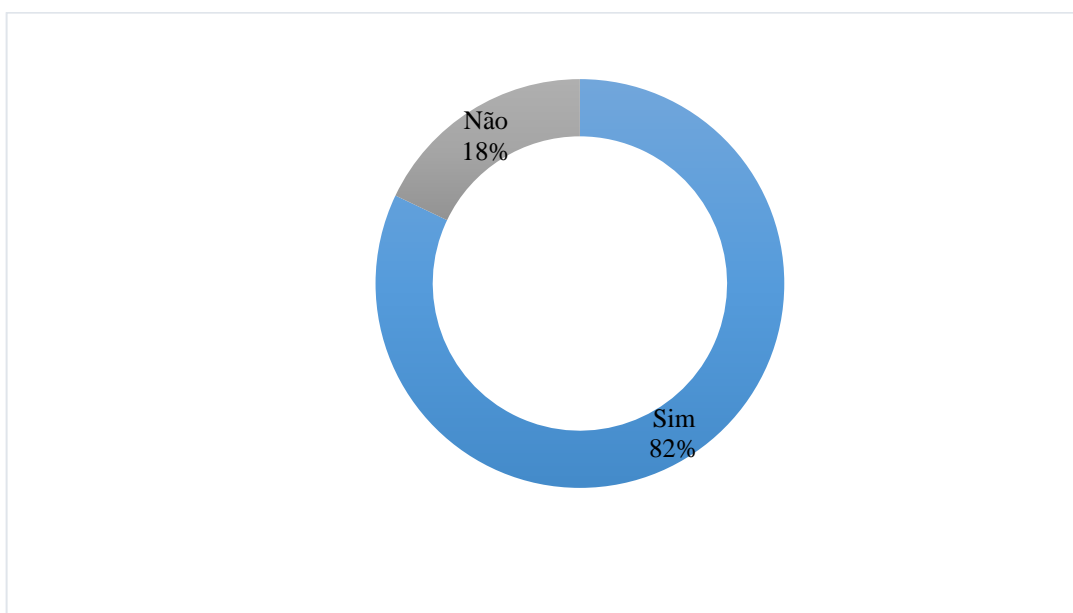
#### **4.5.2 Etnicidade e trabalho**

A maioria dos agentes participantes da pesquisa acredita que a origem étnica da sua família tem impacto no trabalho desenvolvido como pastor/pastora: 82% deles acreditam haver impacto, 18% acreditam que o trabalho como pastor/pastora não é impactado pela origem étnica.

Da amostra total, 104 pastores e pastoras se dispuseram a dar exemplos do impacto da etnia no trabalho como pastor: eles apontam como principais impactos a comunicação mais

fácil com membros da mesma origem, que apareceu em 20,19% das respostas; o segundo impacto mais apontado foi uma ética pastoral de dedicação ao trabalho, que apareceu em 19,23% das respostas; seguido por saber falar alemão, 16,34 %; e a espiritualidade da família e vida na igreja apareceu em 15,38% das respostas - por exemplo na respostas do Pastor 13: “Espiritualidade dos pais (aprendi orar, ouvi todas as histórias bíblicas e vivenciei uma vida cristã convincente)”. O quadro completo encontra-se na tabela 24.

Gráfico 8 - Considera que a origem familiar, étnica, tem impacto no trabalho como pastor



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Alguns agentes mostraram-se “críticos” a essa pergunta, enaltecendo como a origem familiar não tem importância no trabalho. Uma hipótese é que eles podem estar tentando afirmar o chamado de Deus sobre o fato de que suas características não são de origem e, sim, de um bom pastor nos critérios extramundanos e não ligados a características sociais.

Tabela 24 - Exemplos de como a origem tem impacto no trabalho como pastor

	Frequência	Percentual válido
Dedicação ao trabalho	20	19,23
Comunicação mais fácil com membros da mesma origem	21	20,19
Espiritualidade da família e vida na igreja	16	15,38
Saber falar alemão	17	16,34
Ser persistente	9	8,65
Ter abertura com os membros que não são de origem étnica teuto-brasileira	7	6,73
Ser responsável	12	11,53
Não tem impacto	4	3,84
Melhor aceitação por parte da comunidade	9	8,65

Honestidade	8	7,69
Ser uma pessoa voltada para o evangelismo	2	1,92
Tradição	3	2,88
Visto com desconfiança	2	1,92
Acreditar na igualdade	4	3,84
Ser uma pessoa simples	1	0,96
Igreja dos alemães	1	0,96
Não ser tradicional	1	0,96
Espontaneidade	1	0,96
Ativismo	1	0,96
Ecumenia	1	0,96
Pontualidade	6	5,76
Organização	3	2,88
Ser energético	1	0,96
Valorização da família	2	1,92
Ser direto	1	0,96
Empático	1	0,96
Ser uma pessoa fechada	1	0,96
Ser metódico	1	0,96
Ser racional	1	0,96
Total de respostas	104	100,0
Não responderam	69	
Total	173	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Um aspecto interessante ressaltado em algumas respostas é que a origem étnica tem impacto direto no que é considerado um bom pastor. Vejamos a resposta do Pastor 77: “Principalmente em relação às expectativas quanto à postura e conduta pastoral.”

O Pastor 92 afirma que para uma senhora da igreja de origem alemã a questão com a etnicidade não é a cor da pele e, sim, que os negros não agem como os brancos (a “postura” e “conduta” assinalada pelo Pastor 77):

Eu nunca tive problemas com isso, com minha origem étnica. Mas já presenciei situações constrangedoras em âmbito comunitário. Um dia uma senhora de origem alemã me disse: "Pastor, o problema não é a cor dos negros. Eles só precisam agir como os brancos!"

O Pastor 113 também falou sobre essa questão, dizendo que o pastor ideal para os membros é o pastor branco que sabe falar alemão:

Minha origem impacta, por exemplo, na imagem que os membros criam em relação ao pastor ideal, branco e que fala alemão. Certas comunidades com forte raízes na germanidade irão eleger para seu pastor alguém identificado com sua etnia. Afeta positivamente as pessoas que não são tradicionalmente luteranos e se sentem representadas com minha presença como pastor de sua comunidade.

Além disso, também foi questionado aos agentes se eles consideram que falar a língua alemã<sup>21</sup> influencia no trabalho como pastor - as respostas encontram-se no gráfico 9. As respostas ficaram divididas: 52,60% dos agentes acreditam que falar alemão influencia no trabalho e 47,39% acreditam que esse aspecto não influencia no seu trabalho.

Tal pergunta foi realizada pois falar alemão e suas variações regionais é uma das principais características da etnia teuto-brasileira e ela tem um impacto a mais, já que não saber comunicar-se em uma língua é algo mais difícil de contornar do que outros aspectos.

O argumento a respeito da importância da língua como prática étnica está fundamentado no pensamento de Poutignat e Streiff-Fenart (1998):

(...) a língua era o fator que determinaria a nacionalidade e que distinguiria de modo categórico os pensamentos e sentimentos da maneira de ser de um povo. Seria também a delimitação abstrata e imaterial das fronteiras (e da existência) culturais. Portanto, sua sobrevivência seria essencial à sobrevivência da germanidade e do grupo étnico teuto-brasileiro. Essa língua, aliás, tem raízes na própria religião, pois Lutero é considerado o criador da relação entre escola, religião e língua, contribuindo para o desenvolvimento de uma língua pura, separada dos dialetos. Sendo assim, religião luterana, língua e consciência étnica alemã seriam inseparáveis (Spirandelli, 2013, p. 9).

Tomemos como exemplo a resposta do Pastor 59:

Creio que está na hora de entendermos que somos brasileiros uma igreja no Brasil que precisa entrar para dentro da sociedade não continuar sendo um gueto. Todos deveríamos ter uma segunda língua de comunicação, mas a questão com o alemão na IECLB vai além disso e se torna algo preconceituoso.

Como afirmou o Pastor 59, a questão do alemão vai além, influenciando inclusive na escolha de determinado pastor para ocupar uma vaga. Os relatos do pastor 48 e do pastor 62 afirmam que: “algumas comunidades exigem que o pastor fale alemão, neste caso me atrapalha ou dificulta a oportunidade de trabalhar nessas comunidades” (Pastor 48). “Não sempre, mas em determinados momentos influencia. sim. Inclusive tem paróquias que só aceitam pastor/a que fale a língua alemã” (Pastor 62).

Mas, como disse o Pastor 62, isso não acontece em todos os casos. O Pastor 127 afirma que mesmo não influenciando em todos os casos há, sim, uma distinção entre aqueles que falam ou não alemão: “Influencia se você é pastor na Alemanha (rs). No Brasil, não influencia, pois aqui falamos português. Para alguns membros mais antigos, porém, quando um pastor/a fala alemão, é notável a estima e consideração.”.

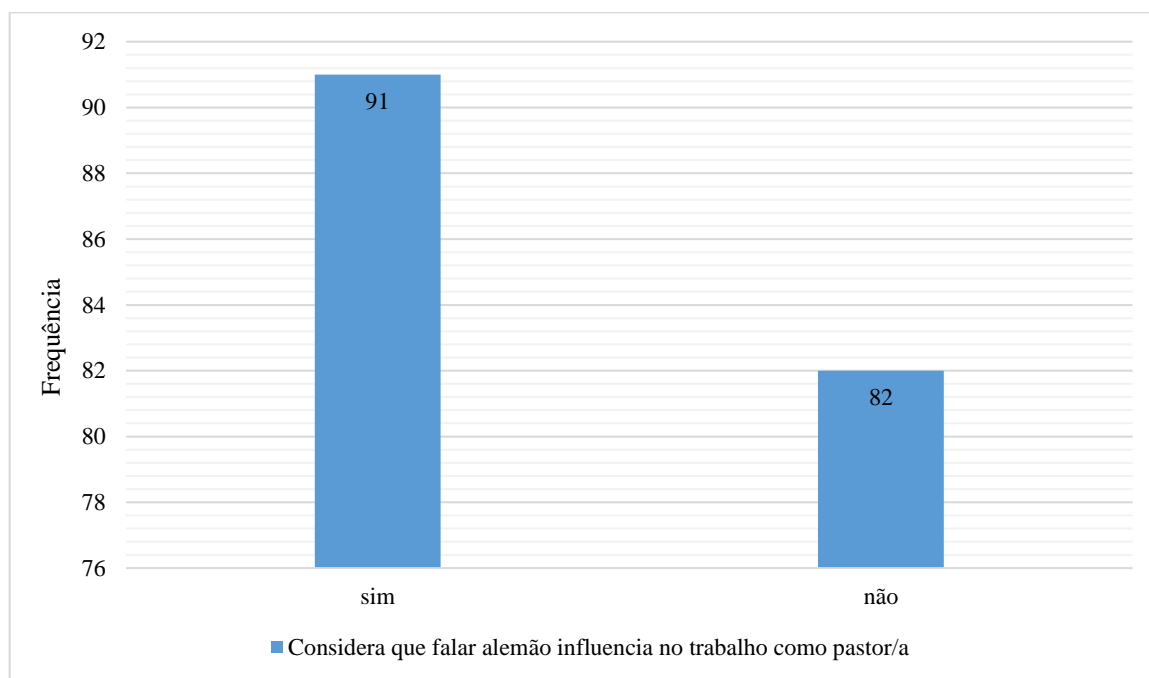
---

<sup>21</sup> Quando utilizamos o termo “língua alemã”, incluímos assim seus diferentes grupos linguísticos. Ou seja, na língua alemã estão inclusas suas variações como o Pomerano e o Hunsrückisch falados nas diferentes regiões do Brasil.



Sobre a questão da fala do alemão foram ainda abordados mais dois outros aspectos: a comunicação em alemão no ambiente da igreja e a questão dos cultos em alemão, pois, como vimos nos parágrafos anteriores, esse aspecto gera hierarquias dentro da instituição.

Gráfico 9 - Considera que falar a língua alemã influencia no trabalho como pastor/a



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Da amostra de pesquisa, 30,1% dos agentes não falam alemão e/ou suas variações regionais. O Pastor 35 respondeu que: “Eles se comunicam entre si pois eu não falo alemão e me sinto discriminado por isso”. Também o Pastor 80 expressou sua dificuldade nesse aspecto: “Como não falo, tenho dificuldades quando as pessoas se expressam melhor em alemão”.

A maioria (65,29%) dos 69,9% dos pastores e pastoras que sabem falar alemão, comunicam-se em alemão com seus membros em alguma medida; 34,71% dos que sabem falar alemão não se comunicam nessa língua com seus membros. O Pastor 77 relatou em quais espaços ele utiliza a língua alemã: “Nas visitas, em cultos, ofícios e OASE. É uma exigência da comunidade onde atuo” - todas as respostas encontram-se na tabela 27.

Tabela 25 - Costuma comunicar-se em língua alemã com os membros

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Sim	48	27,7	27,7
não	42	24,3	52
Poucas vezes	10	5,8	57,8
Quando necessário	9	5,2	63

Às vezes	6	3,5	66,5
Como maneira de aproximar-se das pessoas	6	3,5	70
Não fala alemão	52	30,1	100
<b>Total</b>	<b>173</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Como já relatado, os dados sobre esse assunto são bem escassos, então a comparação se torna mais difícil. Porém, Koch (2003, p. 206) apresenta em seu artigo uma tabela que possibilita termos uma noção sobre o uso da língua alemã no ambiente da IECLB:

Tabela 26 - Língua utilizada nos cultos nas décadas de 1960 e 1970

Língua	Ano 1960	Ano 1970
Só alemão	5,2%	-
Preferencialmente alemão	32,8%	12,5%
Preferencialmente Português	50,8%	58,3%
Só português	11,2%	29,2%

Fonte: Koch (2003)

Não é possível fazer uma comparação exata entre a pesquisa aqui apresentada e a pesquisa apresentada por Koch, pois no artigo o autor não expõe a metodologia utilizada para a obtenção dos dados. O que podemos observar é que o autor apresenta que em 1970 quase 30% dos cultos eram realizados apenas em português, ou seja, 70% das comunidades tinham a possibilidade de utilizar a língua alemã em alguma medida (não são apresentados dados do uso da língua alemã em outros ambientes da igreja). Nos dados da presente pesquisa vimos que 54,4% dos pastores e pastoras não se comunicam em alemão com seus membros, já 45,7% deles comunicam-se em alguma medida em alemão com seus membros. Ou seja, dos anos de 1970 para 2020 houve uma diminuição de 25% do uso da língua alemã no ambiente da IECLB. Essa não é uma comparação exata, mas por conta da escassez de dados ela é válida na medida em que proporciona algum nível de comparação diacrônica do uso da língua.

As situações nas quais, nos dias atuais, os pastores e pastoras comunicam-se em alemão com seus membros são bem diversas. Porém, é importante ressaltar que menos da metade dos pastores e pastoras da amostra responderam a esta questão, que era aberta e optativa. Dos que responderam, 53,42% deles afirmam comunicar-se em alemão com os membros quando fazem visitas às casas, 25 pastoras e pastores afirmam utilizar o alemão nos cultos. Já a tabela 28 conta com dados totais da amostra: dos 175 agentes, 27 deles afirmam que na comunidade onde atuam são celebrados cultos em alemão, portanto as respostas estão em consonância.

Na resposta da tabela 24 o Pastor 62 afirmou que falar alemão era importante para membros mais antigos, porém, analisando a tabela 27 vemos que as situações nas quais a língua alemã é utilizada no ambiente da igreja são mais diversas do que aquelas frequentadas apenas por idosos. A visita a idosos aparece em sexto lugar quando analisamos a quantidade de vezes que foi citada nas respostas.

Tabela 27 - Espaços e situações que costuma comunicar-se em língua alemã com membros

	Quantidade de respostas em que foi mencionado	Percentual	Percentual válido
Visitas a casa de membros	39		53,42
Cultos	25		34,24
Na comunicação informal	14		19,17
Visitas a idosos	11		15,06
Esporadicamente	3		4,10
Nos grupos da igreja	19		26,02
Saudação do culto	3		4,10
No dia a dia (cotidiano)	13		17,80
Sepultamentos	7		9,58
Celebração de bodas	2		2,73
Músicas	1		1,36
Nas festas da igreja	3		4,10
Total de respostas	73	42,2	100,0
Não responderam	100	57,8	
Total	173	100,0	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A maioria das comunidades não celebra cultos em alemão, também a maioria dos pastores e pastoras não celebra cultos em alemão. Algumas respostas indicaram que nos casos em que a comunidade celebra culto em alemão, mas o pastor/pastora local não celebra cultos em alemão, algum colega pastor/pastora é chamado para realizar o culto. Pela minha experiência pessoal, também sei que em alguns casos quando o pastor/pastora local não celebra o culto, algum líder da igreja o faz. É interessante perceber que mesmo na maioria das comunidades a principal atividade da comunidade, o culto, não é celebrado em alemão, seu valor simbólico de saber comunicar-se na língua se mantém, mesmo que na prática não seja realmente um critério essencial para a decisão de escolher um pastor/pastora.

Tabela 28 - Culto em alemão

	Quantidade de vezes que foi mencionado	Percentual
Na comunidade em que o pastor/pastora atua não são celebrados cultos em alemão	113	65,31
O pastor/pastora não celebra cultos em alemão	76	43,93
Na comunidade em que o pastor/pastora atua são celebrados cultos em alemão	27	15,60
O pastor/pastora celebra cultos em alemão	19	10,98
Total	173	100,0

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 29 vemos que a maioria dos pastores e pastoras não se opõe à prática de falar alemão nas atividades da igreja. Eles apontam em suas respostas que a língua alemã deve ser utilizada se for necessário, se houver público. A utilização da língua alemã pode ser vista como uma forma de cuidado com aqueles que têm dificuldade com o português. Por outro lado, alguns agentes acreditam que ela pode vir a ser algo conservador, um mecanismo de exclusão, que limita o trabalho missionário. Alguns agentes ainda ressaltaram que são contra a utilização da língua alemã apenas por uma questão de tradição.

Tabela 29 - Opinião sobre a igreja luterana celebrar cultos e outras atividades em língua alemã

Opinião	Quantidade de respostas em que apareceu	Percentual válido
Deve ser utilizado, se for necessário	19	11,94
Não vê problema	24	15,09
É válido para comunicação do evangelho na língua materna da pessoa	15	9,43
Pode ser utilizado, se tiver público	13	8,17
Importante para atender os idosos	27	16,98
Cultural	12	7,54
Pode ser um mecanismo de exclusão	16	10,06
Necessário apenas com pessoas que têm dificuldade com a língua portuguesa	28	17,61
É contra a utilização apenas para manter a tradição	10	6,28
É uma forma de cuidado e de acolhimento	4	2,51
É um regresso	2	1,25
Tradição	9	5,66
Mecanismo de ir encontro aos membros	6	3,77
Fora da realidade	1	0,62
Faz parte da história	7	4,40
Está ligado a origem étnica	7	4,40
É conservador	4	2,51
Limita a missão da igreja	6	3,77
Acrescenta, é um diferencial	1	0,62

Responderam	159	100,0
Não responderam	14	
Total	173	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Nessa questão, que deu origem à tabela acima, o Pastor 59 e o Pastor 119 ressaltaram o assunto que já havia sido citado por outros agentes: a língua alemã como requisito para contratação, em alguns casos, e também a questão da hierarquização em relação a saber ou não falar alemão. Nas palavras do Pastor 59: “Não tenho nenhuma objeção. Penso que onde realmente existe necessidade e pessoas que não compreendam a língua portuguesa seja um bom instrumento. Mas, na atualidade, colocar isso como desabono a um/a ministro/a é inaceitável”. O Pastor 119 afirma que: “Depende de cada Comunidade. Nas que atendo atualmente é completamente desnecessário. Não deveria ser requisito para uma comunidade contratar um/a Pastor/a”.

Portanto, podemos observar que o falar alemão parece ser uma prática da etnicidade bastante acionada no campo de atuação dos agentes. Para além disso, ela é um mecanismo de hierarquização na medida em que é vista em algumas realidades como um “abono” ou como “requisito”, portanto assumir tal prática é um fator que influencia nas possibilidades abertas aos pastores e pastoras.

#### 4.5.3 Nós e os outros

A última seção do questionário foi dedicada a compreender mais profundamente as dificuldades relacionadas ao pertencimento étnico e como as práticas da etnicidade são mecanismos importantes ou não na dinâmica da vida pastoral. Na tabela 30 é possível observar que metade dos pastores e pastoras afirmam conhecer casos de pastores/pastoras que enfrentaram dificuldades no trabalho por não serem de origem teuto-brasileira.

Tabela 30 – Conhecimento sobre algum caso de dificuldade enfrentada por pastores/pastoras que não são de origem alemã, por causa da sua etnia

	Frequência	Percentual
Não	88	50,9
Sim	85	49,1
Total	173	100,0

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na pergunta seguinte foi aberto um espaço para os agentes relatarem os casos de dificuldades relacionados à etnia que tomaram conhecimento. Os dados completos encontram-se na tabela 31, logo abaixo. 74 pastores e pastoras responderam a essa questão que era aberta e optativa, as respostas estão expostas na tabela 31.

Dezoito agentes responderam que a dificuldade enfrentada por pessoas de origem não alemã é o racismo/preconceito racial com negros. A questão do racismo também apareceu relacionada a outros fatores, como gênero. Ao todo, a questão do racismo/preconceito racial foi citada por 27 pastores e pastoras. Cabe ressaltar que estou agrupando os termos racismo e preconceito racial porque na maioria dos casos eles parecem ser usados como sinônimos pelos agentes pesquisados. Também, em muitos casos, eles estão falando de discriminação e utilizam o termo preconceito ou racismo. Então fica difícil separar essas categorias, já que no senso comum as diferenças entre os termos não são tão bem conhecidas. Fazer uma análise separada dos termos poderia levar a conclusões errôneas, porque partiria da visão do pesquisador e não a partir do que foi dito pelos pesquisados.

Um aspecto interessante que foi bastante ressaltado e já apareceu em tópicos anteriores aqui discutidos foi a questão do que é considerado um bom pastor. Três respostas apontaram esse problema “não é um bom ministro por não ser de origem étnica teuto-brasileira”, outros dois agentes apontaram que “os não teuto-brasileiros precisam provar sua competência” e que há uma dúvida da capacidade dos não teuto-brasileiros. O pastor 112 relatou que os não teuto-brasileiros: “Estão sempre exercendo seu pastorado em comunidade periféricas, em projetos missionários, enfrentam mais dificuldades nos processos de transferência”.

Comparando a afirmação do pastor com os dados da pesquisa, podemos perceber que quando separamos os pastores e pastoras que atuaram nos sínodos da Amazônia, Brasil Central, Mato Grosso e sínodo do Espírito Santo e Belém<sup>22</sup> (ver figura 1), sínodos esses periféricos na dinâmica da IECLB, vemos que 38,72% dos pastores e pastoras da amostra de pesquisa já atuaram em algum desses sínodos.

Apesar da correlação entre as variáveis não ser estatisticamente significativa, quando comparamos pastores e pastoras que atuaram nesses sínodos *versus* pastores e pastoras que não

---

<sup>22</sup> No caso do sínodo do Espírito Santo e Belém não foram considerados os pastores que atuaram apenas no estado do Espírito Santo, pois esse estado não se encaixa nas características dos sínodos dos demais estados, pois o estado do Espírito Santo também fez parte do processo de imigração de alemães pomeranos, o que faz com que ele não seja um estado periférico, apesar de estar em um sínodo periférico.

atuaram, é possível perceber que vários indicadores que são desvalorizados socialmente no ambiente da igreja são ligeiramente superiores no grupo que atuou nos sínodos periféricos.

O grupo que atuou nesses sínodos tem uma proporção maior de mulheres e são mais jovens em relação à proporção geral da amostra. Por serem mais jovens, eles também têm uma ligeira diferença quanto ao tempo de atuação como pastor/pastora.

Também uma proporção menor deles é descendente de alemães quando comparado às proporções gerais da amostra. A proporção de pomeranos é maior, isso pode estar relacionado ao processo de migração de pomeranos que se concentrou mais no estado do Espírito Santo. Outro indicativo é que os pastores e pastoras que atuaram nesses sínodos falam menos alemão em relação à média geral da amostra. Eles também apontam conhecerem mais casos de dificuldade em relação à etnia, 5% a mais do que aqueles que não atuaram nesses sínodos.

É verdade que essas diferenças não são estatisticamente significativas, porém todos esses fatores de hierarquização dentro da IECLB são ligeiramente superiores nesse grupo, portanto, como não é apenas um fator que se encontra elevado nesse grupo e sim um conjunto de fatores importantes para compreender a hierarquização do campo, é possível percebermos indícios que pastores e pastoras que ocupam posições desprivilegiadas nos parâmetros do campo tendem a atuar em comunidades nas quais os membros também ocupam posições desprivilegiadas socialmente - como sinalizou o pastor 112 na sua resposta e como também vimos no texto do pastor Mauri Magedanz (2012) publicado no site da IECLB (ver sessão 4.4).

Em termos bourdieusianos podemos pensar em uma homologia entre a posição dos produtores na estrutura do campo *versus* a posição dos consumidores na estrutura da relação de classes (BOURDIEU, 2002 p. 58). Ou seja, os produtores, pastores e pastoras que ocupam posição periférica na estrutura do campo, IECLB, têm uma posição similar nessa estrutura à posição que seus membros, consumidores, na estrutura geral da sociedade.

Outro aspecto que aparece na tabela 31 é a questão do pastor/pastora ser julgado como competente ou não levando em conta sua origem étnica. A pastora 164 relatou que:

Conheci um pastor que tinha a pele mais morena e não era de origem alemã que foi tratado de forma como se não fosse um bom ministro para aquela comunidade por não falar alemão e não se encaixar em seus padrões. Embora fizesse um trabalho impecável a questão da germanidade sobrepujou a igreja. Isso mostra que a igreja deixa de ser igreja e se torna um clube. O que é lamentável.

Como vimos na resposta do pastor 112, outro assunto que vem à tona novamente é a questão das vagas de emprego. Em alguns casos há uma vantagem para os teuto-brasileiros, pois esses “saem na frente” por saberem falar alemão, pelo fenótipo branco ou pelo sobrenome

de origem alemã. Além disso, há o fato mencionado anteriormente de que esses, às vezes, são melhor aceitos pelos membros e isso pode pesar na decisão de para quem irá a vaga em aberto.

É muito importante mencionarmos que não são necessariamente todos os casos de dificuldades que acontecem de maneira explícita e intencional. Há outros mecanismos, não intencionais, que podem levar a dificuldades para os não teuto-brasileiros, mas não necessariamente são ações “de caso pensado”. Vemos um exemplo na resposta do pastor 157: “Comunidades que não recebem pastores/pastoras que não sejam de origem germânica. Nas reuniões de Pastores e Pastoras muitas piadas, citações e histórias são contadas em alemão e quem não conhece o idioma fica excluído da comunhão”. Também existem casos mais explícitos, como relata o pastor 35: “Uma conhecida ouviu, de outra mulher, que ela estava ficando tão boa pastora que estava ficando até mais branca”. E a Pastora 56: “Um pastor de origem afro ouviu de uma membra que não queria ser enterrada por um negro”. Ou seja, o espectro é bem variado, indo de casos escrachados a questões de exclusão não intencional e hierarquias inconscientes.

Mas o fato é que a etnicidade, fenótipo caucasiano, sobrenome de origem alemã e suas práticas, como o falar alemão, conhecer os mitos de origem comum, a reafirmação da tradição, assumir práticas positivadas por aqueles que pertencem ao grupo étnico entre outros são fatores que podem ser determinantes na ascensão e no prestígio social dos pastores e pastoras. Aqueles que assumem as práticas da etnicidade possuem vantagens em comparação àqueles que não assumem. Mas cabe ressaltar que não é somente o assumir a prática, pois, como vimos, o fenótipo também é fator importante nessa dinâmica, o que não desaparece simplesmente ao assumir as práticas, como consta no relato da pastora 164.

Também foi relatado nessa questão os problemas enfrentados pelas mulheres. Como esse não era o foco do trabalho, não foram realizadas questões especificamente abordando a temática de gênero, mas os problemas enfrentados pelas pastoras apareceram ao longo das respostas e uma vez mais aqui. Elas também precisam provar sua competência e têm um obstáculo a mais na hora de concorrer a uma vaga de pastorado.



	Respostas	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Racismo/preconceito racial com negros	18	10,4	24,3	24,3
Dificuldades por não falar alemão	11	6,4	14,9	39,2
Não conhece casos de dificuldade relacionado à etnia	9	5,2	12,2	51,4
Preconceito com os pastores/pastoras "brasileiros" <sup>23</sup>	4	2,3	5,4	56,8
Só aceitam a candidatura de vagas de pastores/pastoras que sabem falar alemão	4	2,3	5,4	62,2
Não é um bom ministro por não ser de origem étnica teuto-brasileira	3	1,7	4,1	66,2
Sexismo	2	1,2	2,7	68,9
Os não teuto-brasileiros precisam provar sua competência	2	1,2	2,7	71,6
Racismo/preconceito racial com negros e mulheres	2	1,2	2,7	74,3
Não é bem aceito por racismo/preconceito racial, sexismo e sobrenome de origem não alemã	2	1,2	2,7	77,0
Duvidar da capacidade de ser pastor por não ser de origem étnica teuto-brasileira	1	,6	1,4	78,4
Recebido com estranhamento não é bem aceito	1	,6	1,4	79,7
Só aceitam candidaturas à vaga de pastores/pastoras de origem teuto-brasileira	1	,6	1,4	81,1
Não ter sobrenome de origem alemã	1	,6	1,4	82,4
Exclusão entre os próprios pastores/pastoras que se comunicam em alemão	1	,6	1,4	83,8
Os não teuto-brasileiros ocupam cargos periféricos	1	,6	1,4	85,1
Racismo/preconceito racial com negros, vendo esses como pastores/pastoras ruins	1	,6	1,4	86,5
Racismo/preconceito racial com negros, não aceitando a candidatura dos mesmos a vaga de pastor	1	,6	1,4	87,8
Racismo/preconceito racial com negros por não falarem alemão	1	,6	1,4	89,2
Duvidar da capacidade de ser pastor por não ser de origem étnica teuto-brasileira e por ser mulher	1	,6	1,4	90,5
Só aceitam candidaturas à vaga de pastores/pastoras de origem teuto-brasileira, duvidando da capacidade dos outros	1	,6	1,4	91,9
Só aceitam candidaturas de pastores de origem teuto-brasileira, exclusão entre os próprios pastores/pastoras por conta do idioma	1	,6	1,4	93,2
Racismo/preconceito racial com negros, não aceitam a candidatura por ser mulher e não teuto-brasileira	1	,6	1,4	94,6
racismo/preconceito racial com negros, só aceitam candidaturas de pastores/pastoras teuto-brasileiros, com sobrenome alemão	1	,6	1,4	95,9
Só aceitam candidaturas a vaga de pastores homens de origem teuto-brasileira	1	,6	1,4	97,3

<sup>23</sup> Segundo Seyferth (1986, p. 65), na dinâmica teuto-brasileira o termo “brasileiro” pode ser usado para falar de negros, lusos, indígenas, caboclos entre outros, dependendo das circunstâncias.

Mulheres e pessoas de outras origens precisam provar sua competência	1	,6	1,4	98,6
Dificuldades por não falar alemão, preconceito com pastores/pastoras "brasileiros"	1	,6	1,4	100,0
Total de respostas	74	42,8	100,0	
Não responderam	99	57,2		
Total	173	100,0		

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

As tabelas 32, 33 e 34 são originárias de uma mesma questão sobre as características dos pastores e pastoras de origem alemã e dos “outros”, pastores de outras origens. As respostas acabaram abordando aspectos diferentes, então optei por dividir as respostas em três tabelas. Na tabela 32 estão as 42 respostas que mencionaram diferenças relacionadas a pastores e pastoras de outras origens. Na tabela 33 estão mencionadas características de pastores e pastoras teuto-brasileiros comparados a pastores e pastoras de outras origens e na tabela 34 estão as diferenças notadas entre eles, sem mencionar características específicas de uma ou de outra origem. Ao todo, 97 pastores e pastoras responderam a essa questão.

Novamente a questão do racismo é mencionado por 9 agentes, além da dificuldade de conseguir vagas, menor aceitação por algumas comunidades. Mas aqui também foram ressaltados aspectos positivos sobre a diferença de pastores e pastoras de outras origens em relação aos de origem étnica teuto-brasileira. Segundo as respostas dos agentes, os pastores e pastoras de outras origens são menos rígidos, mais abertos e acolhedores, são criativos e missionários e isso é positivo na dinâmica da IECLB quando se visa a expansão da igreja no Brasil.

Tabela 32 - Diferenças percebidas em pastores/pastoras de outras origens

	Respostas	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Sofrem discriminação/preconceito/racismo	9	5,2	21,4	21,4
São menos rígidos e/ou mais abertos	5	2,9	11,9	33,3
São mais receptivos e/ou acolhedores e menos rígidos e/ou mais abertos	5	2,9	11,9	42,9
Dificuldades em conseguir vagas de emprego	3	1,7	7,1	50,0
São mais receptivos e/ou acolhedores	3	1,7	7,1	57,1
Mais tradicionalistas	3	1,7	7,1	64,3
Têm mais paixão pelo trabalho	2	1,2	4,8	69,0
Têm dificuldade em compreender aspectos da etnicidade teuto-brasileira	2	1,2	4,8	73,8
Combatem a influência étnica	1	,6	2,4	76,2
São mais criativos	1	,6	2,4	81,0

Em comparação, são mais voltados para as questões sociais	1	,6	2,4	83,3
Sofrem discriminação/preconceito/racismo tendo menos aceitação nas comunidades	1	,6	2,4	85,7
Sofrem discriminação/preconceito/racismo e, em comparação, são mais voltados para questões sociais	1	,6	2,4	88,1
Preconceito/racismo, discriminação por não terem sobrenome de origem alemã	1	,6	2,4	90,5
Sofrem discriminação/preconceito/racismo tendo dificuldades de conseguir vagas	1	,6	2,4	92,9
São mais receptivos e/ou acolhedores, mais missionários	1	,6	2,4	95,2
São mais receptivos e/ou acolhedores e mais voltados para questões sociais	1	,6	2,4	97,6
São menos rígidos e/ou mais abertos e são mais criativos	1	,6	2,4	100,0
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>24,3</b>	<b>1000</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 33 estão expostas as características apontadas pelos agentes sobre os pastores e pastoras de origem teuto-brasileira comparados com os de outras origens. Foram ressaltados alguns pontos negativos como sentimento de superioridade e reafirmação da tradição alemã. Pastor 117: “Infelizmente, vejo como usual que pastores de origem alemã se sentem pertencentes a uma classe superior e têm sérias dificuldades de considerar que outras bases culturais também sejam válidas.; pastor 7: “Dos de origem alemã uma busca de reafirmação (d)a ‘tradição alemã’ que é confundida com o ser igreja a partir da Bíblia”.

Seis agentes reafirmam a tradição alemã, quatro afirmam que esses têm uma maior aceitação por parte das comunidades, dois apontam que eles têm também uma maior integração. Foi apontado nas respostas de alguns pastores e pastoras um fator muito importante. A origem étnica é um fator importante na definição das hierarquias de poder dentro da igreja, como aponta o Pastor 113: “Acredito que os pastores de origem alemã têm mais visibilidade e espaço para ocuparem cargos de poder. Tem maior aceitação nas comunidades”.

Também a definição de um bom pastor parece estar ligada à etnicidade, conforme observação do pastor 127: “Os/as de origem alemã são mais formais normalmente. Têm o que se costuma chamar de ‘postura pastoral’ (tipicamente solene, formal e até fechado). Mas nem todos que vêm dessa origem são assim ou concordam com isso!”; e também do próprio luteranismo, segundo o pastor 71: “[...] os não de origem alemã são considerados menos luteranos”.

Cada religião tem seus critérios de definição para a hierarquização do seu corpo sacerdotal. Na IECLB as práticas/características da etnicidade parecem ser critérios

fundamentais. Portanto, a questão é muito mais profunda, o germanismo não é uma “questão superada”, “algo do passado”, só porque os cultos não são mais realizados 100% em alemão ou porque os membros se comunicam em português e não escutam mais “músicas típicas”. Como vimos, as práticas da etnicidade se mortificam ao longo do tempo, mas a separação nós x eles ainda está presente e, para além disso, a etnicidade está profundamente presente, mas não de maneira eschachada. A definição de bom, de correto, de ideal, do esperado e almejado está diretamente relacionado às características e práticas da etnicidade nos moldes atuais de tal pertencimento. Por isso, a postura pastoral, o nível de “luteranidade” e, por consequência, os critérios de seleção, ascensão e hierarquização são ligados à etnicidade.

Espera-se um pastor (preferencialmente um pastor e não uma pastora, se for um casal pastoral a pastora tem mais chances de ser aceita) sério, que cumpre as regras, honesto, responsável, pontual, organizado, comprometido, racional, intelectualizado, prático, mas simples, que valorize a família, a educação, o trabalho na agricultura e a ética do trabalho.

Pode se argumentar que isso é o que se espera de qualquer pastor, independente se luterano ou não. Contudo, se olharmos comparativamente não necessariamente é isso que se espera de um pastor em todas as igrejas. Por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, a ascensão na carreira pastoral passa pela performance, não no sentido sociológico, mais para o sentido do entretenimento. Um critério de seleção importante não é se se fala alemã, mas sim o quanto ele consegue captar de recurso financeiro. Um pastor fechado, sério e que cumpre as regras terá mais dificuldades de conseguir o que é desejado que se alcance nos critérios da Igreja Universal. Conforme Silveira (2006), no caso da Igreja Universal do Reino de Deus o que se espera de um bom pastor:

(...) ele precisa ser um bom ator, cujas qualidades teatrais são confirmadas mediante uma simples divisão do número de pessoas frequentes no culto pela oferta arrecadada. Conforme observou Campos (1997, p.101), o culto iurdiano assemelha-se a um teatro de arena, no qual o pastor é o ator principal, que tem o seu desempenho avaliado com base na sua produtividade, ou seja, na sua capacidade de arrecadar dinheiro. É isso que “distingue o ‘pastor de sucesso’ do ‘pastor improdutivo’”. Assim, quanto mais “produtivo” o pastor for, mais ele terá condições de ser promovido na hierarquia eclesiástica (SILVEIRA, 2006, p. 120).

Portanto, seu desempenho na área financeira será determinante para que ele obtenha uma série de vantagens, como, por exemplo, acesso a programas de rádio, aparições na TV e, principalmente, nomeação para templos maiores, o que significa salários maiores (na IECLB o tamanho do templo/número de membros não define o salário do pastor). Em suma, Mariano (1999, p.64) afirma que “dedicação, profissionalismo e aumento de produtividade (isto é,

aumento de arrecadação, do número de congregações, fiéis e dizimistas, em parte decorrente da longa jornada de trabalho dos pastores) estão entre as principais exigências feitas aos pastores e bispos da igreja”.

Tabela 33 - Diferenças percebidas entre pastores/pastoras de origem alemã comparando com os de outras origens

	Respostas	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Reafirmam a tradição alemã	6	3,5	22,2	22,2
Tem uma maior aceitação por parte das comunidades	4	2,3	14,8	37,0
Maior integração cultural/étnica	2	1,2	7,4	44,4
Têm vantagem por falar alemão	1	,6	3,7	48,1
São mais rígidos, mais conservadores	1	,6	3,7	51,9
valorizam a história da igreja	1	,6	3,7	55,6
Seguem a teologia luterana	1	,6	3,7	59,3
Mais metódicos e/ou mais formais	1	,6	3,7	63,0
São mais rígidos, mais conservadores e valorizam a história da igreja	1	,6	3,7	66,7
valorizam a história da igreja e da teologia luterana	1	,6	3,7	70,4
Reafirmam a tradição alemã, são mais metódicos e mais formais	1	,6	3,7	74,1
Reafirmam a tradição alemã, possui um sentimento de superioridade	1	,6	3,7	77,8
Têm vantagem por falar alemão, têm uma maior possibilidade de crescer na hierarquia da igreja	1	,6	3,7	81,5
Têm vantagem por falar alemão e possuem um sentimento de superioridade	1	,6	3,7	85,2
Têm vantagem por falar alemão, têm uma maior aceitação por parte das comunidades	1	,6	3,7	88,9
São mais rígidos, mais conservadores, mais metódicos e mais formais	1	,6	3,7	92,6
Possuem uma maior possibilidade de crescer na hierarquia da igreja e têm uma maior aceitação por parte das comunidades	1	,6	3,7	96,3
Reafirmam a tradição alemã, possuem uma vantagem por falar alemão e têm uma maior aceitação por parte das comunidades	1	,6	3,7	100,0
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>15,6</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 34 estão os dados que não falam de características específicas de um ou de outro grupo. Dezesesseis agentes reafirmaram que não notam diferenças entre os pastores e pastoras que origem étnica teuto-brasileira em relação aos de outras origens. Quatro afirmam

notar que eles têm maneiras diferentes de serem pastores, três notam maneiras diferentes de agir e dois que os grupos possuem maneiras diferentes de ver o mundo. A resposta do Pastor 76 afirma que as diferenças residem no: “Sotaque, usos e costumes. Um jeito diferente de pastorear. Ênfases no pastorado. Por isso, às vezes, temos conflitos entre ministro/a e comunidade”.

Tabela 34 - Diferenças percebidas entre pastores/pastoras de origem alemã e pastores/pastoras de outras origens

	Respostas	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Não nota diferenças	16	9,2	57,1	57,1
Maneiras diferentes de ser pastor	4	2,3	14,3	71,4
Maneiras diferentes de ser e agir	3	1,7	10,7	82,1
Visões de mundo diferentes	2	1,2	7,1	89,3
Modo de fala/sotaque e exemplos nas pregações são diferentes	1	,6	3,6	92,9
Modo de falar/sotaques diferentes e culturas diferentes	1	,6	3,6	96,4
Maneiras diferentes de ser e agir, modo de falar/sotaque e maneira diferentes de ser pastor	1	,6	3,6	100,0
Total	28	16,2	100	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os pastores e pastoras de origem alemã possuem uma imagem positiva por serem de origem étnica teuto-brasileira. Suas características são valorizadas e servem de exemplo de conduta para seus membros, inclusive crianças. Portanto, esses pastores e pastoras que são considerados bons pastores e pastoras são considerados pelas características da etnicidade e ao serem figuras de autoridade e modelo de conduta acabam por reproduzir a etnicidade para os membros da sua comunidade de todas as gerações. Ser sério, honesto, persistente, trabalhador, educado são características que esses pastores e pastoras apontaram como sendo derivadas do seu pertencimento étnico, são também características descritas de como a igreja é vista e são valores passados aos seus membros de forma consciente e inconsciente, ou seja, gerando um *habitus* teuto-brasileiro luterano. Ao utilizar a língua alemã em espaços de reunião da comunidade, sendo o culto o espaço de comunhão de todas as gerações, os pastores e pastoras estão agindo como divulgadores da etnicidade, pois reforçam-na nos momentos ritualísticos sagrados. Portanto, os pastores e pastoras constituem um importante agente da promoção de uma etnicidade teuto-brasileira.

Seguindo a teoria de Bourdieu (2002), a prática é condicionada a uma avaliação subjetiva das chances de sucesso dessa determinada prática em questão. São ajustamentos

subjetivos que os indivíduos fazem em relação à sua carreira, à sua escolarização, definidos a partir do que parece razoável ou não a partir do lugar que ele ocupa dentro da estrutura social. Essa avaliação tem como base questões aprendidas anteriormente e um *ethos* que, juntos, são uma espécie de matriz de avaliação se determinada ação terá ou não sucesso. Assim, as práticas podem ser ajustadas conforme essas avaliações subjetivas. Portanto, podemos analisar pelas respostas dos agentes que as práticas da etnicidade apresentam-se como positivas no ambiente da IECLB, elas são uma vantagem em processos seletivos, os aproximam dos membros e geram oportunidade de integração com os pares. As práticas da etnicidade são bem-sucedidas no ambiente da igreja e por isso são reforçadas pelos agentes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa de campo analisados no capítulo anterior, podemos identificar o perfil dos pastores e pastoras da IECLB, especialmente a correlação entre gênero, etnia, origem social, trajetória educacional e os percursos e trajetórias profissionais desses agentes.

Primeiramente, foi possível observar que a maioria dos pastores são homens, as pastoras representam uma minoria de 25% do total pesquisado e elas são, em sua maioria, jovens. Quando relacionados gênero e idade, foi possível perceber uma mudança no perfil dos pastores e pastoras: quanto maior a faixa etária, também maior é o número de homens. A realidade ainda é majoritariamente formada por homens com mais de 40 anos. Porém, está ocorrendo uma mudança no perfil dos pastores e pastoras da IECLB: ao longo dos anos as mulheres vêm ocupando mais espaço nessa profissão, as gerações mais novas são mais diversas no quesito gênero.

Os pastores e pastoras em sua maioria passaram sua infância e adolescência na zona rural, indo na contramão da tendência geral da população brasileira. Seus pais eram em maioria agricultores e trabalhadores da indústria. Esses dados dão uma boa ideia de qual em geral é a origem social dos pastores e pastoras luteranos. Mas, para um aprofundamento na argumentação da origem social, também analisamos a questão dos percursos educacionais e percebemos que mais da metade deles estudou em escolas públicas. Também um grande número deles estudou em escolas confessionais e ensino técnico integrado ao ensino médio. Os dados mostram que 61,7% trabalharam durante a infância e/ou adolescência; 1,7% deles tiveram trabalhos temporários e 36,6% não trabalharam durante a infância e adolescência.

Portanto, podemos perceber vários indicadores relacionados a posições desprivilegiadas socialmente, a maioria deles estudou em escolas públicas, uma grande porcentagem estudou no período noturno, trabalhando e estudando ao mesmo tempo, também a maioria é de áreas rurais e filhos de trabalhadores. A partir disso, podemos concluir que a origem social dos pastores e pastoras é em famílias que **ocupam uma posição desprivilegiada socialmente**.

Ainda pudemos constatar que a etnicidade teuto-brasileira é também uma característica muito marcante dos agentes e que essa etnicidade igualmente gera hierarquias dentro do campo. Noventa e dois por cento dos agentes da amostra têm uma sua origem familiar teuto-brasileira, mais da metade deles comunicava-se em alemão em ambiente familiar.



Obtivemos que 90,8% dos pastores e pastoras são de famílias luteranas. Em menos de 10% dos casos os pais dos agentes não eram luteranos, ou seja, em 9,2% dos casos os pastores não são luteranos de berço. Também dos 173 pastores e pastoras da amostra, apenas 40 deles (23,1%) tinham algum familiar também pastor/pastora. Os graus de parentesco que mais apareceram foram irmão/a e primo/a, mas esses dois principais graus de parentesco representam apenas 35% dos casos, indicando uma realidade heterogênea.

A tendência do trabalho repetiu-se no ensino superior, novamente a maioria dos agentes trabalhou enquanto realizava sua formação no ensino superior. É importante destacar que 84,4% dos agentes realizaram o curso superior em teologia da EST e essa é uma faculdade particular. Conciliar trabalho e estudos e se manter financeiramente foram as maiores dificuldades apontadas pelos agentes durante o período de formação superior. A maior dificuldade relatada pelos pastores e pastoras foi a questão financeira. A dificuldade financeira apareceu em vários graus e interagindo com outros fatores. Mas, de uma maneira ou outra, a grande maioria relata ter passado por dificuldades financeiras durante a faculdade.

Os agentes justificaram sua escolha de estudar na EST relatando que essa era a única instituição existente em determinado período, mas também foram apontados a orientação do pastor local e o fato da instituição ser a referência. O pastor/pastora local ocupa uma posição central nas trajetórias dos agentes. Um dos principais agentes de divulgação da possibilidade de se realizar o curso de teologia era o pastor/pastora local, além da comunidade de origem e da família. Também o pastor/pastora foi um dos principais motivadores de se realizar o curso de teologia. Outros grandes motivados foram o chamado de Deus, o incentivo da família, a vida na igreja e a vocação ao pastorado.

Um ponto compartilhado por quase todos os pastores e pastoras é o luteranismo de berço, ou seja, quase todos eram luteranos desde que nasceram e suas famílias vinham de uma tradição luterana. Esse perfil é bem diferente do perfil de outros pastores, como os neopentecostais, que além de não necessariamente precisarem ter o curso superior em teologia, têm a conversão como um ponto importante na sua trajetória de vida. Outro ponto que os diferencia é que os pastores de denominações neopentecostais em muitos casos não têm o pastorado como uma profissão, eles exercem outra atividade laboral concomitantemente que gera o sustento financeiro para sua família.

Os dados indicam que 55,8% dos pastores e pastoras atuam em cidades de pequeno e médio porte, e 44,2% deles atuam em cidades de grande porte. A maioria deles já atuou em algum momento da carreira no estado do Rio Grande do Sul, seguido pelos demais estados da

região Sul: Santa Catarina e Paraná. A maior parte dos pastores e pastoras da amostra já estão no pastorado há vinte anos ou mais. Tempo de pastorado e contingente de pastores crescem paralelamente, ou seja, quanto maior o tempo de atuação maior é o número de pastores em atividade.

Os agentes conseguem perceber em seus ambientes particulares que ainda existe uma relação entre igreja luterana e germanidade. A partir da pesquisa pudemos perceber que essa relação não é apenas uma das características da IECLB, mas sim um fator crucial na formação da hierarquia da igreja. Muitos postos de trabalhos têm como critério de seleção elementos da etnicidade teuto-brasileira, como falar alemão. Também o que é entendido subjetivamente como um bom pastor corresponde às características da etnicidade. Os “outros” relatam que são vistos como maus pastores por não serem da origem étnica, eles precisam provar sua competência.

Quando perguntados aos agentes como eles percebem que as pessoas de fora veem a igreja, 36,80% dos pastores e pastoras (dos 163 que responderam a esta questão) acreditam que a IECLB é vista pelos de fora como a igreja dos alemães; 25,15% dos pastores e pastoras acreditam que a igreja é vista como uma igreja séria e 17,79% deles acreditam que a IECLB é vista como uma igreja fechada. Algumas características da igreja se confundem com as características da etnicidade, refutando a tese de que tal ligação ficou no passado e hoje não é mais uma igreja ligada à germanidade. Ela se torna um agente dessa etnicidade nos seus ritos, festas, músicas, bailes.

Além disso, segundo a opinião dos pastores, as pessoas de fora da igreja ainda a veem como uma igreja de alemães e características da igreja são homólogas a características da etnicidade, ao passo que ela é definida pelos de fora como uma igreja fechada, séria, tradicional, organizada. Características que também são utilizadas para caracterizar o grupo étnico teuto-brasileiro. Assim, por exemplo, a igreja luterana é rígida porque seus membros são rígidos e, em certo sentido, seus membros são rígidos porque sua igreja (sua socialização desde o culto infantil) é rígida. De tal modo o sistema se retroalimenta, os indivíduos internalizam o exterior do seu contexto de religião e fé e também exteriorizam sua rigidez no fazer da instituição.

A maioria dos agentes afirma que a origem étnica tem impacto no trabalho: 82% deles acreditam haver impacto. Dentre os exemplos desse impacto estão citados fatores, como: comunicação mais fácil com os membros da mesma origem e saber falar alemão, além disso, eles também apontam que a origem étnica teuto-brasileira os faz ser melhores aceitos pela comunidade.

Os agentes concordam que falar alemão influencia no trabalho pastoral e, além disso, nos dados da presente pesquisa vimos que 54,4% dos pastores e pastoras não se comunicam em alemão com seus membros, 45,7% deles comunicam-se em alguma medida em alemão com seus membros. Esses 45% comunicam-se em alemão com seus membros em diversos ambientes, o que leva a crer que tal comunicação não ocorre apenas com pessoas mais velhas, mas sim com diferentes gerações, já que diferentes gerações frequentam diferentes espaços dentro da igreja. Por outro lado, em outra questão, os agentes afirmam que não falar alemão acarreta dificuldades no seu trabalho, inclusive nos processos seletivos, não por uma real necessidade imprescindível de falar alemão para realizar o trabalho, mas como critério de pertencimento. É interessante perceber que mesmo na maioria das comunidades a principal atividade da comunidade, o culto, não é celebrado em alemão, seu valor simbólico de saber comunicar-se na língua se mantém, mesmo que na prática não seja realmente um critério essencial para a decisão de escolher um pastor/pastora. Assim, nos parece que os pastores e pastoras que não têm uma identificação étnica enfrentam algumas dificuldades na carreira como pastor/pastora luterano, pois, como vimos, o pertencimento étnico influencia na aceitação, na comunicação e nos processos seletivos.

Portanto, podemos observar que o falar alemão parece ser uma prática da etnicidade bastante acionada no campo de atuação dos agentes. Para além disso, ela é um mecanismo de hierarquização na medida que é vista em algumas realidades como um “abono”, ou como “requisito”, portanto assumir tal prática é um fator que influencia nas possibilidades abertas aos pastores e pastoras.

Também é possível perceber que os pastores e pastoras são elementos importantes da divulgação e difusão da etnicidade, pois o que é considerado um bom pastor é homólogo às características da etnicidade, e uma dessas características é o falar alemão. Eles utilizam a língua alemã em espaços em que são a figura de autoridade como nos cultos ou nas festas da igreja.

Metade dos pastores e pastoras afirma conhecer casos de colegas que enfrentaram dificuldades no trabalho por não serem de origem teuto-brasileira. Dezoito agentes responderam que a dificuldade enfrentada por pessoas de origem não teuto-brasileira é o racismo/preconceito racial com negros. A questão do racismo também apareceu relacionada a outros fatores, como gênero.

Um aspecto interessante que foi bastante ressaltado foi a questão do que é considerado um bom pastor. Três respostas apontaram esse problema - o “não é um bom ministro por não

ser de origem étnica teuto-brasileira” -, outros dois agentes apontaram que “os não teuto-brasileiros precisam provar sua competência” e que há uma dúvida da capacidade dos não teuto-brasileiros. Isso influencia na questão das vagas de emprego. Em alguns casos há uma vantagem para os teuto-brasileiros, pois esses “saem na frente” por saberem falar alemão, pelo fenótipo branco ou pelo sobrenome de origem alemã. Além disso, muitas vezes os teuto-brasileiros são melhor aceitos pelos membros e isso pode pesar na decisão de para quem irá a vaga em aberto.

O fato é que a etnicidade, fenótipo caucasiano, sobrenome de origem alemã e suas práticas, o falar alemão, conhecer os mitos de origem comum, a reafirmação da tradição, assumir práticas positivadas por aqueles que pertencem ao grupo étnico, entre outros, são fatores que podem ser determinantes na ascensão e no prestígio social dos pastores e pastoras. Aqueles que assumem as práticas da etnicidade possuem vantagens em comparação àqueles que não assumem. Mas cabe ressaltar que não é somente o assumir a prática, pois, como vimos, o fenótipo também é fator importante nessa dinâmica, o que não desaparece simplesmente ao assumir as práticas, como consta no relato da pastora 164.

Portanto, a questão é muito mais profunda, o germanismo não é uma “questão superada”, “algo do passado”, só porque os cultos não são mais realizados 100% em alemão ou porque os membros se comunicam em português e não escutam mais “músicas típicas”. Como vimos, as práticas da etnicidade se mortificam ao longo do tempo, mas a separação nós e eles ainda está presente e, para além disso, a etnicidade está profundamente presente, mas não de maneira escrachada. A definição de bom, de correto, de ideal, do esperado e almejado está diretamente relacionado às características e práticas da etnicidade nos moldes atuais de tal pertencimento. Por isso a postura pastoral, o nível de “luteranidade” e, por consequência, os critérios de seleção, ascensão e hierarquização são ligados à etnicidade.

Os pastores e pastoras de origem alemã possuem uma imagem positiva por serem de origem étnica teuto-brasileira. Suas características são valorizadas e servem de exemplo de conduta para seus membros, inclusive crianças. Portanto, esses pastores e pastoras que são considerados bons pastores e pastoras são considerados pelas características da etnicidade e ao serem figuras de autoridade e modelo de conduta acabam por reproduzir a etnicidade para os membros da sua comunidade de todas as gerações.

Para finalizar, na dissertação de mestrado defendida em 2001 e intitulada *O processo de abasileiramento da 'igreja dos alemães'*, Behs apresenta em suas considerações finais, em tom de concordância, um trecho da resposta de um dos seus entrevistados, o pastor Walter Altmann (figura proeminente na IECLB). Altmann coloca muito bem que: “Acredito que não

há nenhuma dúvida hoje quanto ao aspecto que a IECLB é uma igreja proveniente da Reforma luterana, com raízes na igreja da Alemanha, através da imigração de alemães ao Brasil, mas totalmente consciente de ser uma igreja no solo brasileiro”. Porém ele acredita que “o capítulo da germanidade está encerrado”. Acredito que essa seja uma afirmação muito dura de se fazer, inclusive no tempo em que foi feita, 20 anos atrás. Na opinião de Behs é necessária uma vontade política dos atores do campo: “O processo de abasileiramento da IECLB não está concluído. Ele independe de regras, leis, regulamentos e definições. Depende muito mais de uma vontade política e adesão de fiéis, pastores, lideranças a uma Teologia, liturgia, diaconia e testemunho encarnados na realidade brasileira” (BEHS, 2001 p. 141).

É importante frisar que não é meu objetivo declarar que a IECLB é uma igreja germânica, concordo com a primeira parte da resposta de Altmann. Mas, também, 20 anos depois dessa fala, o capítulo da germanidade não está encerrado, está presente em diversos níveis, quer seja nos ritos, quer seja nas hierarquias institucionais ou nos julgamentos de valor.

Proponho que observemos os dados coletados na presente pesquisa e realizemos a seguinte reflexão: Se em 2001 Behs (2001, p.141) e seu entrevistado, Altmann, chegaram à conclusão que “o alemão não é mais ensinado no sagrado reduto do lar”, que “o capítulo da germanidade está encerrado” e que o alemão é utilizado apenas “por razões mais poimênicas para com pessoas de idade”, seria possível 20 anos após a publicação de tal estudo encontrarmos os dados que foram encontrados nesta pesquisa? Quase 70% dos pastores e pastoras falavam alemão no ambiente familiar, 92% deles acreditam haver uma relação entre igreja e germanidade, 91% afirmam que saber ou não falar alemão influencia no seu trabalho como pastor, bem como 82% acreditam que sua origem étnica impacta no trabalho como pastor. Também 45,7% têm o hábito de comunicar-se em alemão com os membros, os idosos são mencionados em apenas 15% dos casos, foram mencionados 12 espaços e situações em que os pastores e pastoras comunicam-se em alemão na igreja. Para finalizar, praticamente metade deles (49%) afirmam conhecer casos de dificuldades relacionados à origem étnica enfrentados por pastores e pastoras no seu ambiente de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Andrew. **The system of professions: an essay on the division of expert labor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BAHIA, Joana. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2000.
- BAHIA, Joana. Religião e as fronteiras migratórias. **Revista Acadêmica Licencia&Acturas**, Ivoti, v. 5, n. 2, p. 44-57, jun. 2017.
- BALSADI, Otavio Valentim. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 155-165, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n1/8599.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BAIRON, Sérgio. O Fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão. **Revista História**, São Paulo, n. 129-131, p. 19-30, dez. 1994.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo: Ensaio sociológicos sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/353/1/305%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BEHS, Edelberto. **O Processo de Abrasileiramento da "Igreja dos Alemães"**. 2001. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul, v. 3, n. 5, p. 141-151, jun. 2009.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015 [1964]. 171 p. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992 [1970].
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1971]. Cap. 2. p. 27-78.
- BOURDIEU, Pierre. Uma interpretação da sociologia da religião de Max Weber. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1971]. p. 79-98.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. Oeiras: Celta Editora, 2002 [1972].

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique de. La sainte famille: l'épiscopat français dans le camp du pouvoir. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, p. 02-53, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CARDOSO, Ruth C. L. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. **Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1-2, p. 101-122, 1959.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos selecionados de Morgan, Taylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Márcio de. O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.87-113, jan. 2018. Sociedade Brasileira de Sociologia. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.235>. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/343>>. Acesso em: 20 set. 2019.

COLLINS, Randall. **Quatro Tradições Sociológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009 [1991].

DIANTEILL, Erwan. Pierre Bourdieu e a religião: síntese crítica de uma síntese crítica. **Revista das Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 34, n. 2, p. 30-42, 2003.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade**: Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre: Editora Sinodal, 1984.

DREHER, Martin Norberto. Hermann Gottlieb Dohms: um perfil biográfico. **História**, São Paulo, v. 23, p.133-159, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/his/v23n1-2/a08v2312.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p.351-367, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/03.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

DURKHIEM, Émilie. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1895].

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 [1965].

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003 [1933].

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 16, n. 24, p.61-73, out. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23628/21249>>. Acesso em: 14 set. 2019.

GAVIÃO, Leandro. A Construção da Identidade Latino-americana: uma análise da contribuição dos intelectuais ibero-americanos (1889-1932). **Revista Neiba: cadernos Argentina - Brasil**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-46, nov. 2013.

GERTZ, René Ernani. Os Luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p.09-33, jun. 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/56/115>>. Acesso em: 05 out. 2019.

GERTZ, René Ernani. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. O legado de Carlos Hasenbalg. **Afro-Ásia**, Rio de Janeiro, v. 53, p.277-290, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/06/22477-76606-1-SM.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação de desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CENSO DEMOGRÁFICO 2010**: População residente, por religião. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>>. Acesso em: 05 out. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Estatuto do Ministério com Ordenação**. Porto Alegre: 2015. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 05 out. 2019.

IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Estatísticas IECLB: 2017 – Ano base 2016**. Porto Alegre: 2017. Disponível em: <[https://aplicativosieclb.org.br/docs/ESTATISTICA\\_IECLB\\_2017\\_ANO\\_BASE\\_2016.pdf](https://aplicativosieclb.org.br/docs/ESTATISTICA_IECLB_2017_ANO_BASE_2016.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2019.

IELB, Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Sobre Nós**. 2019. Disponível em: <<https://www.ielb.org.br/institucional>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório Brasil no PISA 2018**: versão preliminar. Distrito Federal: Inep, 2019. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf)>. Acesso em: 20 março 2021.



KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KLUG, João. **Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938)**. 1991. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MAGEDANZ, Mauri. **Vagas Ministeriais**: Como ir além da ‘vaga’ e mostrar mais a ‘Comunidade viva’. 2012. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/vagas-ministeriais>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MALTZAHN, Paulo César. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (da década de 1980 até os dias atuais)**. 335 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universa. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 20 março 2021.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 43, n. 119, p. 11-36, abr. 2011.

McGRATH, Alister. **A revolução protestante**. Brasília: Palavra, 2012.

MICELI, Sérgio. A emoção raciocinada. In: BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo e identidade e etnia**. In: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003, Niterói. Palestra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

NEUMANN, Rosane Marcia. Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 94-107, jun. 2014.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de os grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

RAMBO, Arthur Blasio. O teuto-brasileiro e sua identidade. In: FIORI, Neide Almeida (Org.). **Etnia e Educação**: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis; Tubarão: Editora da UFSC; Editora Unisul, 2003. Cap. 2. p. 63 - 92.

- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2002 [1960].
- SCHNEIDER, Sergio. Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul. **Revista Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 298-323, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SEIDL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. 2003. 462 f. Tese (Doutorado) - Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SEIDL, Ernesto. Sociologia da Vocação Religiosa: reprodução familiar e reprodução da igreja. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 29, n. 14, p. 240-2775, abr. 2012.
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, Aug. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica: notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no Sul do Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 20, p.57-71, 1986.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais: BIB**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 25, p.3-55, jan. 1988. Disponível em: <<http://www.anpocs.org/index.php/edicoes-anteriores/bib-25>>. Acesso em: 28 out. 2019.
- SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p.143-176, nov. 2000.
- SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (Org.). **Etnia e Educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis; Tubarão: Editora da UFSC; Editora Unisul, 2003. Cap. 1. p. 21-61.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro. In: **Anais do 32 Encontro Anual da ANPOCS**, 32., 2008, Caxambu.
- SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais: RBCS**, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 47-62, out. 2011.

SILVA, Anderson Aparecido Lima da. A teoria da prática de Pierre Bourdieu: entre estruturalismo e fenomenologia. **Kínesis**, Marília, v. 8, n. 18, p.31-45, dez. 2016. Disponível em:

<[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/3\\_andersonaparecidosilva.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/3_andersonaparecidosilva.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVEIRA, José Roberto. Pastores em Crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. **Âncora: Revista Digital de Estudos em Religião**, v. 1, p. 106-127, maio 2006.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUSA, Paulo Tarso. Teoria da jurisdição e capital social: abordagens para o estudo do profissional da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p.41-50, ago. 2007. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/11/pdf\\_44046a1b5b\\_0012753.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_44046a1b5b_0012753.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. Protestantes luteranos de Londrina (PR) e Germanidade: interpretações sociológicas sobre a composição religiosa brasileira do início do século XXI. In: XXIV SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UEL, 2013, Londrina. **Anais da XXIV Semana de Ciências Sociais da UEL "Ciências Sociais: Desafios contemporâneos"**. Londrina, 2013. v. 1, p. 1-10.

STRECK, Valburga Schmiedt; BLASI, Marcia. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 222-240, jun. 2009.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000 [1922].

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WITT, Marcos Antônio. Excepcionais normais? A(s) trajetória(s) de três pastores no Sul do Brasil (1824-1893). **História Unisinos**, v. 20, n. 3, p.287-299, 10 ago. 2016. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos.

WITTER, Teobaldo. **A prática solidária luterana, no Sínodo Mato Grosso-IECLB, MT: dimensões teológica e pedagógica**. 2019. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

ZAPELINI, Camila Lima. **Identidade étnica alemã no Sul do Brasil no anuário Koseritz Deutscher Volkskalender Für Brasilien (1934 - 1938)**. 2015. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

## APÊNDICE A – Autodeclaração de origem familiar

Tabela 35 - Autodeclaração de origem familiar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Alemã	78	45,1	45,1	45,1
Germânica	20	11,6	11,6	56,6
Alemã-russa	13	7,5	7,5	64,2
Pomerana	12	6,9	6,9	71,1
Alemã e portuguesa	5	2,9	2,9	74,0
Alemã e austríaca	3	1,7	1,7	75,7
Alemã e brasileira	2	1,2	1,2	76,9
Alemã e pomerana	2	1,2	1,2	78,0
Alemã e polonesa	2	1,2	1,2	79,2
Teuto-brasileira	2	1,2	1,2	80,3
Alemã e negra	2	1,2	1,2	81,5
Brasileira	1	,6	,6	82,1
Portuguesa	1	,6	,6	82,7
Alemã e espanhola	1	,6	,6	83,2
Alemã e holandesa	1	,6	,6	83,8
Alemã e germânica	1	,6	,6	84,4
Alemã e russa	1	,6	,6	85,0
Alemã e francesa	1	,6	,6	85,5
Alemã e alemã-russa	1	,6	,6	86,1
Germânica e polonesa	1	,6	,6	86,7
Alemã e luxemburguesa	1	,6	,6	87,3
Alemã e judaica	1	,6	,6	87,9
Alemã e hunsrück	1	,6	,6	88,4
Alemã, brasileira e italiana	1	,6	,6	89,0
Alemã, indígena e italiana	1	,6	,6	89,6
Alemã, portuguesa e italiana	1	,6	,6	90,2
Alemã, pomerana e holandesa	1	,6	,6	90,8
Brasileira e germânica	1	,6	,6	91,3
Indígena e teuto-brasileira	1	,6	,6	91,9
Holandesa e ucraniana	1	,6	,6	92,5
Alemã, espanhola, indígena e portuguesa	1	,6	,6	93,1
Alemã, indígena, portuguesa e italiana	1	,6	,6	93,6
Alemã, indígena, italiana e polonesa	1	,6	,6	94,2
Alemã, portuguesa e bucovinos	1	,6	,6	94,8
Alemã, italiana e luterana	1	,6	,6	95,4
Gaúcha e europeia	1	,6	,6	96,0
Estado unidense e austríaca	1	,6	,6	96,5
Alemã, luterana e hunsrück	1	,6	,6	97,1

▪ Alemã, indígena, italiana e negra	1	,6	,6	97,7
Indígena, germânica e negra	1	,6	,6	98,3
Portuguesa, italiana, polonesa e negra	1	,6	,6	98,8
Alemã, indígena, portuguesa, italiana, negra	1	,6	,6	99,4
Alemã, espanhola, italiana, polonesa, portuguesa e judaica	1	,6	,6	100,0
<b>Total</b>	<b>173</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

(Fonte: Produzido pela autora, 2021)